



VISTAS E COSTUMES
da cidade e arredores do

RIO DE JANEIRO
EM
1819-1820

segundo desenhos feitos pelo
T^{TE} CHAMBERLAIN R.A.

LIVRARIA KOSMOS EDITORA

RIO DE JANEIRO



SÃO PAULO

VISTAS E COSTUMES DA CIDADE E ARREDORES
DO RIO DE JANEIRO EM 1819 - 1820



COLEÇÃO
DE TEMAS
BRASILEIROS
VOLUME
NUMERO UM

JUSTIFICAÇÃO

Desta edição foi feita uma tiragem especial, de grande luxo e de formato maior, que consta de 321 exemplares, em papel Westerpost, todos encadernados e acondicionados em estôjo, com uma gravura colorida a mão.

Os seis primeiros exemplares, fora do comércio, são marcados com as letras de

A a F

Os demais exemplares, numerados de

1 a 315

são destinados nominalmente aos subscritores.

Os exemplares de

316 a 1315

constituem a tiragem comum.

EXEMPLAR

Nº 1182

VISTAS E COSTUMES
DA CIDADE E ARREDORES DO
RIO DE JANEIRO
EM
1819-1820

SEGUNDO DESENHOS FEITOS PELO
T.^{TE} CHAMBERLAIN,
DA ARTILHARIA REAL
durante os anos de 1819 a 1820
com descrições.

TRADUÇÃO E PREFÁCIO DE
RUBENS BORBA DE MORAES

EM SUPLEMENTO
TEXTOS DO ORIGINAL INGLÊS

LIVRARIA KOSMOS EDITORA
ERICH EICHNER & CIA. LTDA.

RIO DE JANEIRO



SÃO PAULO

✓
918.1541
C 443PM
VCO
1943

TÍTULO ORIGINAL:
VIEWS AND COSTUMES OF THE
CITY AND NEIGHBOURHOOD OF
RIO DE JANEIRO, BRAZIL

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob número 2020
do ano d 1972.

IMPRESSO NO BRASIL EM 1943
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

COPYRIGHT BY LIVRARIA KOSMOS
ERICH EICHNER & CIA. LTDA.
RIO DE JANEIRO | SÃO PAULO
R. ROSÁRIO, 137 | R. MARCONI, 91

P R E F Á C I O

Antes de 1808, era mais difícil penetrar no interior do Brasil que no Tibé, em fins do século XIX. Os estrangeiros que desembarcavam nos nossos portos eram recebidos com desconfiança e a polícia não os perdia de vista. Podiam demorar-se o tempo que quisessem à beira-mar, mas era muito difícil penetrar no "hinterland" ou transitar livremente. Afim de evitar o contrabando de ouro e diamantes, as Minas eram defendidas por um verdadeiro cordão policial, que não deixava passar ninguém sem exhibir passaportes nem esquecia revistar a bagagem. Vem daí a escassez de notícias sôbre o Brasil, de fonte estrangeira, antes da vinda da família real. As que existem falam apenas das cidades marítimas, dos portos onde podiam tocar os navios estrangeiros em trânsito, mas nunca do interior, mais ou menos proibido aos estrangeiros.

A abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, medida imposta a D. João VI pelos ingleses, não teve sômente as consequências conhecidas, mas, também, facultando a entrada de viajantes europeus, a do aparecimento de livros de viagens sôbre o Brasil, em quantidade cada vez maior.

Dadas as relações entre Portugal e Inglaterra, era natural que fôsem os ingleses os que logo nos visitassem. O primeiro livro descrevendo as Minas é o de John Mawe que, graças à política liberal do Conde de Linhares, ali conseguira penetrar. O sucesso que a obra alcançou demonstra a curiosidade que existia na Europa por tudo quanto tratava dêsse país longínquo, para onde tinha fugido um rei europeu. O mistério envolto em lendas eldoradescas e a curiosidade geral do público é que fizeram, provavelmente, com que um poeta como Southey lhe escrevesse a história e encontrasse um editor para os seus três gros-

sos volumes. Não resta dúvida que o nosso país foi um bom assunto para os livreiros europeus, em princípios do século XIX, como o é, hoje em dia, para os norte-americanos. Temos, sobre muitos países, a vantagem admirável de sermos descobertos, periodicamente, o que não deixa de ser muito agradável.

Entre os livros sobre o Brasil, publicados antes da nossa Independência, nenhum apareceu com tanto luxo quanto o de Chamberlain, **“Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro”**. Publicado em Londres, no ano de 1820, contém trinta e seis litografias coloridas, feitas segundo desenhos do autor. Muitas delas (cinco exatamente) são vistas panorâmicas desdobráveis, de proporções muito maiores que as outras. Cada gravura é acompanhada de um pequeno texto explicativo. A técnica empregada na reprodução dos originais foi a litografia. Inventada por Senefelder, vinte e poucos anos antes, a litografia andava revolucionando a arte da gravura. Permitia maiores tiragens e a reprodução dos desenhos saía mais perfeita. Os estabelecimentos Engelmann, em Mulhouse, e, mais tarde, em Paris, vulgarizaram e aperfeiçoaram a invenção. Os ingleses tornaram-se desde logo mestres da nova arte, sobretudo na reprodução de litografias coloridas. Muitas eram feitas em preto e, depois, coloridas a mão, ou realçadas com cores leves. As que formam o livro de Chamberlain si não são (seria exagero afirmá-lo) das mais belas feitas na Inglaterra, nessa época, são incontestavelmente as mais lindas gravuras coloridas que apareceram, naquele tempo, sobre assuntos brasileiros.

Sobre o autor quasi nada se sabia até bem pouco tempo. A sua personalidade era um mistério, que historiadores e bibliógrafos brasileiros procuravam desvendar em vão. Depois de pacientes pesquisas, o Sr. Joaquim de Sousa Leão, filho, conseguiu, porém, descobrir uma porção de dados interessantes, que tornam o aquarelista inglês bem mais atraente.

O autor de "Vistas e costumes do Rio de Janeiro" era o filho mais velho de Sir Henry Chamberlain, cônsul geral e encarregado de negócios de Sua Majestade Britânica no Rio de Janeiro, de 1815 a 1829. Representando os interesses ingleses no Brasil durante quinze anos, Sir Henry adquiriu, tanto junto a D. João VI quanto a D. Pedro I, um enorme prestígio. Não há dúvida de que foi a figura mais destacada do corpo diplomático acreditado nas côrtes portuguesa e brasileira durante todo o tempo em que aqui viveu.

Terminada a sua missão no Brasil, Chamberlain voltou à Inglaterra com uma carta de recomendação de D. Pedro I, que muito serviu para que, mais tarde, viesse a obter o título hereditário de "baronete".

O cônsul Chamberlain casou-se duas vezes. O nosso aquarelista, filho do primeiro matrimônio, nasceu em 1796. Dos oito filhos do segundo casamento, cinco eram varões e três mulheres. Dêsses, dois foram generais e um chegou a almirante. O mais célebre dêles foi o Marechal Sir Neville Chamberlain, famoso pelas suas campanhas na Índia, que era carioca de nascimento. Netos do cônsul foram o célebre estudioso do Japão, Basil Hall Chamberlain, e o famigerado Houston Chamberlain, casado com uma filha de Wagner. Descendentes de Sir Henry ainda vivem na Inglaterra e guardam muitas recordações do Brasil: aquarelas originais do nosso autor, um grande panorama, identificado por Joaquim de Sousa Leão, filho, como sendo do nosso tenente, e álbuns de família, cheios de desenhos, "croquis", vistas tomadas em nosso país e outros lugares por onde andou.

O Brasil tornara-se para os Chamberlain uma recordação familiar, não só pelo fato de ter aqui vivido o antepassado ilustre por tantos anos, mas também pela circunstância de terem incluído no brasão de armas uma esfera armilar, como que a lembrar

o país distante, onde Sir Henry havia prestado os serviços que lhe valeram o título de "baronete". Para terminar esta pequena digressão sobre os Chamberlain, será útil lembrar que o ex-"premier" Neville Chamberlain (o do "guarda-chuva", alcunha com a qual passará à história) não tinha nenhum parentesco com a família do antigo Cônsul Geral do Brasil.

Entre tão eminentes e históricos personagens não faz pequena figura, para nós, brasileiros, o filho mais velho de Sir Henry, autor do livro que hoje aparece pela primeira vez em edição brasileira.

Seguiu a carreira das armas e quando veio ao Brasil, em 1819, era tenente de artilharia. Mais tarde, esteve na Nova Zelândia, na Colônia do Cabo e nas Bermudas, levando a vida monótona de oficial de tropas coloniais. Faleceu nas Bermudas, de febre amarela, relativamente moço, com 48 anos de idade. Dotado de verdadeiro talento de pintor, não procurou desenvolver o dom que recebera. No seu tempo, não ficava bem a um nobre oficial do exército ter fama de pintor. Era, entretanto, muito elegante desenhar e pintar displicentemente como amador. Rabiscar "croquis" em álbuns, anotar impressões em aquarelas era de bom tom e só podia favorecer a fama de um oficial bem nascido. Podia até chegar a publicar, à própria custa, é claro, um livro de impressões de viagens. A fama de "artista" não era das que podia ambicionar um gentilhomen, oficial do exército de Sua Majestade. Esse preconceito tão arraigado na aristocracia européia impedia o desenvolvimento de muito talento verdadeiro e foi esta, talvez, uma das razões que levaram o nosso autor a publicar um único livro, reunindo apenas algumas de suas aquarelas sobre o Brasil. A edição saiu como convinha à obra de um nobre amador: edição de luxo, tiragem de poucos exemplares.

Mas Chamberlain não pintou somente o que publicou. Existem, dele, álbuns com dezenas de outros desenhos. Duas

dessas preciosas coleções estão, hoje, de posse de J. F. de Almeida Prado e Joaquim de Sousa Leão, filho. Êsses mesmos colecionadores possuem ainda quadros, aquarelas e desenhos inéditos do tenente de artilharia e aquarelista. Por êles se vê que Chamberlain não se limitou a percorrer as ruas do Rio de Janeiro à procura de cenas pitorescas, mas viajou pelo interior do Brasil. Descendo a costa e tocando em São Sebastião e Santos, esteve em São Paulo. Fez também a viagem clássica a Minas Gerais. De todos êsses lugares deixou “croquis” e aquarelas, que demonstram um fino sentido de observação e raro talento de desenhista. E’ pena que não publicasse um outro volume contendo vistas de tais lugares. Teriam um imenso valor documental, hoje em dia, sobretudo os desenhos feitos em São Paulo. Há tão pouca documentação iconográfica sôbre São Paulo, dessa época...

O nosso tenente foi, portanto, um verdadeiro viajante, no sentido em que bibliófilos e historiadores costumam empregar a palavra, embora não deixasse uma relação de suas excursões. Chamberlain não era cientista nem escritor mas apenas um aquarelista amador. Um tenente de artilharia que teve a oportunidade de fazer uma bela viagem a um país exótico e desconhecido. Em vez de pegar na pena e escrever um livro narrando o que viu, pegou no pincel e pintou o que tinha deante dos olhos. Espírito observador e honesto, reproduziu exatamente o que observou. Mas como não podia com o pincel descrever tudo quanto queria contar dos estranhos costumes do Rio, redigiu, para cada quadro, um comentário explicando tudo bem direitinho. Não teve outra pretensão. Nada mais quis senão mostrar aos seus compatriotas como era bela a paisagem e como eram exqu岸itos os costumes dos habitantes de São Sebastião. Daí o encanto ingênuo e o “humour” desses comentários tão exatos e cheios de informações. Lendo-os, agora, temos a mesma im-

pressão que deveriam ter tido os ingleses de há um século atrás. Para os britânicos civilizados de então, tudo aquilo era novo, estranho e pitoresco. Toda aquela vida de cidade exótica existia num país distante, como o é para nós, hoje em dia, perdida num passado longínquo. Para o artista e para o curioso, o livro de Chamberlain tem o duplo encanto de apresentar gravuras de uma beleza jamais igualada por qualquer outra obra contemporânea sobre o Brasil. Para o historiador, é um documento de primeira ordem para o estudo da vida brasileira e do aspecto da capital, nas vésperas da Independência.

Não é somente uma obra de arte. Repito que é um documento de primeira ordem e único, embora, ultimamente, alguns historiadores brasileiros tenham acusado Chamberlain de plagiário. Teria ele copiado desenhos de Joaquim Cândido Guillobel, artista português que veio para o Brasil em 1811? Não resta a menor dúvida que os desenhos que se conhecem do artista lusitano são extraordinariamente semelhantes a algumas das personagens reproduzidas nas gravuras de Chamberlain. Essa semelhança não viria do fato de terem pintado as mesmas cenas de rua? Ambos eram estrangeiros e a ambos o que devia impressionar era justamente o exótico e peculiar ao Rio de Janeiro. O que ambicionavam, como quasi todo pintor nascido antes da invenção da fotografia, era reproduzir exatamente o que viam. Não os interessava reproduzir uma emoção artística ou outro sentimento qualquer. Daí a semelhança fatal. E' preciso também não esquecer que não existe semelhança total, ou melhor, que nem todas as cenas de rua e as personagens reproduzidas por Chamberlain são iguais às de Guillobel. Apenas algumas delas, uma ou outra cena são de fato muito parecidas. O resto nada tem a ver com as miniaturas do artista português. Chamberlain foi um paisagista notável e não nos

deixou somente as vistas reproduzidas em sua obra, mas muitas outras que demonstram não ter sido êle um mero plagiário, mas um artista de valor, dos mais interessantes dentre os que nos visitaram na primeira metade do Século XIX. A semelhança entre algumas cenas pintadas por ambos em nada diminue o valor da obra do aquarelista inglês. Si o plágio ficar provado, a única coisa que ficará demonstrada é que, mais uma vez, a Europa curvou-se ante o Brasil...

Chamberlain pintou, como já dissemos, muito mais cenas e vistas que as escolhidas para reproduzir em seu famoso livro. Existem dêle desenhos e aquarelas que às vezes aparecem no mercado das raridades bibliográficas e são disputadas por preços elevadíssimos. Tem-se a impressão de que o artista selecionou as mais típicas, as que poderiam dar aos ingleses uma visão do quanto era diferente e característica a paisagem e os costumes do Rio de Janeiro. Que a escolha fôra bem feita, o sucesso da obra o demonstrou. Não era somente um livro que descrevia costumes e vistas do Rio, mas um belo álbum de gravuras, digno de tentar os bibliófilos de todos os países. Tornou-se logo raro, o que nos leva a crer ter sido muito limitada a edição, dada a técnica empregada para reproduzir os desenhos do autor; a litografia colorida a mão. Já era escasso no começo dêste século, onde abundavam obras antigas sobre o Brasil nos alfarrabistas europeus. Nestes últimos anos, ficou sendo um dos livros mais difíceis de se encontrar, ambicionado por isso mesmo por todos os colecionadores de brasiliana. No Brasil não existe mais de uma dezena de exemplares do livro de Chamberlain. Si o fato não deixa de causar um prazer egoísta ao feliz possuidor de um exemplar, todos nós não podemos deixar de lamentar o fato de uma obra tão útil para o estudo do nosso passado não ter sido até agora apreciada, como devia, por

maior número de pessoas. Reeditar o livro de Chamberlain é, por conseguinte, uma obra de benemerência, que ninguém contestará.

Essa emprêsa, árdua sob todos os pontos de vista, cabe à iniciativa de Erich Eichner e Norberto Geyerhahn, os livreiros que souberam, pela primeira vez, no Brasil, tirar o comércio de obras antigas dos cebos poirentos para colocá-lo no ambiente digno que lhe convém.

Infelizmente, "seu" Norberto, como era tão simpaticamente tratado pelos fregueses da Livraria Kosmos, faleceu sem ver realizado o seu velho sonho de livreiro-bibliófilo. Deixamos aqui a nossa homenagem à obra dêsse operoso livreiro, que tanto fez pelo desenvolvimento do mercado de livros raros e gravuras no Brasil.

Rio de Janeiro — Outubro de 1943.

RUBENS BORBA DE MORAES

NOTA DO TRADUTOR

Chamberlain não é um escritor fluente. Sua prosa é pesada, e, quasi sempre, confusa. Procurámos traduzi-lo com fidelidade e precisão, embora tivéssemos, com freqüência, de desdobrar os seus intermináveis períodos. Nem sempre conseguimos transportar, no mesmo tom, o seu leve "humour" de britânico, descrevendo os costumes coloniais dos portugueses moradores do Rio de Janeiro, no tempo de Dom João VI. A pedido do editor, fizemos uma lista dos logradouros citados pelo autor, com a sua denominação atual. Julgamos desnecessário anotar o texto, por ser êle secundário na obra de um desenhista como Chamberlain.

Agradecemos a Francisco de Assis Barbosa o auxilio que nos prestou nos valiosos e indispensáveis trabalhos complementares de uma tradução.

DEDICATÓRIA DOS EDITORES EM 1822

A beleza paisagística do Rio de Janeiro e a singularidade de muitos dos costumes desta região tão interessante quão extraordinária excitaram a curiosidade do público em geral. E, como não existisse nenhum livro que as descrevesse, o editor apresenta êste volume como o mais notável documento ilustrativo daquelas belezas, feito no próprio lugar, com as oportunidades decorrentes da longa estada ali do TENENTE CHAMBERLAIN, cujo talento empresta à obra um valor todo especial, pela confiança que se pode depositar na fidelidade de seu lapis, fidelidade essa que foi seguida na reprodução das gravuras. As descrições interessam particularmente a todos os que desejam conhecer os hábitos e os costumes daquele estranho país. O editor executou a obra de tal forma que espera obter, com tôda a certeza, o apôio generoso do público, e só assim sentir-se-á compensado pelos seus constantes esforços.

26 Haymarket 1822.

DEDICATÓRIA DOS EDITORES EM 1943

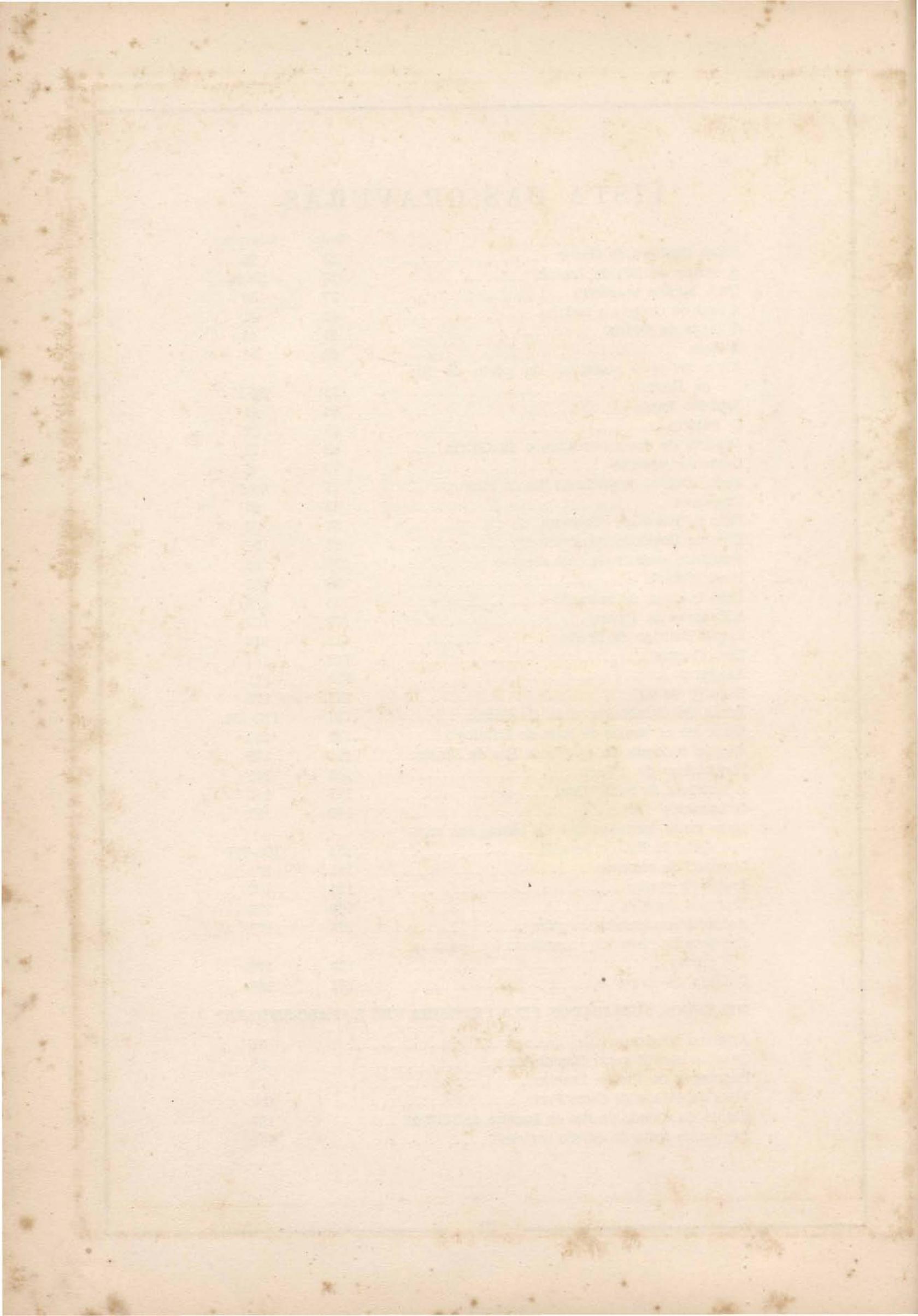
Seguindo o exemplo dos editores da obra do TENENTE CHAMBERLAIN em 1822, também contamos com o apóio do público para esta segunda edição das “**Vistas e Costumes do Rio de Janeiro**”.

Agradecemos a todos os que nos ajudaram. Ao Snr. Ministro Joaquim de Sousa Leão, filho, pela gentileza que teve de nos comunicar o resultado das suas pesquisas sobre a vida de Chamberlain e de nos proporcionar o ensêjo de reproduzir as aquarelas inéditas, ao dr. Rubens Borba de Moraes, que a traduziu e prefaciou, aos drs. Rodolfo Garcia, Luiz Camilo de Oliveira Neto, pelas indicações históricas. Aos drs. Hernani de Campos Seabra, Thiers Pinto, Galeno Martins, Miguel Daddario e ao Snr. L. C. Morrey Jones, pelos conselhos em matéria de bibliografia e aos artistas, gravadores, tipógrafos e encadernadores, pela dedicação com que a executaram.

Rio de Janeiro, Outubro de 1943.

LISTA DAS GRAVURAS

	Texto	Gravura
Nossa Senhora da Glória	23	25
A cidade do Rio de Janeiro	27	32-33
Uma família brasileira	37	39
A sege ou chege e a cadeira	43	41
O largo da Glória	47	45
A Rede	49	51
Vista do lado ocidental do pôrto do Rio de Janeiro	53	56-57
Espírito Santo	63	61
O Palácio	65	67
Aspecto do desembarcadouro da Glória	69	71
Carro de passeio	73	75
Lado oriental do pôrto do Rio de Janeiro	77	80-81
Tropeiros	83	85
Baía de Botafogo (Gravura I)	87	89
Baía de Botafogo (Gravura II)	93	91
Vendedor ambulante com escravo	97	95
Uma história	99	101
Uma barraca de mercado	103	105
A Cascata da Tijuca	109	107
Lagoa Rodrigo de Freitas	113	111
Boa Viagem	115	117
Bragança	119	121
O carro de boi	123	125
Ponta do Calabouço, vista da Glória	127	130-131
Vista das cercanias da Baía de Botafogo	133	135
Angulo sudoeste da cidade do Rio de Janeiro	137	139
Montanhas da Tijuca	143	141
A fortaleza de Santa Cruz	147	145
O Lazareto	149	151
Duas vistas tomadas fora da barra, nos arre- dores do Rio de Janeiro	153	156-157
Mercado de escravos	163	161
Pretos de ganho	165	167
Escravos doentes	169	171
Escravos condenados às galés	175	173
Condenados levando mantimentos para a prisão	179	177
Entérro de negro	181	183
DESENHOS PUBLICADOS PELA PRIMEIRA VEZ E "FASC-SIMILES"		
Anúncio londrino		31
Casa do cônsul geral Chamberlain		55
Panorama do Rio de Janeiro		79
Vista da cidade de Ouro Preto		129
Planta da Cidade do Rio de Janeiro de 1818/20		187
Página de rosto da edição inglesa		191



NOSSA SENHORA DA GLÓRIA

A igreja dedicada à Virgem, sob o nome de Nossa Senhora da Glória, fica numa eminência, na extremidade Sul da praia da Lapa, formando um objeto muito pitoresco quando visto das embarcações na baía. À noite, serve de ponto de referência aos barcos que procuram a costa Sul da cidade, sendo que a praia contígua oferece sempre um lugar seguro de desembarque. No mau tempo, quando a ressaca investe contra tôdas as outras partes da costa, dificultando até o desembarque na própria cidade, ali não há perigo, pois, as águas são relativamente calmas.

As casas na ponta de terra, a Leste da igreja, pertencem a um comerciante inglês que, depois de construir a primeira, para o seu próprio uso, achou a localização tão aprazível que logo a cercou de outras. E a Ponta da Glória tornou-se, por assim dizer, uma aldeia inglesa.

A véspera da festa da Assunção da Virgem é celebrada com grande alegria nestas vizinhanças, com repiques de sino, fogueira e fogos de artifício. A festa propriamente dita, concorrida por grande número de cidadãos, é celebrada dentro da igreja. Os canhões salvam e queimam-se muitos rojões durante a cerimônia. A própria Família Real costumava assistir, nesse dia, a celebração da missa. O Príncipe e a Princesa Real, antes do nascimento da filha mais velha, vinham tôda semana a esta igreja cumprir as devoções e invocar a proteção da Virgem.

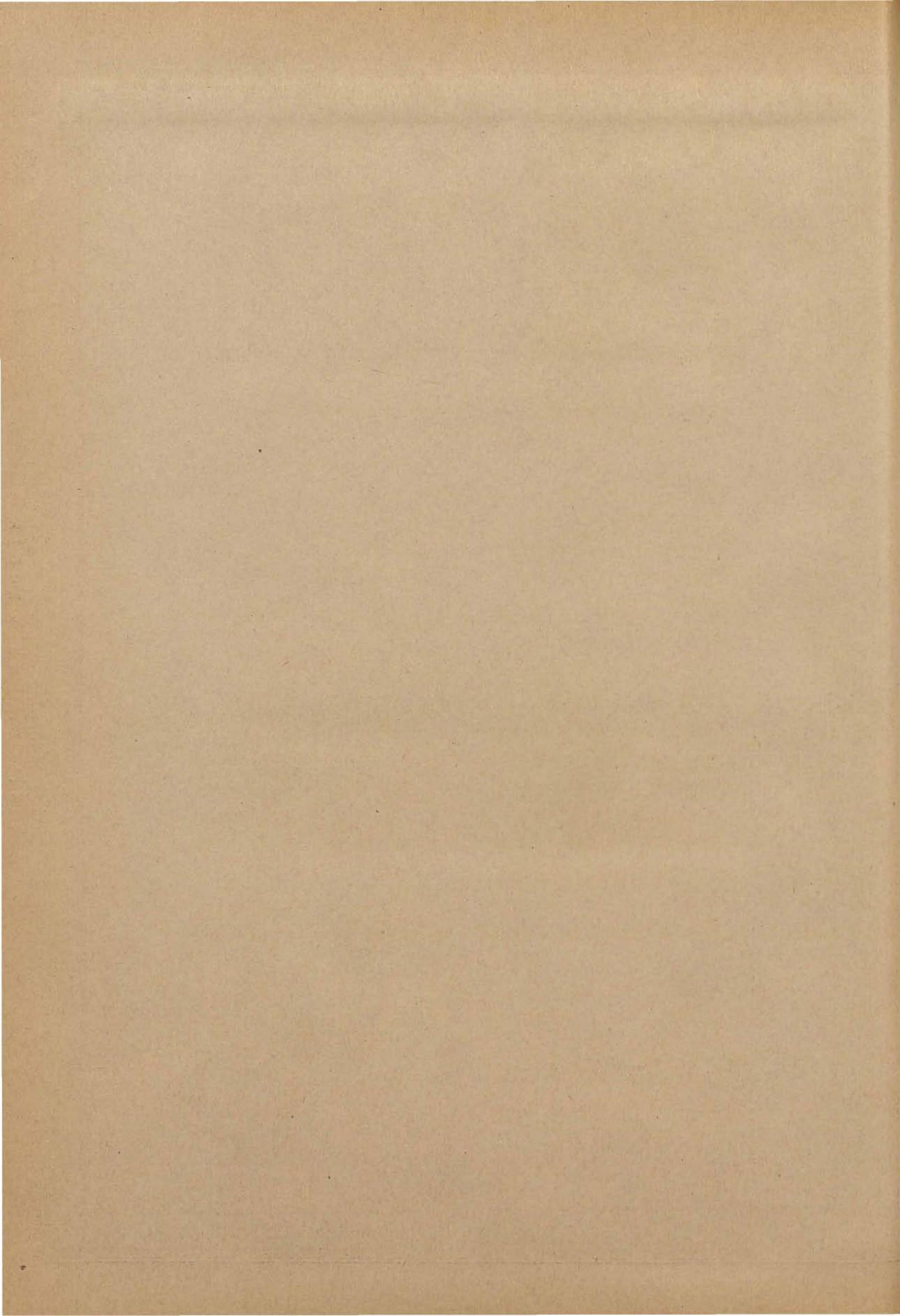
Os numerosos nomes de batismo da Infanta Princesa da Beira começam com o de "Maria da Glória".



LT. CHAMBERLAIN, R. A.

N.ª S.ª DA GLÓRIA

N.ª S.ª DA GLORIA





A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

VISTA TOMADA DO ANCORADOURO

No lado Oeste da baía, a umas quatro milhas da entrada do pôrto, fica a cidade de São Sebastião, mais conhecida entretanto pelo nome de Rio de Janeiro.

A parte velha foi edificada principalmente na planície, delimitada pelos morros da Conceição e São Bento, ao Norte, e pelos morros do Castelo e Santo Antônio, ao Sul, estendendo-se na praia, em direção Oeste, cêrca de três quartos de milha. Com a chegada da Família Real de Portugal, em 1808, porém, apareceram novos edifícios ao longo das praias e, na verdade, em tôdas as direções onde o terreno o permitia, de forma que a cidade agora se estende por todos os lados, muito além dos limites acima mencionados.

O número exato de habitantes não é conhecido mas pode ser estimado em 120.000 almas mais ou menos, inclusive os negros.

Os edifícios brancos, compridos e baixos, vistos à esquerda, à beira-mar, e que parecem armazéns, são os trapiches e o molhe de canhões. Mais à direita, onde se alinha um grupo de barcos, fica a praia de D. Manuel, o mercado de verduras e frutas, em cujas imediações voam constantemente grandes bandos de aves marinhas à busca das sobras e imundícies com que se alimentam. Esta praia serve de ponto de estacionamento aos barcos que fazem a carreira entre a cidade e o lado oposto, a Praia Grande. Outras embarcações aí estão, à espera de serem alugadas.

A construção branca, baixa e quadrada, na extremidade Norte do mercado, é o Depósito das Carruagens de Estado, e os compridos barracões contíguos, as Cavalariças Reais. Mais

para a direita, aparece um edifício comprido sem telhado, com duas fileiras de sete janelas cada uma : era a Casa da Ópera, por ocasião da chegada da Família Real e para tal serviu por mais algum tempo; porém, com a construção de um novo teatro na Praça da Lampadosa, ou Rocio, êsse foi abandonado e resolvida a sua demolição. Depois que êste desenho ficou pronto, no entanto, o edifício foi reparado afim de ser adaptado para residência da Rainha, e para comodidade dela deverá ser ligado ao Palácio, que se vê ao lado.

À direita, fica o Palácio, uma área aberta que se estende por uns 450 pés de Este a Oeste, e uns 280 pés de Norte a Sul, O Palácio ocupa o lado Sul. Do lado Oeste, sòmente se podem reconhecer na gravura a Capela Real e a Igreja dos Terceiros do Carmo, com sua fachada de pedra escura. O lado Norte se compõe de residências particulares, habitadas principalmente por pessoas ao serviço da Família Real.

A construção escura e isolada, de telhado cônico, perto da água, é o Chafariz ou fonte que fornece água a esta parte da cidade e aos navios.

O largo é muito frequentado por cidadãos que, depois do trabalho de todo dia, com a fresca da tarde, aí vão saber novidades e falar de política. E é nestas horas, quando as brisas despertam, que o largo oferece um lugar de passeio agradabilíssimo.

Ao lado, pode ser vista uma fila de três construções baixas, onde funciona o mercado de peixe, e, adiante, à pouca distância, os grandes e escuros armazéns e o cais da Alfândega.

Estendendo-se dali até o Arsenal fica um outro mercado de frutas, aves, verduras e tóda sorte de produtos, sendo êste o principal ponto de estacionamento das barcas que abastecem o mercado, vindas das partes mais longínquas da baía. Aí fica também o ponto de embarque dos barcos de passageiros do

Pôrto d'Estrêla, o pôrto de tráfico mais importante entre esta cidade e a provincia de Minas Gerais.

No ponto extremo, ao Norte da cidade, ergue-se o Convento de São Bento, construído numa elevação, que domina extensos e lindos panoramas. O acesso ao convento, da via principal, chamada rua Direita, é íngreme, porém largo e bem calçado, com um paredão de quatro pés de altura aproximadamente, para proteger os transeúntes do precipício perto do mar.

A capela foi construída há uns cem anos atrás e é considerada uma das mais belas do Brasil. Tem duas tôrres, com relógio e sinos.

O Arsenal ocupa a área baixa e plana das partes Norte e Este do morro, bem abaixo do convento. E' de pequenas dimensões, e sua construção de pouca monta.

Do lado oposto ao Arsenal, à distância de um tiro de pistola, fica a ilha das Cobras, cuja única parte que se vê na gravura é a extremidade mais próxima à cidade, com os seus armazéns e um cais coberto, que durante a última guerra foi ocupado como depósito pelo agente britânico encarregado do fornecimento de víveres para o exército; está sendo agora utilizado para o armazenamento de peles e açúcar.

O canal entre a ilha e o continente é de considerável profundidade.

Navios de guerra portugueses, estejam em consertos ou não, e navios mercantes de toda categoria ancoram geralmente na parte Norte da ilha das Cobras e do convento de São Bento, salvo quando prontos a largar; neste caso, eles tomam a rota normal, do lado oposto da cidade.

A igreja branca, no morro acima do molhe de canhões, com duas pequenas tôrres negras e cônicas, é a Catedral ou Sé Velha, à frente da qual se acha localizada a pedra ostentando as armas de Portugal, ali chantada como símbolo de posse da terra.

Esta parte do morro é muito apreciada como mirante, não só porque a brisa sopra com tôda frescura, como por dominar uma extensa vista da entrada do pôrto e do oceano, ao longe. O vasto e comprido edifício, com o arco pardo, aparecendo atrás e por cima do telhado, foi a princípio um colégio pertencente aos Jesuítas e é agora um Hospital Militar. Num ponto mais elevado do morro aparecem um pôsto sinaleiro com uma bandeira vermelha anunciando barco à vista e, nas imediações, um telégrafo que se comunica com Cabo Frio, um monte perto do Pão de Açúcar e o Palácio. Ambos estão instalados dentro do castelo, ou forte, construído para defender ou infundir respeito à cidade, agora porém em ruínas e sem a menor utilidade.

E' impossível descrever a variedade, beleza ou a magnificência das perspectivas de quasi tôdas as partes dêste morro, que oferece vistas consecutivas da cidade, do movimento de navios, da baía e suas numerosas ilhas até a Serra dos Órgãos, sôbre o cenário romântico das praias orientais em frente, sôbre o mar, para o sul, e sôbre as montanhas e matas, para Oeste.

Positivamente, não há nada que possa superá-las.

Os olhos nunca se cansam de contemplá-las. E, vistas pela centésima vez, encantam e deslumbram como da primeira.

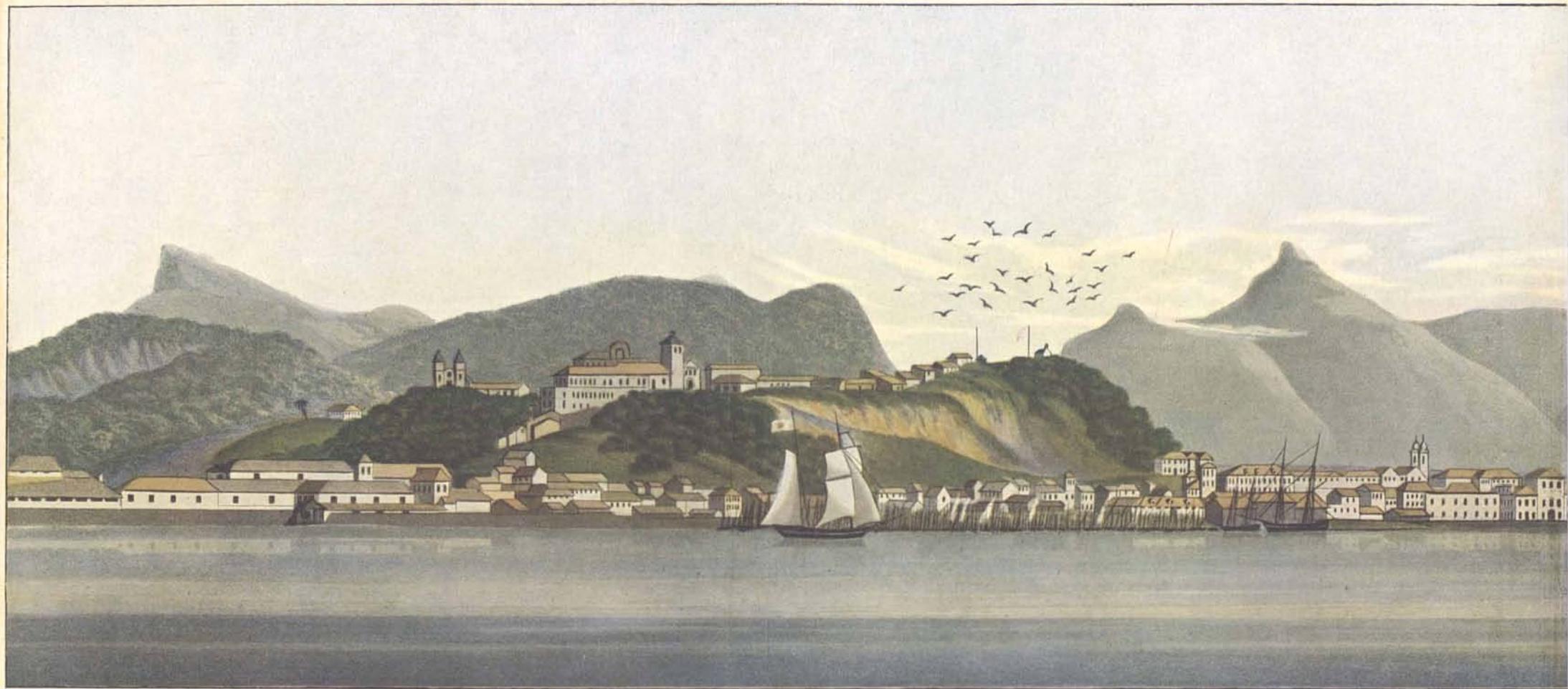
Não obstante, êste morro corta a brisa do mar, anulando assim a sua influência revigoradora, tão necessária aos habitantes de grande parte da cidade. Já foi contada muita história vã e muitos desejos já se formularam a respeito da sua demolição. Encontram-se muito poucas pessoas que não acreditem que êle contenha vastas quantidades de ouro. Conta-se mesmo que uma emprêsa mineira do interior chegou a propor a sua remoção total, com a condição de ficar para si com o que achasse, em paga do trabalho. Afirma-se sèriamente que o plano era remover o môrro por meio de energia hidráulica.

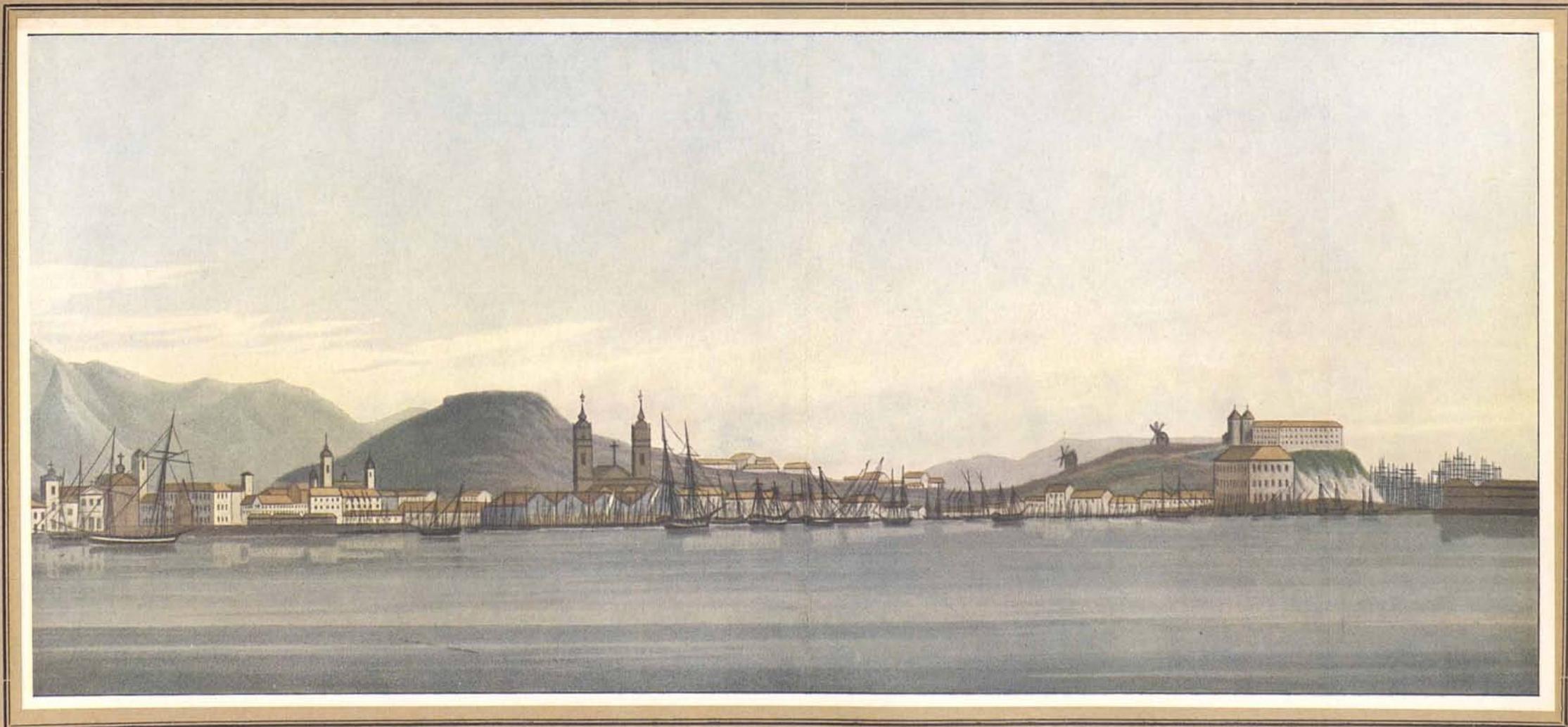
RIO DE JANEIRO.

VIEWS AND COSTUMES
OF
The City and Neighbourhood
OF
RIO DE JANEIRO.
BY LIEUTENANT CHAMBERLAIN, R. A.
Containing Thirty-Six Coloured Engravings.
Price £5: 6s. extra boards.

*Reprodução dum anúncio da edição original desta obra,
publicado num jornal londrino em 1822.*

(Coleção Dr. Galeno Martins)





LT. CHAMBERLAIN; R. A.

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO
VISTA TOMADA DO ANCORADOURO

THE CITY OF RIO DE JANEIRO

Em princípios de 1811, devido a uma quinzena de chuvas excessivas e constantes, que pareciam um dilúvio, uma grande quantidade de terra, saturada de umidade transformou-se em lama e lodo muito mole. Durante a tarde, a massa começou a mover-se. E deslizando e resvalando morro abaixo, causou enormes estragos, com a destruição de muitas propriedades. Do lado da cidade a avalanche derrubou diversas casas, cobriu e encheu outras e muitas vidas se perderam.

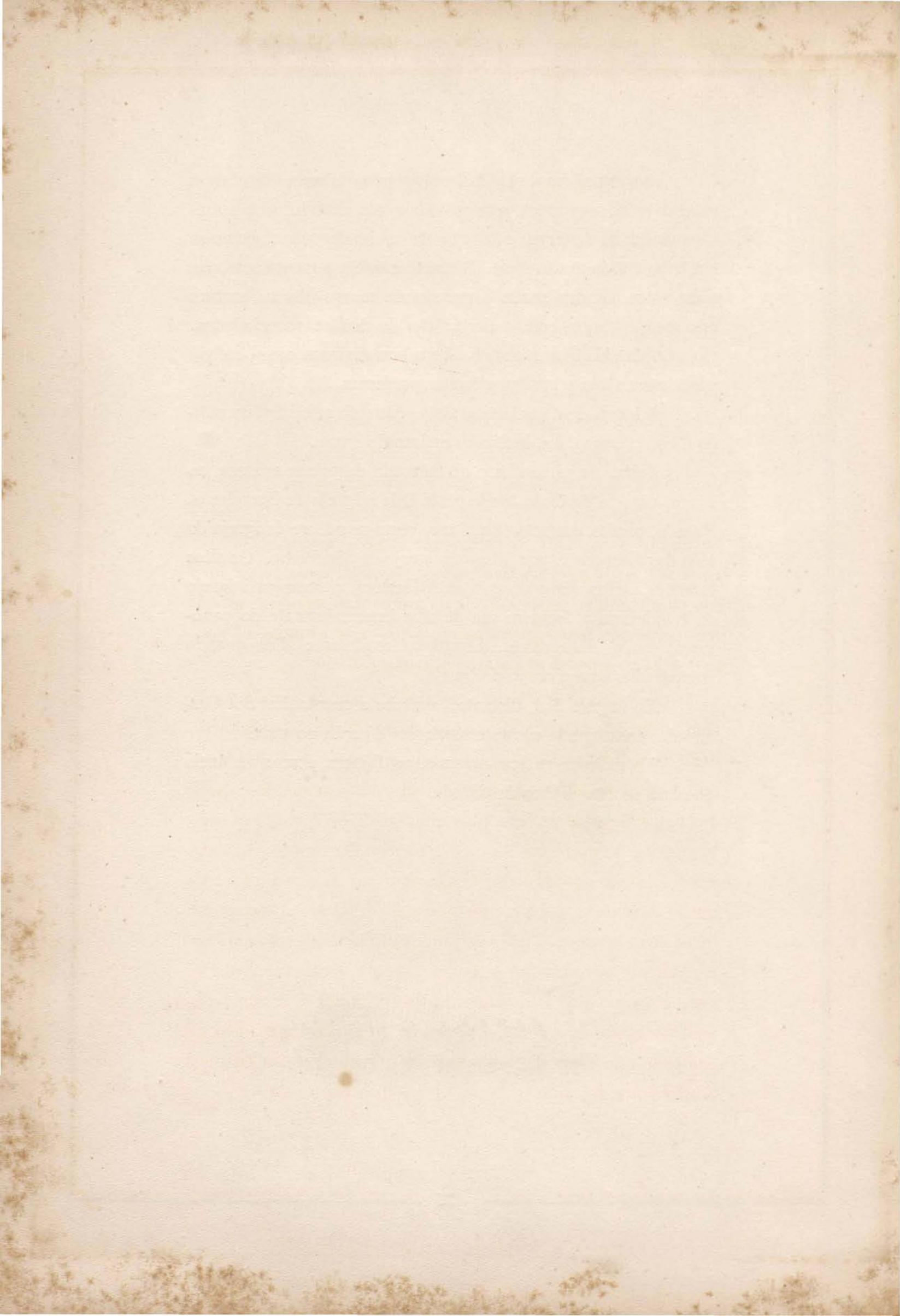
A igreja de duas tôrres, vista acima da parte Sul da antiga Casa da Ópera, é a de São Francisco de Paula.

Acima da parte Norte do mercado de peixes aparece, ao longe, a igreja da Cruz, tendo perto dela a igreja de Bom Jesús. Pegado, porém, em primeiro plano, vêem-se a torre da igreja da Mãe dos Homens e, por último, a igreja de São Pedro. Os altos torreões, vistos acima do cais da Alfândega, pertencem à igreja da Candelária e formam um detalhe impressionante do panorama, sendo, no entanto, desproporcionalmente altos quando comparados com o corpo da Igreja.

No ângulo Sul, distante, aparece a montanha do Corcovado, terminando abruptamente em direção ao mar.

No meio da gravura vêem-se as Tijucas, a uma distância de cerca de oito milhas da Cidade.





UMA FAMÍLIA BRASILEIRA

Na observância das práticas exteriores da religião, os brasileiros são exatamente como seus ancestrais portugueses. Nos domingos e dias santos, podem-se vê-los — o elemento feminino principalmente — vestidos com todo o aprumo, seguindo para a missa. Aqui, vemos uma pequena família da classe média, que supomos estar de volta da igreja.

O pai toma a dianteira, acompanhado de perto pelos dois filhos mais velhos, aos quais se seguem a espôsa e a criada. A vestimenta do velho cavalheiro é quasi a mesma que se usava há muitos anos atrás. Sapatos com meias e fivelas, cabeleira empoadada, tricórnio com laço preto e bengala de castão de ouro são os atributos indispensáveis da roupa domingueira; as outras peças não precisam ser lá muito novas ou limpas — tampouco julga necessário andar com barba feita.

As crianças e a mãe passaram a vestir-se mais à moda com a chegada da Côrte de Lisboa, pelos figurinos então introduzidos; seus vestidos são quasi os mesmos dos do Velho Mundo. A principal diferença que se nota está na maior inclinação das damas brasileiras para uma quantidade de côres, sem muito gosto, e na preferência que dão às mais berrantes. O cabelo é arranjado uniformemente como aquí vai representado, com muito cuidado e esmêro, um punhado de flores a completar quasi sempre o penteado. Os brincos são grandes e compridos, usualmente de ouro ou pedras preciosas. Uma corrente de ouro cinge o colo. Um chale francês ou inglês é jogado frouxamente sôbre os ombros, e um leque — não se usam luvas — completa esta parte da indumentária, que não precisa ser mais amplamente descrita.

A velha aia, criada mulata, confidente, usa ainda folgadas batas de algodão e capotes de lã, ou um manto com as mangas às costas, que prefere a qualquer outro agasalho, embora pesado e muito quente. O cabelo é penteado negligentemente para trás, sob um lenço de musselina ou gaze, arranjado de tal modo que as duas pontas da frente aparecem como aqui se vêem. Cingindo o colo há uma pequena bôlsa quadrada, que não costuma ser trocada muitas vezes, por isso não muito agradável à vista, onde se guarda o bentinho, amuleto de uma ou outra espécie, comumente um osso de algum santo predileto ou um pedaço (autêntico) do Santo Lenho, em cuja poderosa influência, como defesa contra o mal, se deposita grande confiança.

A pequena distância, caminham os criados negros, a quem confiam a guarda do caçula, do cãozinho de estimação e do guarda-chuvas.

Em virtude de circunstâncias locais ou da influência do clima, predominam no Rio certas moléstias indecorosas, de uma das quais o velho cavalheiro parece não estar isento.

A casa, que aparece na gravura, fica em Mata-Cavalos e pertence a um dos desembargadores que antigamente ocupou o cargo de juiz inglês.

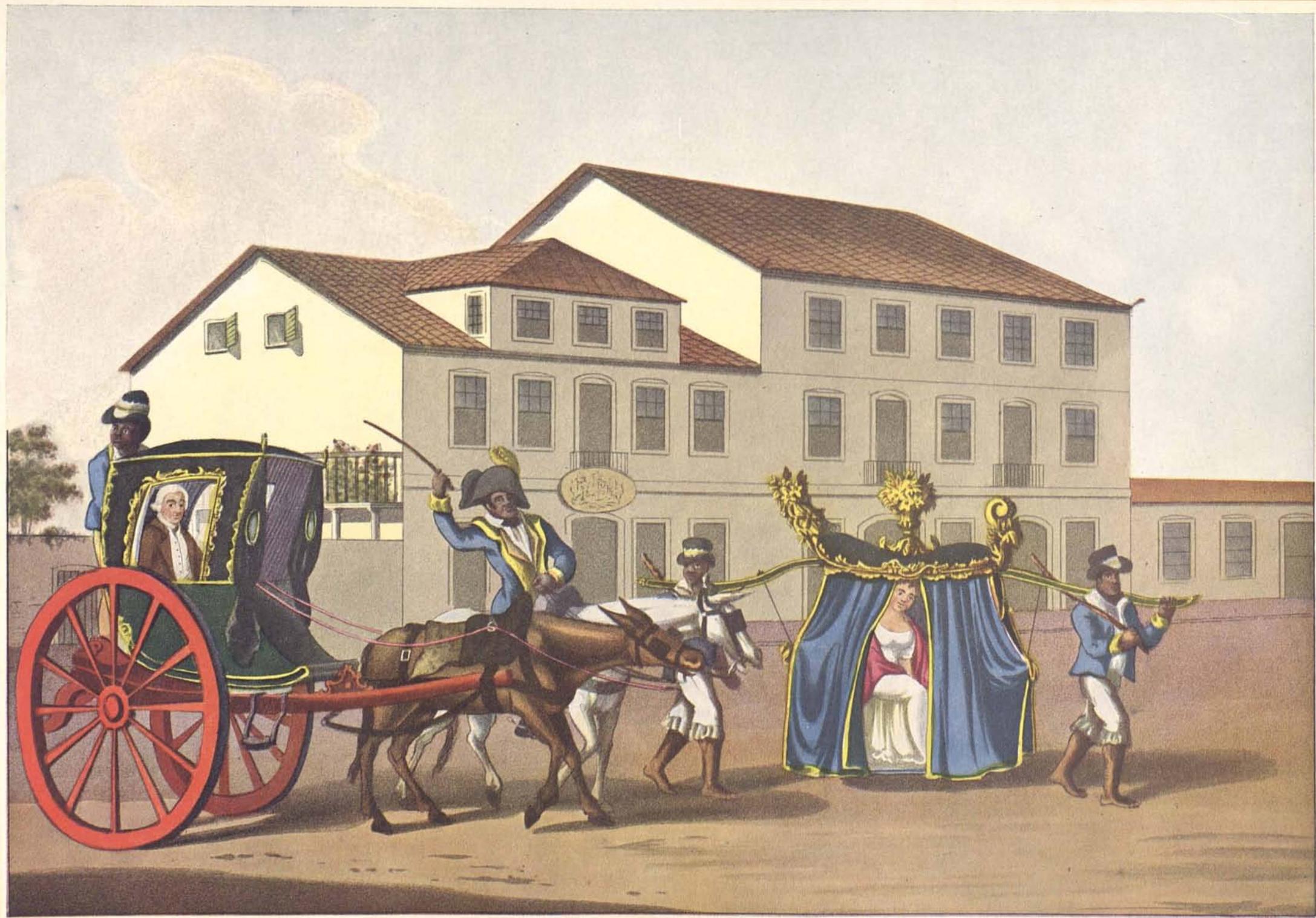




LT. CHAMBERLAIN, R. A.

UMA FAMÍLIA BRASILEIRA

A BRAZILIAN FAMILY



L.T. CHAMBERLAIN, R. A.

A SEGE OU CHEGE E A CADEIRA

THE SEGE AND CADEIRA

A SEGE OU CHEGE E A CADEIRA

Antes da emigração de 1808, a cadeira era o meio de condução mais usado, tanto para cavalheiros como para damas, mas como foi suplantado pela chege portuguesa, ou "Chaise", muito poucas são vistas hoje nas ruas.

A cadeira consiste em uma poltrona de braços, com alto espaldar, firmemente colocada sôbre um estrado, com uma coberta oblonga de madeira da qual descem cortinas, geralmente de pano azul, com orlas e guarnições de côr, cuidadosamente fechadas atrás e na frente, mas abertas dos lados, e fáceis de abrir e fechar, à vontade do passageiro. Antigamente, as cadeiras usadas pelas damas eram esplêndidamente ornamentadas, de acôrdo com o gôsto, a riqueza e a posição do dono. As cobertas eram quasi sempre pintadas de vermelho, ou prêto, e adornadas com flores em relêvo e outros ornamentos ricamente dourados. Os carregadores eram escolhidos entre os mais fortes e os mais belos negros da família, paramentados com librés vistosas, usando, às vezes, chapéus com plumas de côr.

A cadeira ainda está em grande moda na Baía, ao passo que as carruagens são pouco usadas na cidade, em virtude dos morros íngremes sôbre os quais foi construída.

A "chaise" ou "chege" assemelha-se, em todos os sentidos, às de Lisboa. Sendo mais tôsca, é, porém, mais rica em ornamentos. As cortinas da frente são de couro, firmemente esticadas para velar a entrada do sol ou da chuva. Têm encaixados dois pequenos vidros que permitem visibilidade ao passageiro, mesmo quando não deseje ser visto de fora. Esta espé-

cie de viatura é muito apropriada para as ruas mal calçadas e caminhos escabrosos do Rio de Janeiro, e nela, como em tôdas as outras viaturas, as senhoras ocupam inváriavelmente o assento da direita.

A casa, com as armas reais sôbre a porta, foi durante anos a residência da Missão Britânica.





O LARGO DA GLÓRIA

Suponhamos que as diversas personagens representadas aqui se encontram numa parte do subúrbio chamado largo da Glória, um dos poucos logradouros públicos.

O negro, à esquerda, carregando um fardo de lenha, diverte-se com a sua madimba de Btsché favorita, para encurtar o caminho. Trata-se de um instrumento musical do Congo, feito com alguns pedaços de ferro estreitos, finos e chatos, um tanto curvados na parte em que são tocados, presos firmemente a uma peça quadrada de madeira, sob a qual se coloca uma cabaça, ornamentada com cordão de contas coloridas ou um pano de côres vivas. As peças de ferro são de diversos comprimentos e tocadas com ambos os polegares. Os sons produzidos são agradáveis e harmoniosos. E nas mãos de alguns músicos nem sempre desprezíveis.

A negra, logo no primeiro plano, é uma quitandeira ou vendedora ambulante, de uma porção de mercadorias, tais como chapéus, livros, bandejas, algodões, musselina, etc., etc., e a que tem uma pirâmide de cestas na cabeça vende milho e feijão.

O homem no primeiro plano, à direita, traz um quadro pendurado ao pescoço, que contém sob o vidro uma pequena imagem, ou de nosso Salvador, chamado Bom Jesús, ou da Virgem, Nossa Senhora — que os verdadeiros devotos beijam. Por êsse ato, espera ser compensado com o pagamento de cinco ou dez reais, por Amor de Deus, e em seu próprio benefício,

apesar de proclamar, quasi sempre, estar pedindo esmolas para as Almas e outros fins sagrados.

A negra, ao lado, a quem procura convencer que prove a sua devoção e salve a sua alma, vende cana de açúcar e um licor de arroz, chamado Alhoá. A figura por detrás é um vendedor de esteiras usadas, vassouras, etc.



A R Ê D E

Feita comumente de malhas de algodão, de várias côres e adornada com franjas, a rêde servia para a condução, por escravos, de damas da classe média. E' guarnecida com uma almofada para encôsto e uma cobertura ou cortina listrada de côres berrantes, jogada por cima do bambú em que é dependurada. Quando a dama quer parar, os carregadores enterram os paus de suporte no chão, apoiando as pontas de bambú nas forquilhas de ferro, providas para tal fim nas extremidades, até que a patroa resolva prosseguir. Elas são carregadas numa marcha de quatro ou cinco milhas à hora.

Raramente vista na cidade, hoje em dia, a rêde é no entanto comum nos arrabaldes e no interior e muito usada entre as mulheres da nação cigana, que se encontram em muitas partes do Brasil.

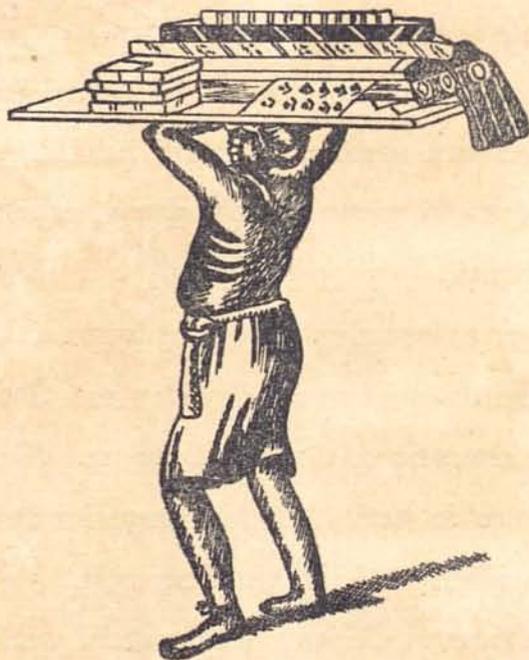
Esta raça extraordinária forma aqui, como na Europa, uma classe distinta dos outros habitantes. Possuem os mesmos hábitos e conservam a mesma língua. São muito respeitados no tocante às propriedades, negociando com escravos, gado e cavalos, alguns até em grande escala.

Suas mulheres, de um modo geral, são muito bonitas, porém um tanto inclinadas a "en bon point", provavelmente por falta de exercícios.

O negro — presume-se — volta da cidade com um fardo de capim, amarrado num pau, para facilitar o transporte. Êsses capinadores, geralmente, andam a passo largo, numa espécie

de trote, e procuram distrair-se da fadiga com um canto desafinado, que parece qualquer coisa entre cantar e gemer.

A negra, com uma criança às costas, vende abacaxis. A casa do segundo plano fica no caminho da cidade a Botafogo. Outrora foi ocupada pelo Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Sua Majestade, Lord Visconde Strangford, e, mais tarde, pelo Ministro Americano.





LT. CHAMBERLAIN, R. A.

A RÊDE

THE RÊDE OR NET

VISTA DO LADO OCIDENTAL DO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO

A gravura apresenta um aspecto do lado ocidental do pôrto do Rio de Janeiro, tal qual é visto do ancoradouro, um pouco acima da fortaleza de Santa Cruz.

Dêste ponto, os olhos dominam, de uma só vez, tôda a cordilheira do lado ocidental da Baía e daí o espectador é capaz de ter uma idéia melhor do seu aspecto do que em qualquer outro lugar.

A esquerda, distante, sôbre o mar, vê-se a ilha Redonda. Ao lado do Pão de Açúcar fica a fortaleza da Lage, e ao lado desta, na terra firme, as fortalezas de São Teodósio e São João.

Não seria fora de propósito mencionar neste lugar que a população do Rio pensava que seria impossível escalar o Pão de Açúcar, apesar da tradição corrente de que o capitão de uma nau mercante já havia praticado semelhante proeza.

No ano de 1818, um grupo de jovens fidalgos, pertencentes ao séquito do Embaixador Austríaco, Conde Eltz, resolveu fazer a tentativa. E, acompanhados por dois oficiais e alguns marinheiros de duas fragatas (austríaca e inglesa), ancoradas na Baía, conseguiram o intento.

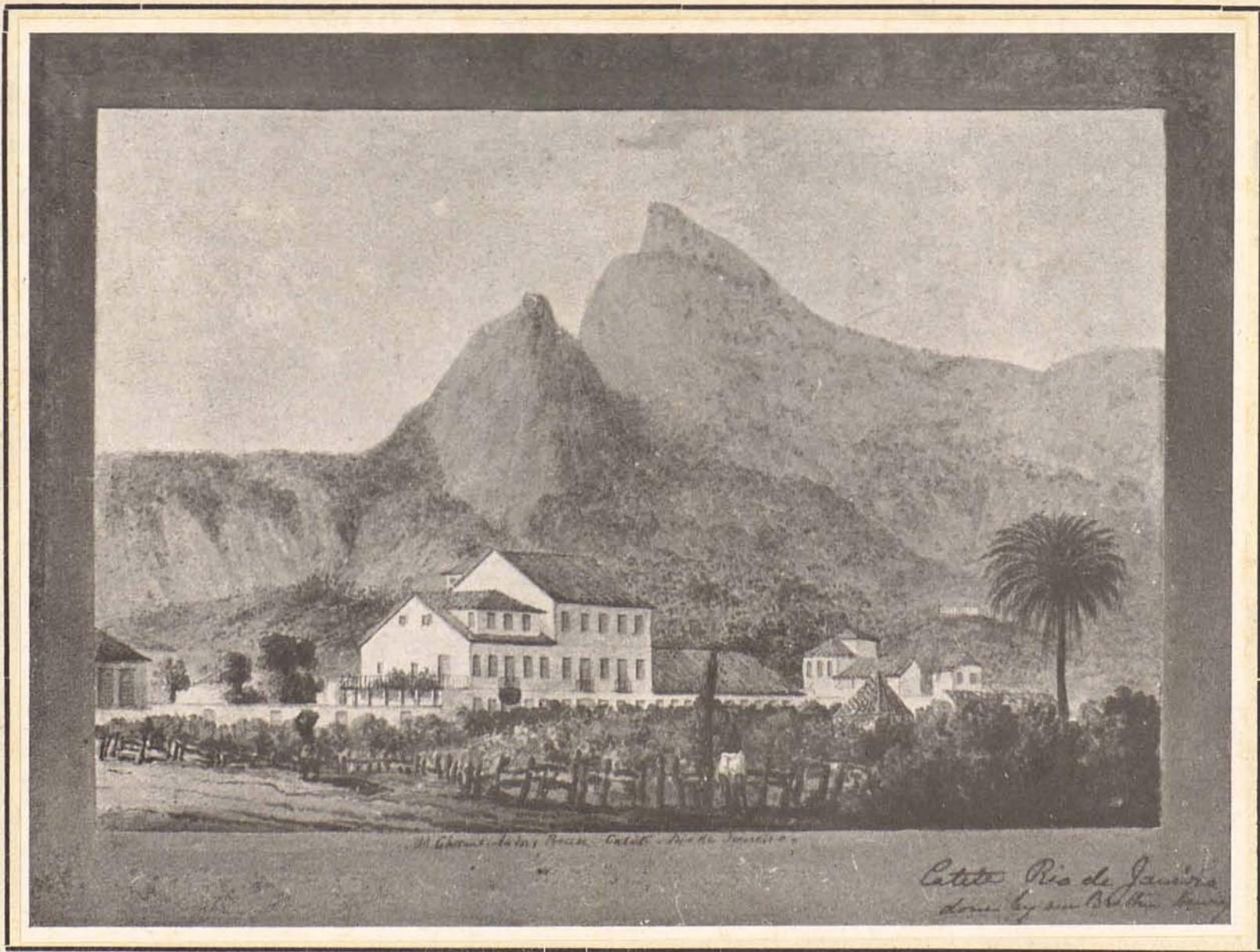
Escolheu-se o lado Este por ser o mais fácil para a subida, porém custaram-lhe duas horas de perigosos e exaustivos esforços, para galgar o pico. Depois de depositarem, debaixo de uma pedra, uma garrafa contendo um papel com o nome dos expedicionários, e de terem erigido um mastro e içado uma bandeira branca, com uma cruz encarnada, iniciaram a descida. Mas ao chegarem ao pé do morro não foi sem grande espanto que receberam voz de prisão e foram conduzidos à casa da Guarda.

Entrementes, a bandeira fôra vista na cidade, criando grande alarme e consternação. Houve quem supusesse fôsse sinal de revolução, outros que um inimigo tinha desembarcado e alguns pensaram que não seria de todo impossível ser aquilo obra do diabo. Foram enviados mensageiros ao Rei em Santa Cruz afim de transmitir a assombrosa notícia. Ordens foram dadas para que se retirasse a bandeira, e um capitão, aventureiro e leal, apresentou-se voluntariamente para fazê-lo. Por isso foi, ao que consta, promovido imediatamente a major. De forma que a brincadeira trouxe vantagem para alguém.

O pôsto do telégrafo pode ser visto no morro, um pouco para a direita do Pão de Açúcar. Mais adiante vêem-se os Dois Irmãos e, depois, a Gávea, ao longe.

Volvendo os olhos ainda mais para a direita, aparece distintamente o Corcovado, seguido pelo pico das altíssimas Tijuca; as montanhas afastam-se, então, para Oeste até se perder de vista.

No primeiro plano, à beira d'água, entre o Morro do Telégrafo e um montículo verde, vê-se o casario da linda baía de Botafogo. Da colina chamada Morro do Flamengo até a Pedreira, estende-se a praia do Flamengo. A própria praia está coberta de casas e atrás destas fica a aldeia do Catete. A esquerda do Aqueduto, que abastece de água a cidade, no alto do morro, fica o convento de Santa Teresa, um casarão branco e comprido, com um torreão. Perto da extremidade do Aqueduto está a igreja da Lapa e mais para a direita o convento da Ajuda, de aparência escura, onde descansaram os restos mortais da última Rainha, desde a morte de Sua Majestade, em 1817, até o regresso do Rei a Lisboa, em princípio do corrente ano.



Reprodução duma aquarela inédita da Casa, no Catete, onde morava em 1819 o autor dêste livro e que, como residência do Cônsul Geral Chamberlain, foi sede do consulado inglês.

(Coleção J. Sousa Leão, filho)





LT. CHAMBERLAIN, R. A.

VISTA DO LADO OCIDENTAL DO PÔRTO
DO RIO DE JANEIRO

VIEW OF THE WESTERN SIDE OF THE HARBOUR OF
RIO DE JANEIRO

Ao lado, fica o Morro do Castelo, no alto do qual vêem-se o Telégrafo, o semáforo com uma bandeira vermelha a flutuar e a Catedral ou Sé Velha.

Vê-se bem em frente ao Morro do Castelo a Fortaleza de Villegaignon. Foi construída em uma ilhota, pequena e estreita, quasi ao nível do mar, com um recife estendendo-se para Sudoeste. E' tida como das mais poderosas da baía. Aparentemente, encontra-se em bom estado de conservação, equipada com quasi cinquenta peças de grosso calibre, além de morteiros alinhados, contra o parapeito de uma plataforma oblonga, em que está o mastro da bandeira. O lado ocidental da fortaleza apresenta uma frente regular, um bastião, uma trincheira, e obras avançadas. Está localizada a cêrca de uma milha de distância da praia mais próxima e a quasi duas das escadarias do palacio na cidade.

Esta ilha é famosa na história do lugar. Conserva o nome do official francês Vilgalhon ou Villegagnon (pois escreve-se de ambos os modos), que tão bravamente aí se manteve durante dois longos anos depois que seus compatriotas foram expulsos das outras partes da baía.

De acôrdo com o regulamento da capitania do pôrto, todo navio que entra deve ancorar ou diminuir a marcha ao largo desta fortaleza até ser visitado pelos escaleres do Govêrno, e só, então, lhe é permitido prosseguir para o ancoradouro usual. Si tentar a passagem sem observar esta formalidade, abre-se-lhe fogo e obriga-se-lhe ao pagamento de cada tiro.







LT. CHAMBERLAIN, R. A.

ESPÍRITO SANTO

ESPERITO SANTO (sic)

ESPÍRITO SANTO

A Festa do Espírito Santo — Pentecostes — é comemorada no largo da Lapa de um modo notável.

Alguns dias antes da festa, um rapaz entre 14 e 18 anos é eleito Imperador, em memória ao Imperador Constantino. Paramentado com completo vestuário usado na Côrte, chapéu de armar e estrêla no peito, percorre as ruas, precedido por um grupo de jovens músicos, com roupas vistosas e plumas nos chapéus. Acompanham-no dois homens, um de cada lado, que carregam estandartes vermelhos, em cujo centro encontram-se ricamente bordados, os emblemas do Espírito Santo.

O Imperador não toma parte ativa no cortejo, para não perder a dignidade. Êle apenas caminha na procissão. E os dois cortesãos esforçam-se ativamente por persuadir aos que passam para contribuírem com alguma coisa para a comemoração do Espírito Santo. A salva e a sacola que levam são destinadas a receber as bagatelas que assim coletam diàriamente.

Os contribuintes caridosos são recompensados com a permissão de beijar o sacro emblema do estandarte.

Uma grande soma, assim arrecadada, é empregada no rico adôrno do interior do coreto, quasi em frente da igreja da Lapa, feito especialmente para a festa, dentro do qual o Imperador ocupa o trono em grande pompa durante os três dias feriados. Na noite de segunda-feira de Pentecostes, realiza-se uma grande exibição de fogos de artifício, no prado em frente.

A gravura mostra o grupo no percurso da Lapa, em direção à Glória, num lugar de onde se vê bem a entrada do pôrto.

O PALÁCIO

Este edifício fica na praça perto do principal desembarcadouro.

Consideráveis modificações e ampliações foram feitas para adaptá-lo às comodidades da Família Real, após a sua chegada em 1808. Um convento e a cadeia da cidade foram desocupados, corredores foram abertos sobre duas ruas para ligá-los ao Palácio. E fidalgos, cortesãos e damas de honra substituíram assim a frades e criminosos.

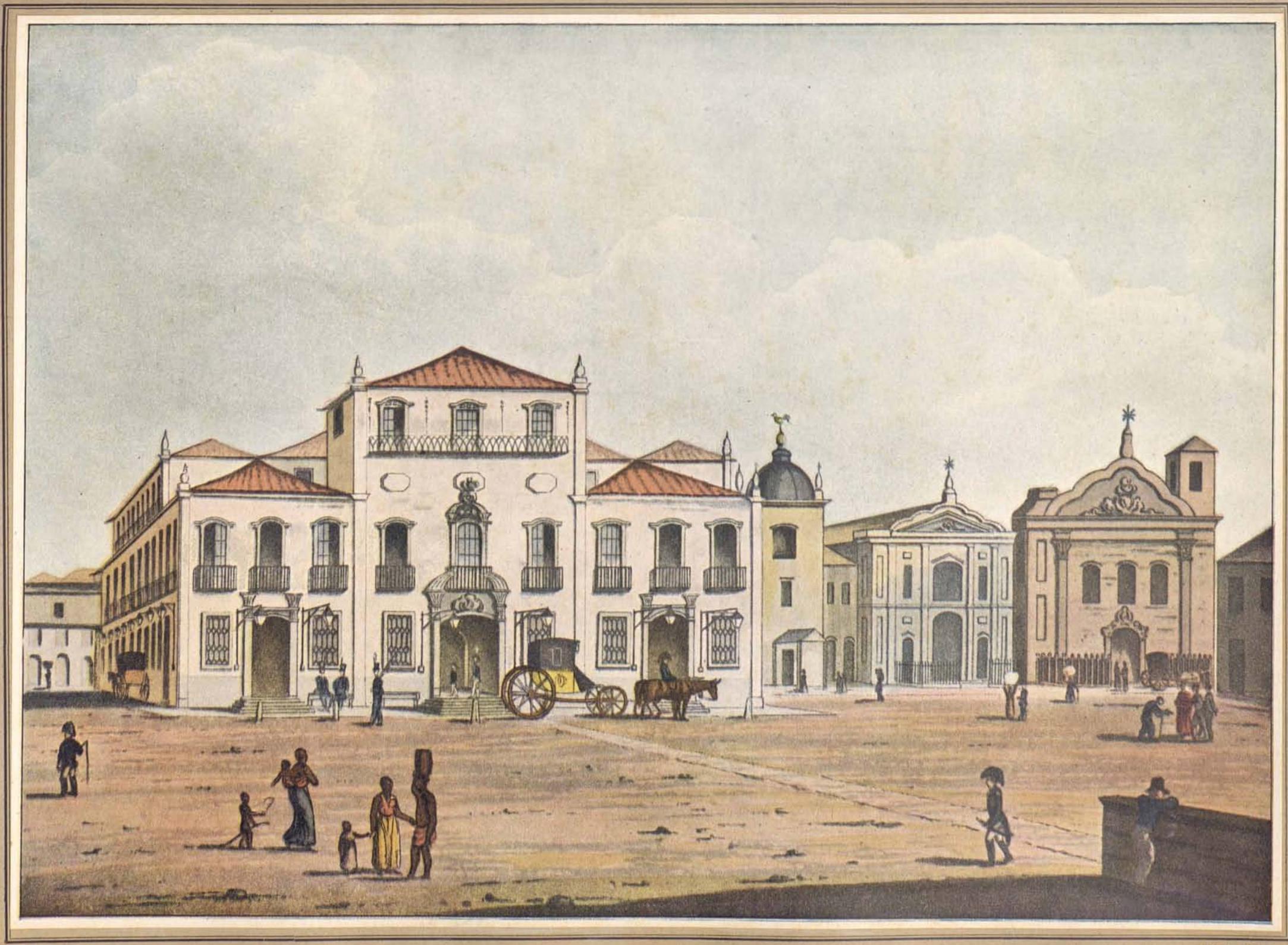
A passagem do centro é a entrada nobre. Dentro há um pátio. E no rés-do-chão localizam-se repartições públicas, cozinhas e corpo da guarda.

Os aposentos reais ficam no primeiro andar; o quarto acima, com três janelas, serviu de dormitório ao Rei.

À direita, aparecem a Capela Real e a Capela dos Terceiros, esta com uma fachada de pedra escura. A Biblioteca Pública fica atrás deste último edifício e está aberta todos os dias àqueles que desejam visitá-la, oferecendo o conforto necessário para a leitura, livre de pagamento.

Durante o verão, é demais o calor que faz nesta Praça. Dizem que os que tentam atravessá-la, nesta época do ano, morrem. Contudo, os soldados permanecem em guarda aí por muitas horas nos dias de julgamento, sem qualquer abrigo dos raios ardentes do sol.

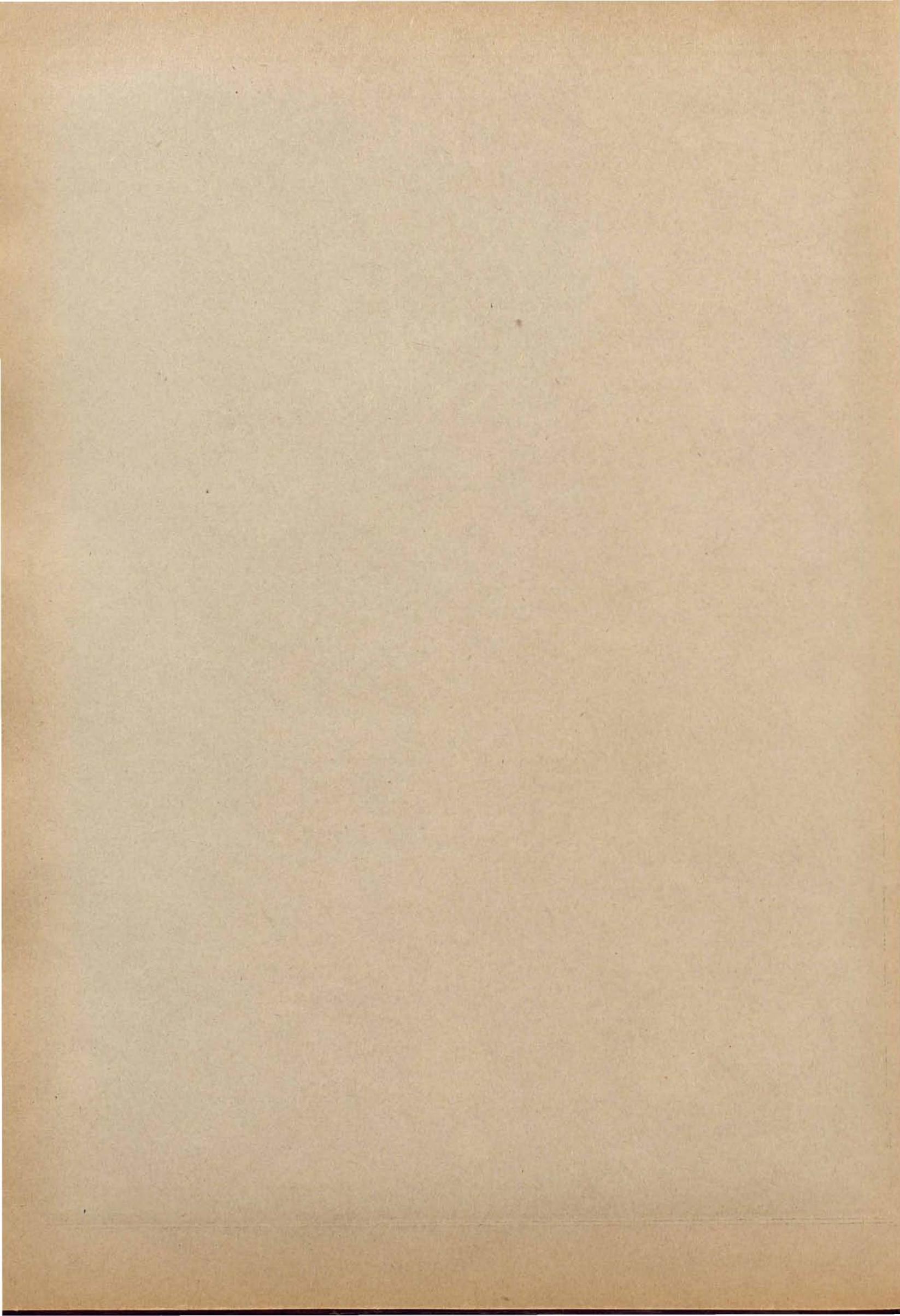
No primeiro plano, está parte da muralha do desembarcadouro, onde somente escaleres do Govêrno e naus de guerra têm o direito de se aproximar.



LT. CHAMBERLAIN, R. A.

O PALÁCIO

THE PALACE



ASPECTO DO DESEMBARCADOURO DA GLÓRIA

Nesta gravura, tirada do desembarcadouro perto da Glória, vêem-se o casario da extremidade Sudeste da cidade, chamada Ponta do Calabouço, a praia fronteira da Armação, o grande ancoradouro para as naus de guerra e, à distância, a altíssima cordilheira da Serra dos Órgãos, assim denominada por causa da semelhança fictícia de dois ou três picos despídos como os tubos daquele instrumento.

O homem com a lata de zinco à cabeça é um leiteiro; a mulher com o balde, uma vendedora de água — o ferro ao redor do pescoço indica que é uma negra que já fugiu para o mato. E a outra, uma vendedora de frutas.

Representa-se aqui o modo corriqueiro de serrar madeira. Quando se precisa cortar uma tora, o que geralmente é feito em plena rua, ela é presa firmemente por uma corrente, à altura de dois terços do seu comprimento, embaixo do vértice de uma armação triangular: um dos negros monta no têrço saliente, enquanto o outro fica cômodamente sentado embaixo. Tudo pronto, começam a tarefa com uma serra curta, estreita, e ineficaz. Depois de cada terceira serrada, quasi sempre descansam alguns segundos. E assim continuam, serrando e descansando, alternadamente, alheios ao rendimento do trabalho, até terminar o serviço. Isto pode servir de exemplo da maneira grosseira com que os trabalhos de tôda espécie são geralmente executados neste país. Parece que, contanto que o escravo fique sempre ocupado, não importa a quantidade de trabalho produzido, ponto êste em que escravo e senhor estão de perfeito acôrdo. O exemplo não é inaplicável ao trabalhador livre, o qual, raramente, é melhor ou mais ativo do que os seus companheiros de côr preta.



LT. CHAMBERLAIN, R. A.

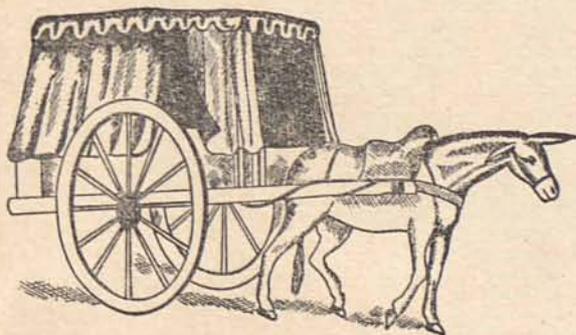
ASPECTO DO DESEMBARCADOURO DA GLÓRIA

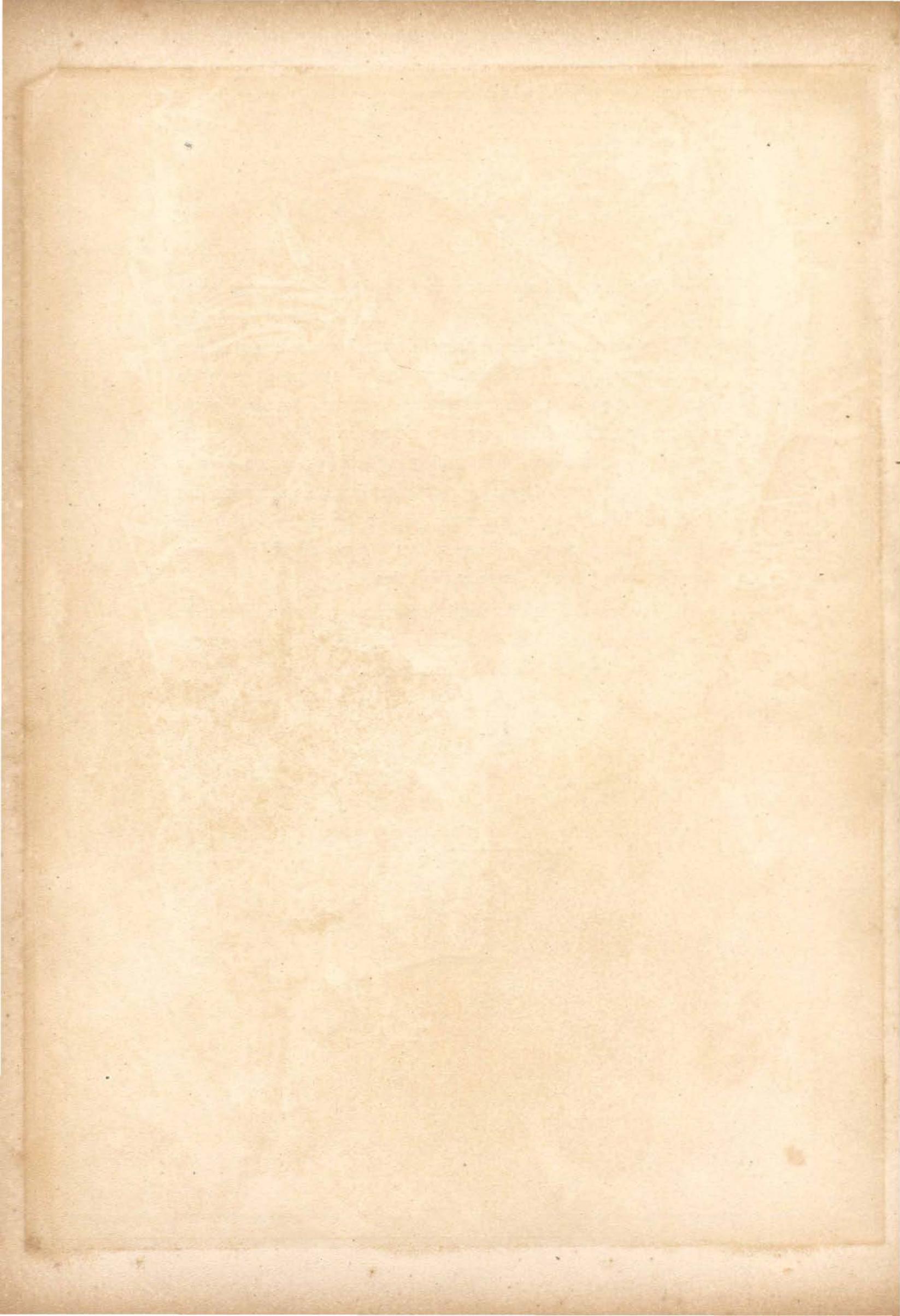
VIEW FROM THE LANDING PLACE OF THE GLORIA

CARRO DE PASSEIO

Os carros desta descrição não são tão comuns como antigamente, mas ainda se vêem de vez em quando, conduzindo grupos, em geral de senhoras, de um lugar para outro, nas vizinhanças da cidade. Pertencem quasi sempre à gente do campo; os que não possuem recursos para uma "chaise" recorrem a êste meio de transporte mais caseiro. São providos de uma cobertura forte, para proteger contra as intempéries, e de cortinas, para afastar o sol e para livrar as senhoras dos olhares impertinentes de estranhos, os quais, entretanto, de uma ou outra forma, às vezes, têm a sorte de arriscar, pelo menos, uma olhadela às belas viajantes.

A gravura mostra um desses carros voltando da cidade, no trecho do caminho do Jardim Botânico, próximo à lagoa de Freitas, onde o Pão de Açúcar aparece como aqui está.







LT. CHAMBERLAIN, R. A.

CARRO DE PASSEIO

A PLEASURE CART

LADO ORIENTAL DO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO

O panorama do lado oriental do pôrto é aqui reproduzido tal qual se apresenta visto da fortaleza de Villegaignon.

Vê-se, à direita, a fortaleza de Santa Cruz. Daí se levanta o morro, entre os altos desta e de outro morro contíguo, de forma cônica, onde está situada a fortaleza do Pico (vide descrição da fortaleza de Santa Cruz). À esquerda, fica um pequeno morro redondo, conhecido pelo nome aborígene Juru-juba, em frente à ilha de Boa Viagem. Êstes dois pontos formam a entrada de uma pequena e linda baía, chamada Saco, mais conhecida pelos ingleses, por Three-Fathom-Bay, derivado da profundidade das águas em quasi tôda a sua extensão.

A construção baixa, comprida e branca, perto da água, é o pequeno forte quadrado de Gravatá, construído em pedra, armado com nove canhões. A rocha foi cortada atrás da fortaleza para isolá-la da terra firme. À pouca distância, em direção Nordeste, fica a pequena e alegre aldeia de São Domingos. E à sua esquerda, outra maior, Praia Grande, há dois anos elevada à categoria de cidade, sob o nome de Vila Real da Praia Grande.

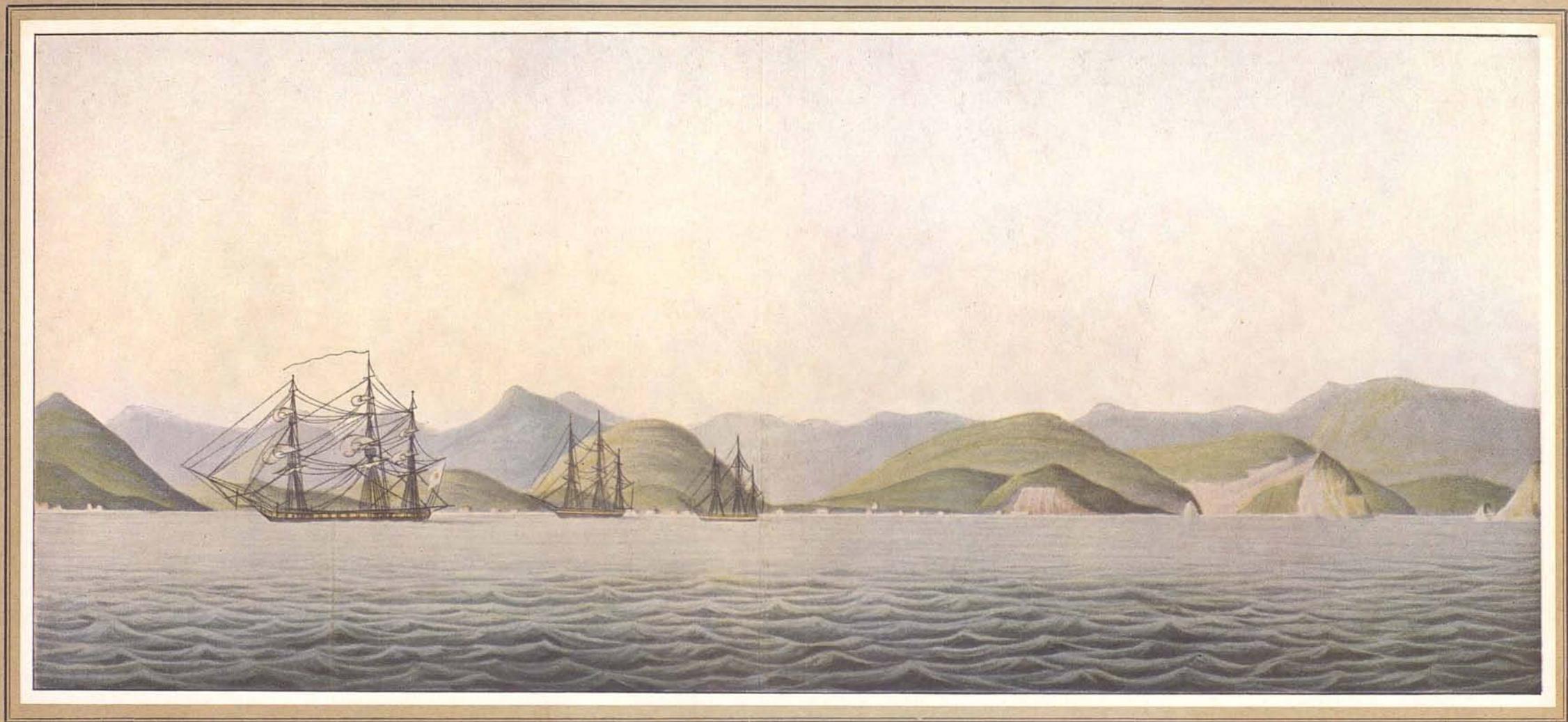
Como os caminhos das capitâneas do Espírito Santo e Pôrto Seguro, via Cabo Frio, e de tôdas as cidades do lado ocidental da baía convergem para êste lugar, êle se tornou necessariamente um grande entroncamento de movimento crescente. Tôda espécie de produtos vindos do interior são encaminhados para aí, afim de serem embarcados com destino à cidade. E barcas vão num vai-vem, conduzindo passageiros, a preço muito razoável. A distância da travessia é pouco mais de três milhas e o preço da passagem, por pessoa, é sempre dois vinténs, ou seja, dois dinheiros e meio.

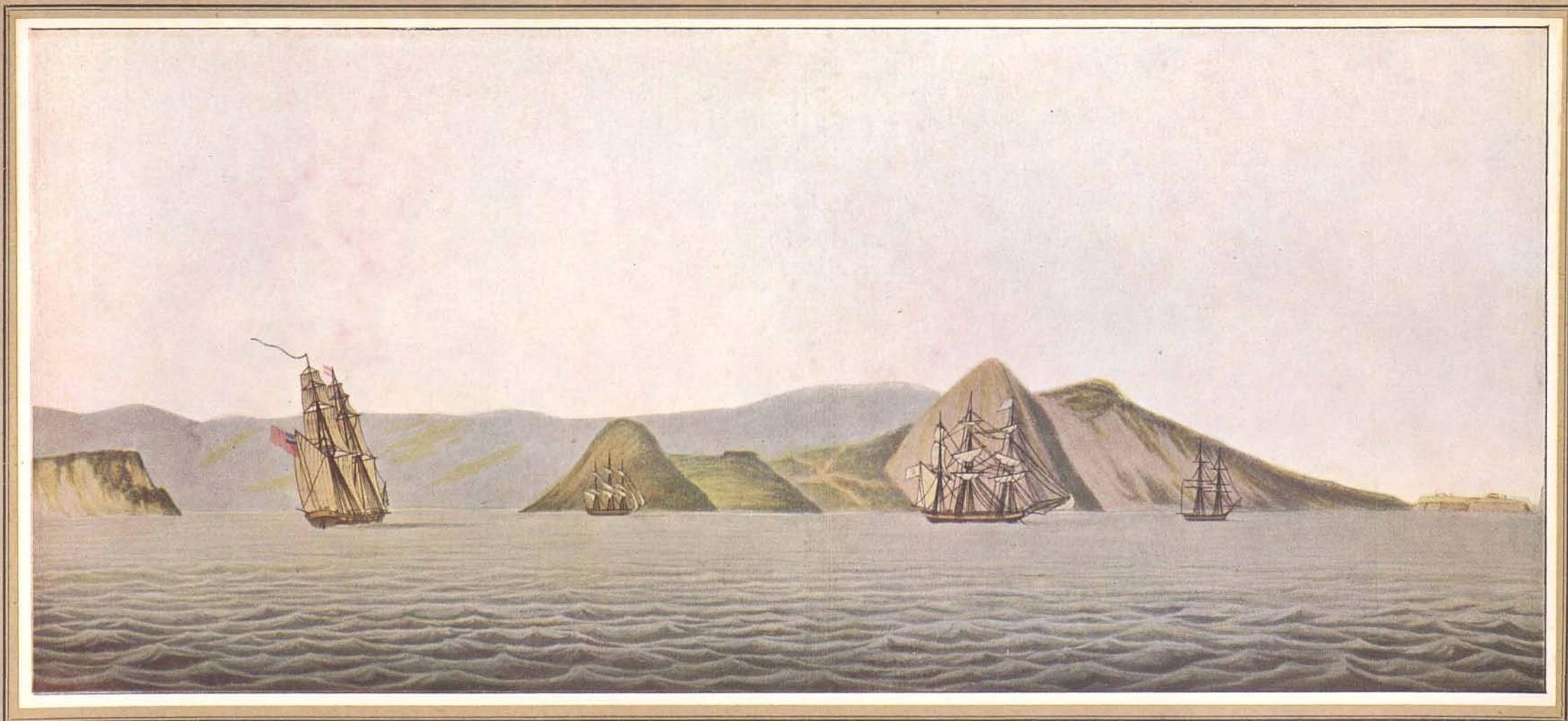
No ancoradouro usual vêem-se navios prontos a largar. Quando o tempo permitir, êles abrirão velas para o mar.



*Reprodução de desenho inédito dum panorama do Rio de Janeiro,
feito pelo tenente Chamberlain.*

(Coleção J. Sousa Leão, filho)





LT. CHAMBERLAIN, R. A.

LADO ORIENTAL DO PÔRTO DO
RIO DE JANEIRO

EASTERN SIDE OF THE HARBOUR OF RIO DE JANEIRO

TROPEIROS

Devido ao mau estado dos caminhos nos arredores da cidade e à natureza montanhosa da região, mercadorias de toda espécie são transportadas para o interior, e de lá vêm à cidade, em lombo de burro. As tropas compõem-se de doze a vinte cabeças, ou mais, cada animal carregando cerca de duzentas libras de peso. Para facilitar o transporte, as mercadorias são dispostas em pequenos fardos e o carregamento todo é coberto, geralmente de peças de couro cru, para protegê-los contra as intempéries.

Os tropeiros representam uma fina classe de homens e são considerados quasi sempre de confiança fora do comum.

Os representados na gravura são paulistas, ou habitantes da província de São Paulo, célebres em todos os tempos, na história do Brasil, pela sua atividade e coragem. A cobertura externa, ou capa, é chamada ponche. Consta simplesmente de uma grande peça de fazenda oval, com uma abertura ou corte no centro. Enfiado por cima da cabeça, assenta sobre os ombros, deixando os braços livres. De dia serve como vestimenta e de noite como cama. Custa de acordo com os recursos do dono, cuja prosperidade e posição se medem pelo tecido de que é feito o ponche e pelos enfeites que leva. O paulista a cavalo é de classe superior aos que estão a pé, como se pode observar pelos arreios do animal, que têm os freios e os estribos de prata maciça. Um deles, que está conversando com outro, segura na mão o laço de couro trançado, no manejo do qual essa gente é muito hábil, errando dificilmente o alvo — homem ou animal.



LT. CHAMBERLAIN, R. A.

TROPEIROS

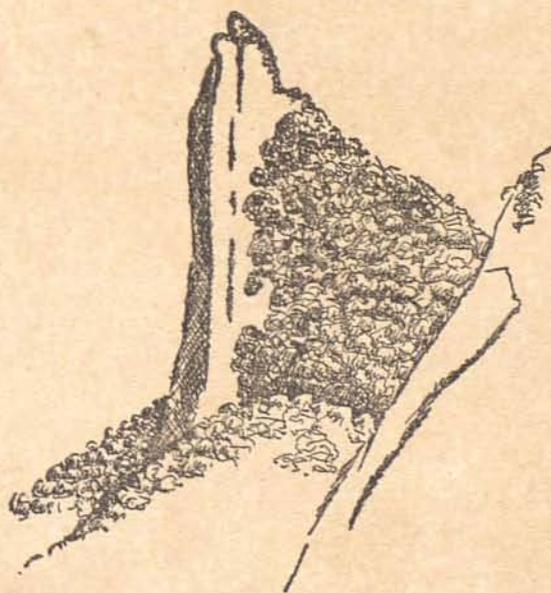
TROPEROS OR MULETEERS

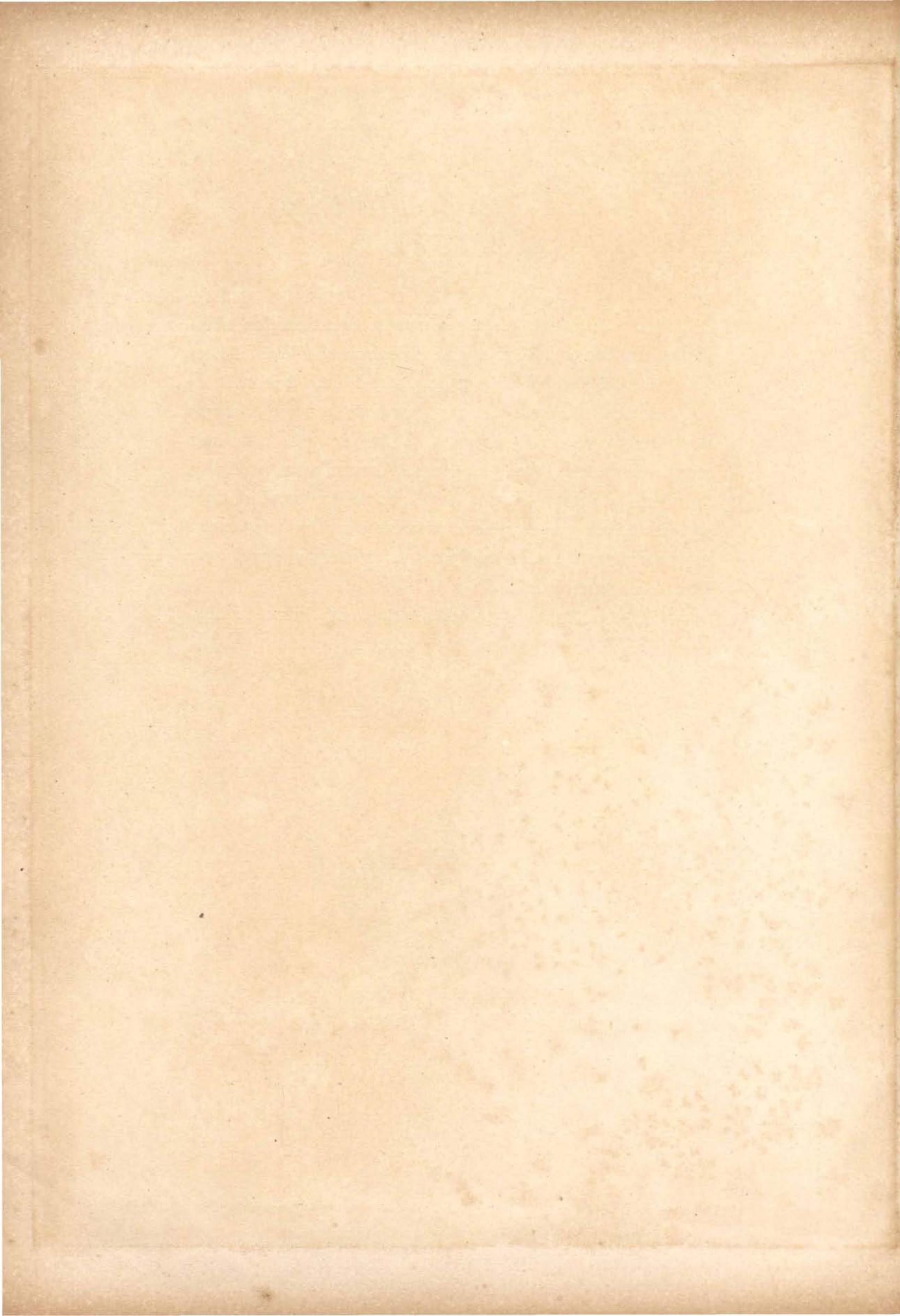
BAÍA DE BOTAFOGO GRAVURA I

Esta linda baía, cujas paisagens circunvizinhas ultrapassam em beleza a tôdas as outras destas redondezas, fica ao Sul da cidade, perto da entrada do pôrto, do lado Ocidental.

A montanha do Corcovado, erguendo-se altaneira a uma altura de cêrca de 1.500 pés acima do nível do mar, de um lado coberta de matas virgens, do outro formando um precipício descoberto e brusco de quasi 1.000 pés de profundidade, que aquí se vê com grande nitidez, impõe-nos a convicção de que êste lugar, em determinada época, foi teatro de assombrosas convulsões da natureza.

Vê-se, ao longe, o morro da Gávea, em forma de taboleiro. mais alto ainda do que o Corcovado.







LT. CHAMBERLAIN, R. A.

BAÍA DE BOTAFOGO (Gravura I)

BOTAFOGO BAY (Plate I)



LT. CHAMBERLAIN, R. A.

BAÍA DE BOTAFOGO (Gravura II)

BOTAFOGO BAY (Plate II)

BAÍA DE BOTAFOGO GRAVURA II

Esta gravura, continuação da precedente, mostra que todos os recantos da baía são interessantes e românticos.

A frescura do ar e a situação privilegiada, para descanso do barulho citadino, tornaram êste lugar muito procurado para residências e um ponto de reunião elegante, depois do dia calorento.

Foi muito frequentado pela Família Real durante a sua estada no Brasil. E tôdas as noites, viam-se aqui numerosos grupos tomando ar, passeando a cavalo ou em carruagens.





VENDEDOR AMBULANTE COM ESCRAVO

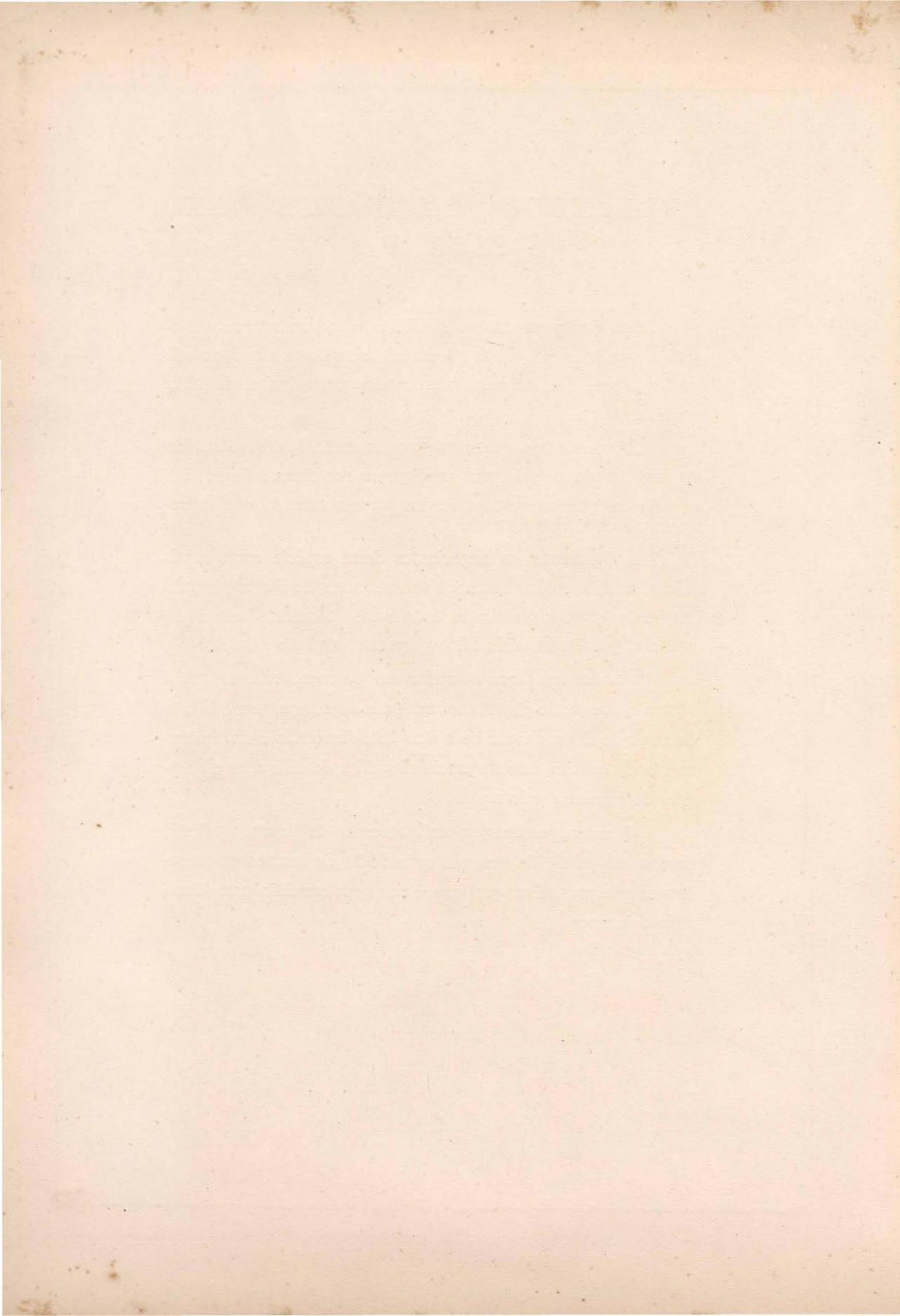
São muito comuns no Rio de Janeiro vendedores ambulantes, que batem de porta em porta, visitando os arredores até várias léguas de distância, oferecendo mercadorias de toda sorte.

Raros são os que carregam as mercadorias. Munidos de um chapéu de sol, para proteger-se dos raios solares, dão a volta costumeira, acompanhados por um escravo, que carrega os vários artigos à venda.

Antigamente, os negociantes desta espécie eram brasileiros, ou filhos das províncias setentrionais de Portugal; ultimamente, porém, franceses e italianos tomaram conta do ofício e, por serem mais ativos, açambarcaram o negócio.

Por ter um ferro ao redor do pescoço, sabe-se que a figura em segundo plano, com um pote na cabeça, tem o hábito de fugir do dono e viver no mato. Este ferro não é um instrumento de tortura, mas de precaução, afim de dificultar a abertura do caminho pelo mato.

O outro personagem está atacado de lepra, moléstia comum no país. Ele amarrou uma fôlha de banana no membro doente por achar que isso é um bom remédio para diminuir o inchaço.



UMA HISTÓRIA

A maioria das casas, especialmente as dos arrabaldes da cidade, possui um só andar, com portas e janelas de gelosia, chamadas rótulas, muito apropriadas para a entrada de ar e de poeira ou para interceptar uma boa parte dos raios de luz, o que sem dúvida contribue para manter os aposentos frescos enquanto que os moradores podem observar tudo o que se passa na rua — vantagem de não pouca importância para os brasileiros.

A visita de amigos do sexo masculino dentro de casa, durante a ausência do chefe, é considerada indecorosa pelas damas do Rio, motivo pelo qual elas não raro recebem visitas, por assim dizer, em plena rua, da maneira representada na gravura. Entrevistas de natureza amorosa são concedidas do mesmo modo. A aproximação de um transeúnte, a rótula cai e a dama desaparece até passar o perigo de ser vista por um estranho.

Dos negros aqui representados, a mulher vende milho e o homem, gamelas — vasilhas de madeiras, algumas de grande tamanho. Feitas de uma só peça de madeira, custam barato, mas, como quebram facilmente, saem caras. As outras duas figuras são uma senhora e a criada.

Parece estranho que, em clima sempre quente, o pesado capote de Portugal seja usado e preferido como vestimenta externa. No entanto, é o que se dá com as damas das classes médias e baixas. Tal a força do hábito !



BARRACA DE MERCADO

A Praça da Lapa, cuja igreja e edifícios adjacentes se vêem ao fundo, acha-se no caminho que vai à Glória, depois de passar pelos Jardins Públicos. Nesta praça é que é comemorada a festa do Espírito Santo.

A barraca de mercado, aqui reproduzida, é igual às que geralmente se encontram nas áreas abertas da cidade. Sua construção é muito simples, sendo armada de manhã e desarmada à noite. Consiste apenas em quatro esteios retos e uma cobertura de fôlhas de bananeira, para quebrar os raios abrasadores do sol.

Estas barracas pertencem, em geral, a negras livres que negociam com aves, verduras, legumes e milho e, às vezes, também com pão e peixe frito. É o ponto de reunião dos negros indolentes e tagarelas, vendo-se aqui alguns destes entregues à sua inclinação natural de escutar a conversa dos outros. Aí está um menino com uma cesta na cabeça, mandado pelo senhor para procurar emprêgo, a discutir com a mulher da barraca. Atrai a atenção de outra negra, que traz na cabeça para vender vinho e cachaça (espécie de rum ordinário, aguardente comum no país) num taboleiro, de uma outra que vende milho, de um ajudante de barbeiro, esquecido de que o freguês do patrão o espera ansiosamente e até da dona de uma outra barraca, que a abandona por um instante, arrastada pela vontade irresistível de participar do mexerico.

O negro, que carrega uma cesta à cabeça, a-pesar-de interromper a sua marcha para saber o que se passa, não pára por isso de tocar a sua "madimba lungungo" predileta, instru-

mento musical africano em forma de arco, com um arame ao invés de corda. Na extremidade em que segura o arco está presa uma cabaça vazia ou tijela de madeira, a qual, encostada ao estômago nu, permite ao executante sentir tão bem quanto ouvir a música que produz.

O modo de tocar é muito simples. Estando o arame bem esticado, toca-se-lhe de leve, produzindo um som, modulado pelos dedos da outra mão, que vai apertando o arame em vários lugares, de acôrdo com o capricho do músico. São reduzidos os recursos musicais e muito poucas as melodias que se tocam, acompanhadas quasi sempre pelo canto do executante. São canções de sua terra natal, cantadas na própria língua materna.

A dona mais velha da barraca aparece inteiramente absôrta nas fumaças e nas delícias do seu pito, nenhuma atenção prestando ao que se passa em redor.

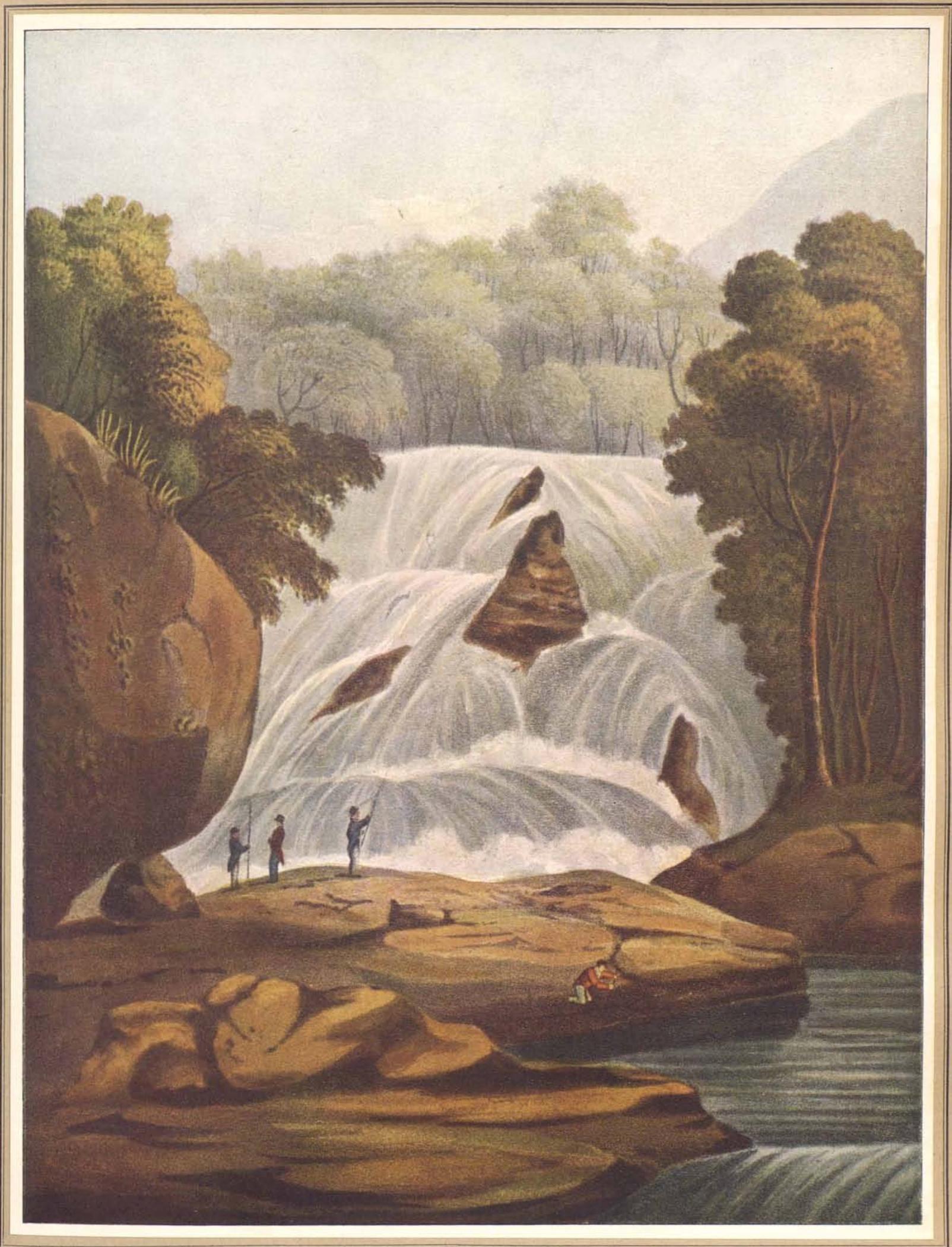




LT. CHAMBERLAIN, R. A.

UMA BARRACA DE MERCADO

A MARKET STALL



LT. CHAMBERLAIN, R. A.

CASCATA DA TIJUCA

WATERFALL OF TIJUCA

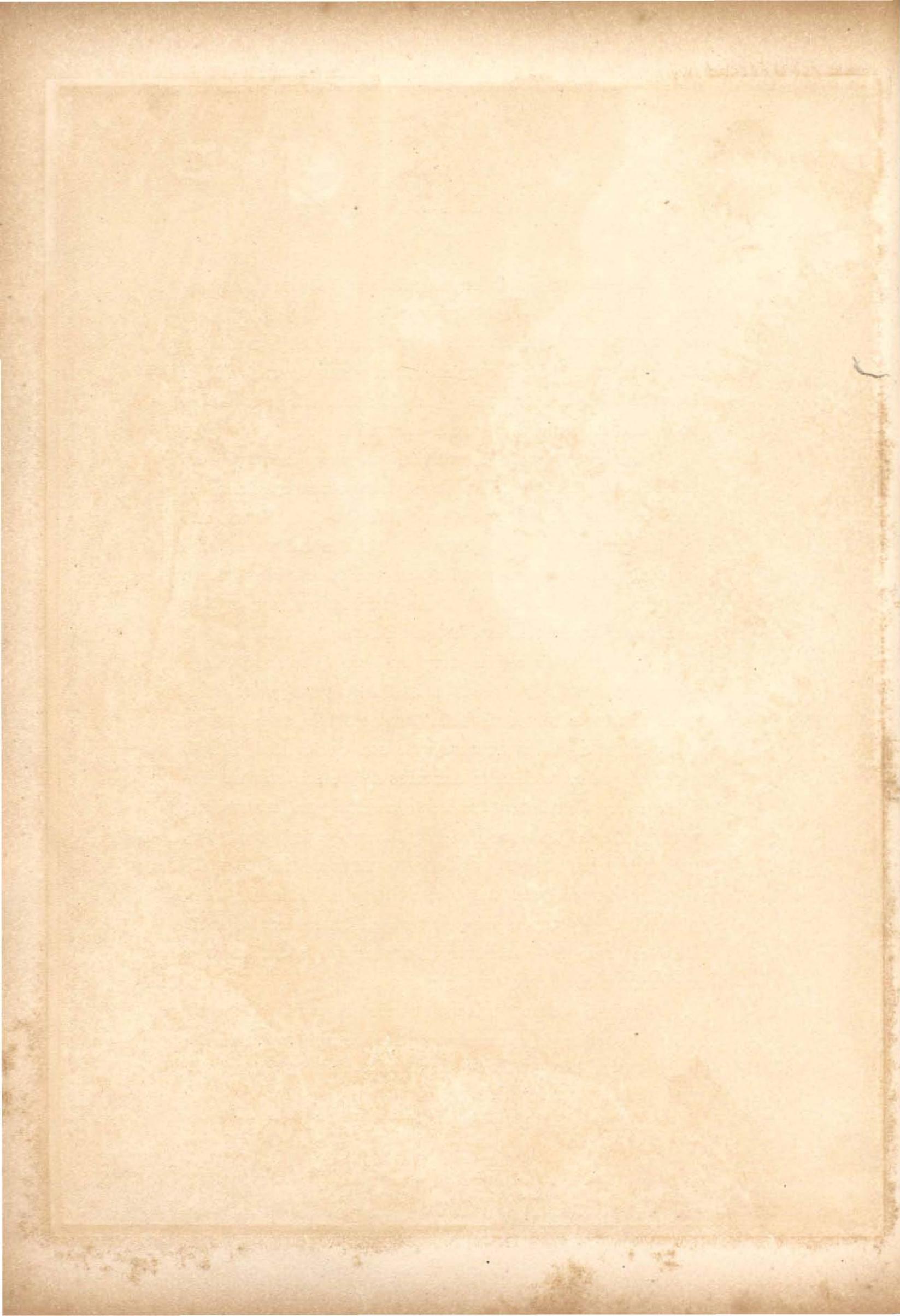
A CASCATA DA TIJUCA

Esta cascata e a paisagem pitoresca dos arredores merecem a atenção dos forasteiros que visitam o país. Si bem que insignificante quando comparada às enormes cataratas do continente setentrional, compensa as fadigas de um dia de viagem através da montanha. Quando a torrente se avoluma, depois das chuvaradas, a queda é considerável.

Pertinho, ao pé da correnteza, há uma escavação no rochedo, que tem em frente duas pedras com aparência de altares e, diz-se, foram usadas para êsse fim durante uma das invasões francesas. Hoje, entretanto, desempenham o papel menos sagrado de mesas de refeições, que os visitantes trazem sempre consigo por não haver nas vizinhanças nada que se possa comer ou beber, além da água do rio.

O caminho da cidade passa pelo vale do Andaraí e logo após começa a subida, rodeado de ambos os lados por estupendas montanhas cobertas de mata. Acompanha-o, de perto, um riacho, cujo cascatear rumorejante soa como uma bênção ao viajor, que sofre debaixo dos raios de um sol tropical. Enquanto sobe, o caminho é excelente, mesmo para carruagens; enquanto desce, pelo lado Ocidental, torna-se áspero e ruim, dando passagem somente a cavalos e muares. Mas é muito romântico e lindo, permitindo descortinar as vistas das montanhas vizinhas, com as suas matas que descem cerradas até à beira do caminho e numerosos riachos que o cruzam e o acompanham em tôda a descida.

Há ainda outra cascata, à direita do ponto mais alto do caminho, além da montanha, a cêrca de uma milha de distância; porém, esta queda d'água é muito maior que a da gravura. Vale a pena ser vista.





LT. CHAMBERLAIN, R. A

LAGÔA RODRIGO DE FREITAS

LAGOA DE FREITAS

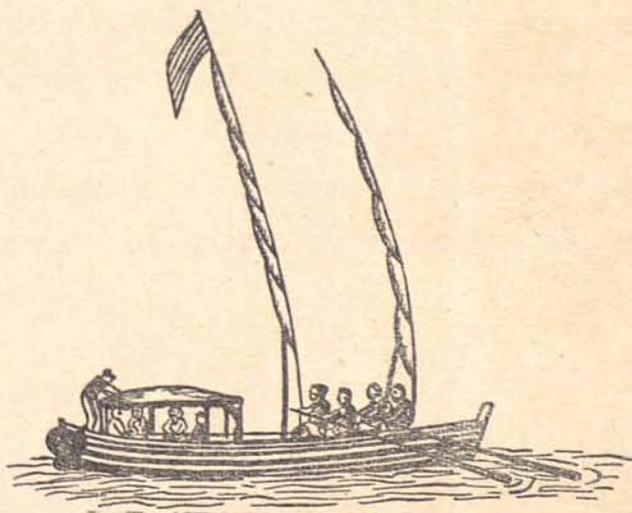
LAGOA RODRIGO DE FREITAS

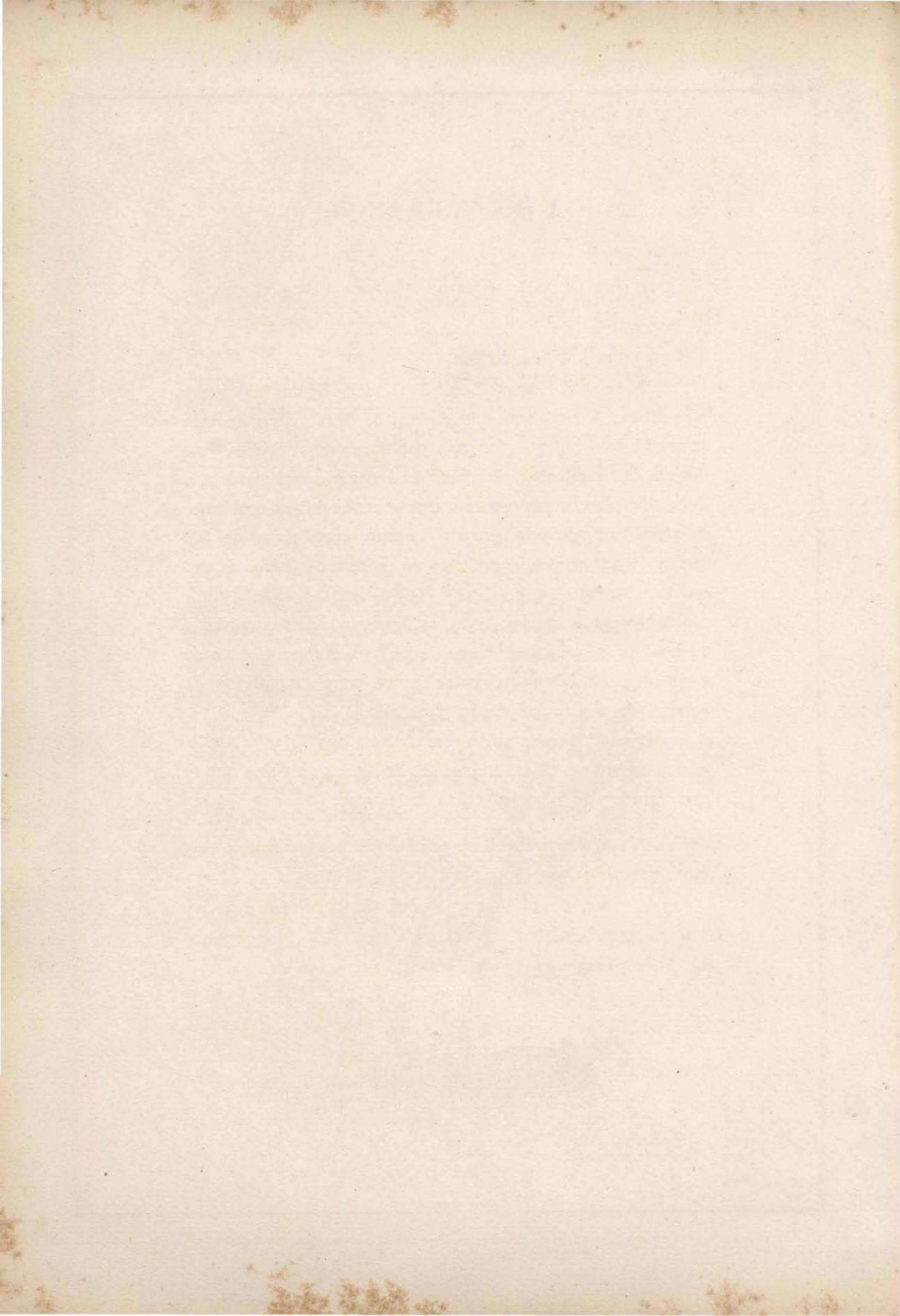
Esta vista do lago chamado "Lagoa de Freitas" foi tirada do caminho do Jardim Botânico e da Fábrica de Pólvora, a cinco ou seis milhas do Rio.

Vê-se aqui, e muito bem, o morro da Gávea, com o seu pico chato. A lagoa, que mede cêrca de duas milhas de uma extremidade a outra, é formada por numerosos riachos, que descem das montanhas vizinhas. As águas são represadas nesta bacia e o escoamento para o mar é impedido por um banco de areia, formado pelo próprio oceano, com cêrca de 300 jardas de comprimento, rente ao pé do morro cônico, chamado Dois Irmãos.

Depois de chuvas fortes, as águas inundam o caminho, tornando-o intransitável. Faz-se então um corte no banco de areia para soltá-las, apanhando-se assim grande quantidade de peixe. Vale a pena assistir ao espetáculo.

O caminho para quem vem de Botafogo é muito bonito, especialmente no último trecho. E são lindas as vistas que se nos oferecem de todos os pontos desta lagoa.





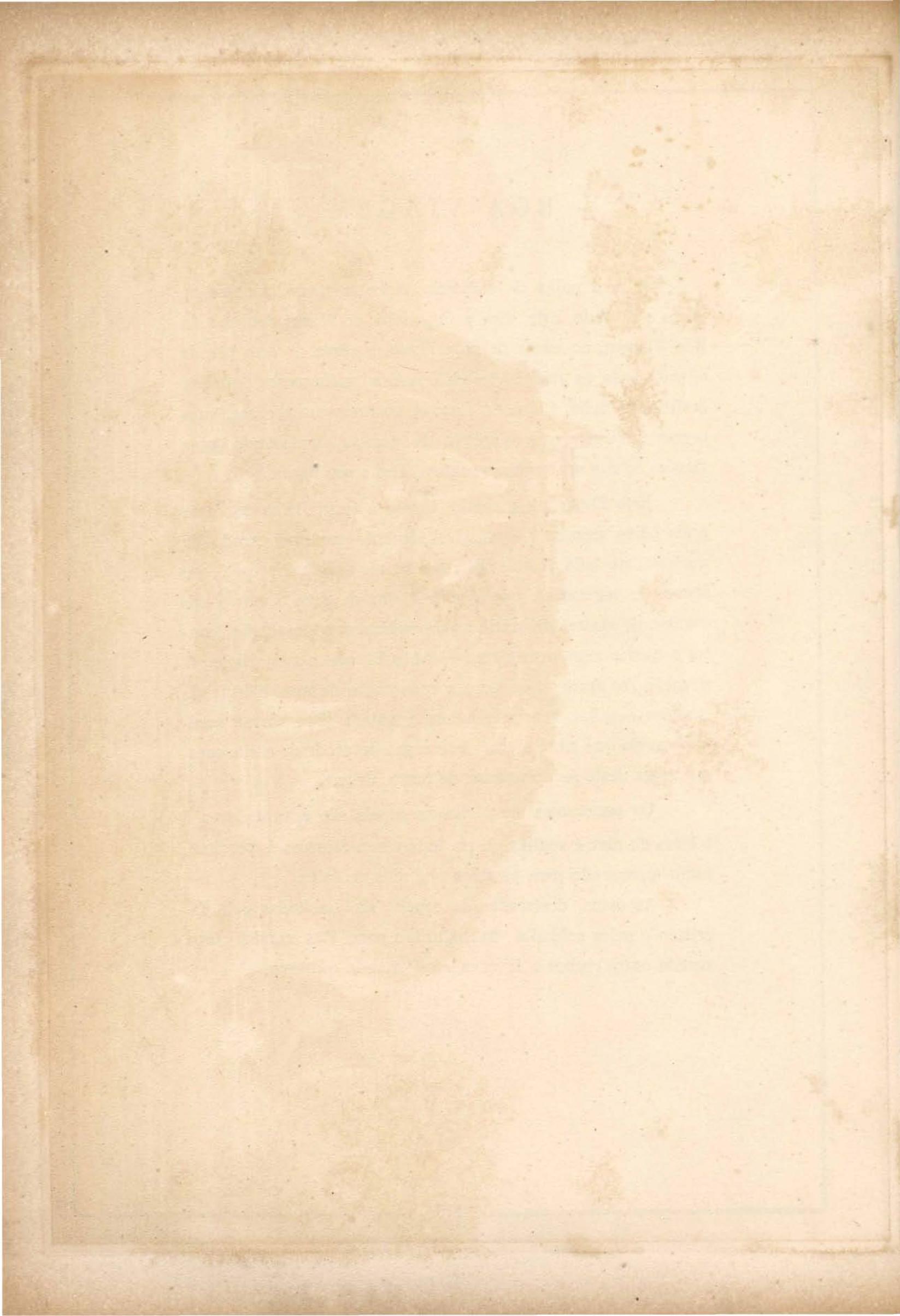
BOA VIAGEM

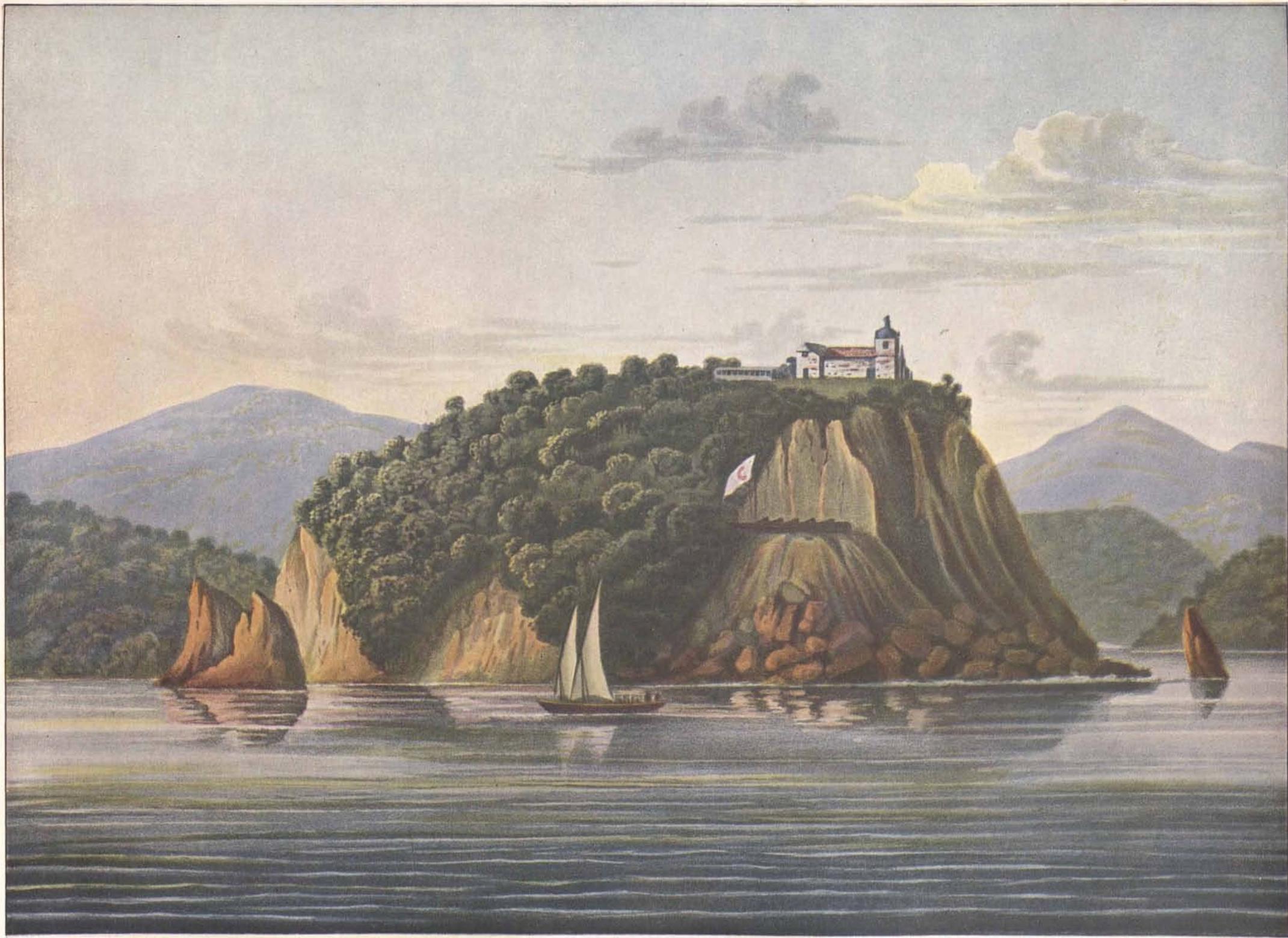
A uma milha de distância, mais ou menos, dentro do pôrto e do lado Este, fica a Capelinha de Nossa Senhora da Boa Viagem, no cume de uma ilhota, a cêrca de cem pés de altura, onde as tripulações dos navios portugueses, que se destinam à Índia, China ou Europa, costumavam oferecer suas preces à Virgem, nas vésperas da partida, implorando uma viagem feliz e um regresso seguro. Daí o seu nome.

Esta ilhota, ou rochedo, liga-se à terra firme por uma praia baixa arenosa e é acessível sòmente por uma escada de madeira, no lado Norte. E' coberta, na sua maior parte, de árvores e vegetações, porém o lado que dá para o mar é um montão de massas de granito, perpendiculares e rachadas, contra o qual o mar investe com fúria assim que o vento bate. A situação foi aproveitada para a construção de uma bateria de canhões pesados, admiravelmente assestada para varrer qualquer navio que tente a entrada e capaz de produzir efeito mesmo antes dêste se aproximar de Santa Cruz.

Os panoramas em tórno da capela são encantadores e a brisa do mar é sentida ali em todo o seu frescor; é, por isso, muito procurada para passeios nos dias de folga.

As casas, destacadas da capela, são habitadas pelo sacristão e pelos soldados da bateria e para elas conduz uma vereda entre rochas e árvores, contornando o morro.





LT. CHAMBERLAIN, R. A

BÔA VIAGEM

BOA VIAGEM

BRAGANÇA

Do outro lado do pôrto, em direção Nordeste ao largo do Palácio, e a umas quatro milhas dêste (um pouco além da Ponta da Armação), fica a propriedade cedida a Sir Sidney Smith pelo Rei de Portugal, logo após a sua chegada da Europa em 1808, tendo aquêle official dado à propriedade o nome de "Bragança", em honra ao Real Doador.

A casa é pequena mas cômoda, e particularmente interessante e romântica a vista de sua espaçosa varanda fronteira. Como uma parte da ilhota é frequentada pelos barcos da parte oriental da baía, que vão para o Mercado, o cenário se anima pelo tráfego contínuo dessas embarcações. De madrugada elas são vistas velejando indolentemente em direção à cidade, impelidas pelo vento manso da terra ou por pesados remos. A tardinha, passam voando, carregadas pela frescura da brisa do mar. Quando levantam os violentos ventos do Sudoeste, como acontece às vezes no inverno, os barcos procuram refúgio perto da casinhola branca da praia, onde esperam, protegidos pela alta costa, a volta do bom tempo. A propriedade é administrada por um diligente marítimo genovês que, por longos anos, fôra o timoneiro predileto de Sir Sidney e com êle viera para o Brasil. E' um lugar de reunião para barqueiros, muito concorrido. O morro é uma massa de granito, coberta por uma camada de terra, em alguns lugares de considerável profundidade. A maior parte da terra é ruim, mas produz café e frutas tropicais em abundância.

A enseada é rica em camarões de grandes dimensões. Durante a estação, isto é, de Março a Junho, vastas quantidades de tainhas são apanhadas quando procuram bandear-se para o mar.



LT. CHAMBERLAIN, R. A.

BRAGANÇA

BRAGANÇA

CARRO DE BOI

O carro foi trazido de Portugal para o Brasil com todos os seus defeitos. A-pesar-de destruir os caminhos e os calçamentos, promete continuar em uso corrente no Brasil, como é na sua terra natal.

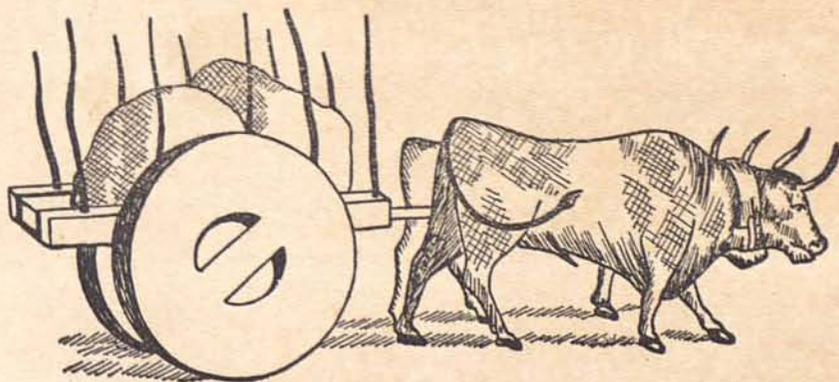
E' ensurdecedor o chiado produzido pela fricção do carro pesado sôbre os eixos que, presos às rodas, com elas giram. E como os carreiros se convenceram (muito injustificadamente!) de que, sem êste barulho, os bois não puxam, não há esperança que isso acabe.

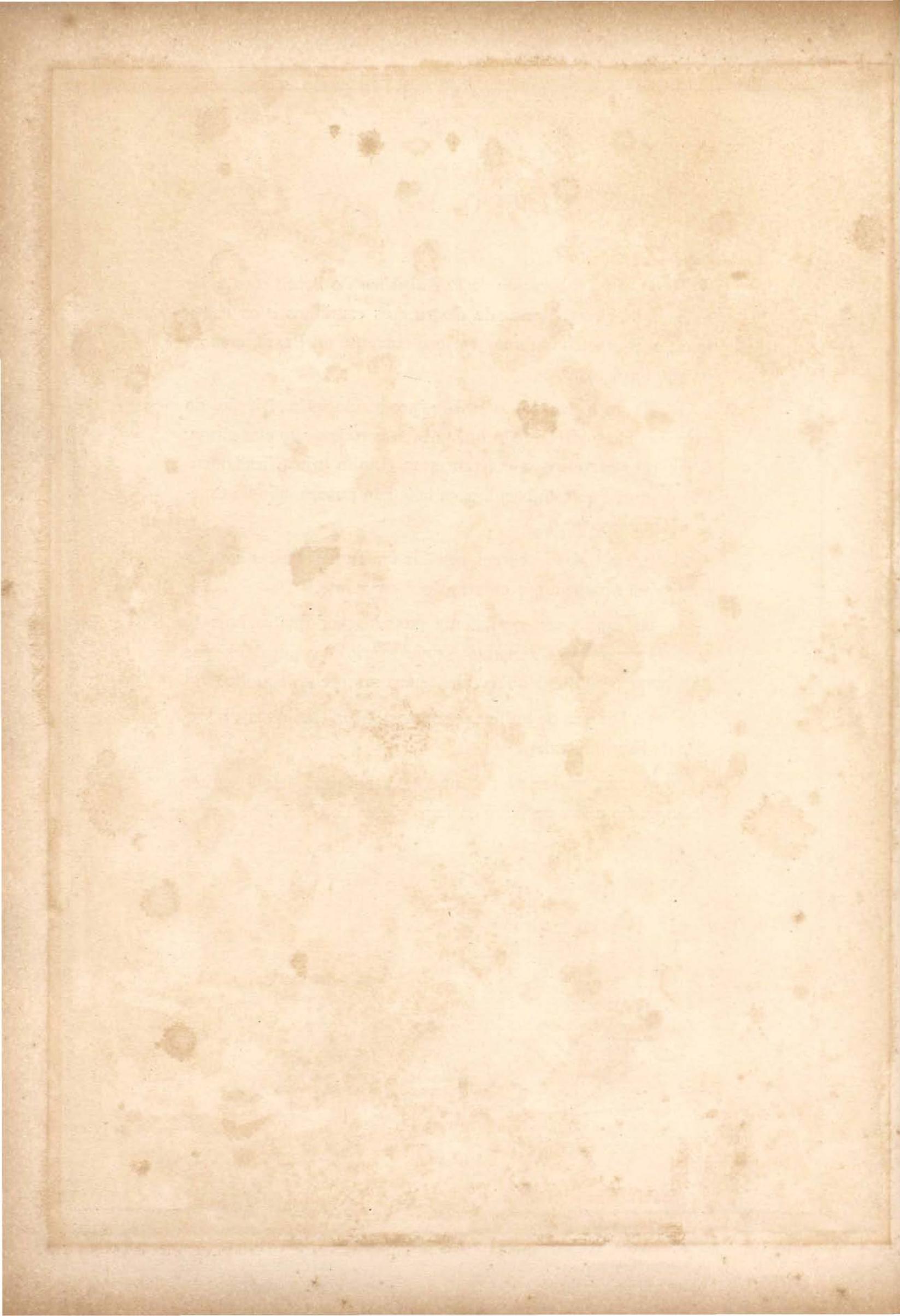
Como tôdas as cargas pesadas são transportadas em veículos desta natureza, a caceteação é constante.

Os carros são geralmente puxados por quatro bois (o número de animais aumenta, si necessário), conduzidos por dois homens, um dos quais toma quasi sempre a dianteira.

Os homens de uniforme são postilhões (bolieiros), a serviço da Família Real.

A casa, que se vê ao fundo, foi ocupada pelo Marquês de Lavradio e fica na beira da Lapa, perto da Glória.







LT. CHAMBERLAIN, R. A.

CARRO DE BOI

THE STONE CART

PONTA DO CALABOUÇO VISTA DA GLÓRIA

Esta vista, tirada das rochas junto ao mar na Ponta da Glória, mostra o caminho de Botafogo à cidade, protegido na praia por um paredão sôbre o qual, em tempo ruim, o mar quebra com violência. O lugar é chamado Beira da Lapa.

Numa colina, aparece o convento de Santa Teresa, cujo acesso é íngreme, porém bem calçado.

O aqueduto, que traz a água do Corcovado para o abastecimento da cidade, passa perto desta construção e cruza o vale abaixo por cima de uma dupla fila de arcos, levando parte da água à rua dos Borbonos, e seguindo pelo lado do morro até à área aberta, debaixo do convento de Santo Antônio, despeja-a finalmente na grande fonte chamada Chafariz da Carioca.

O aqueduto tem um comprimento de cêrca de três milhas e recebe as águas que descem das montanhas, perto do Corcovado, no comêço do Vale das Laranjeiras, que depois são conduzidas ao longo das faldas dos morros em um canal de granito de cêrca de 10 polegadas de largura, inteiramente coberto, com aberturas de distância em distância, para permitir a entrada de luz e trabalhadores.

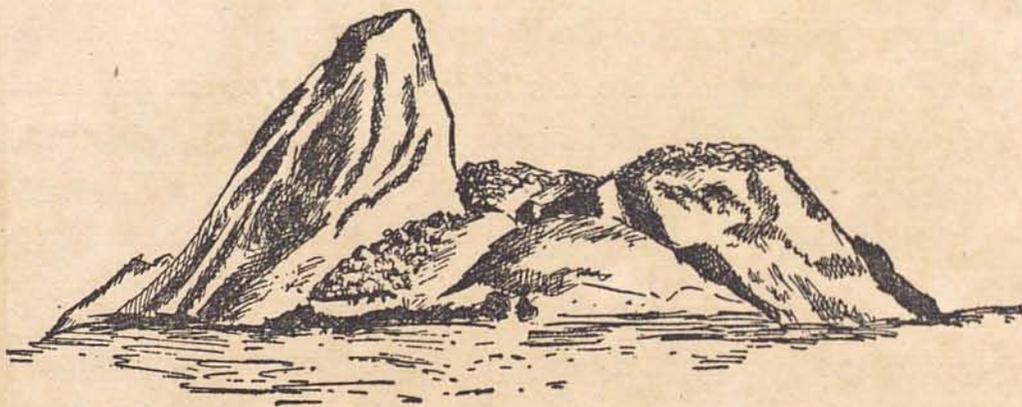
Entre as casas, à direita do Aqueduto, aparecem as tórreres da igreja da Lapa, o Jardim Público, com suas duas colunas brancas triangulares, e, mais além, o convento de Santo Antônio. O grande edificio escuro, mais para a direita, é o convento da Ajuda.

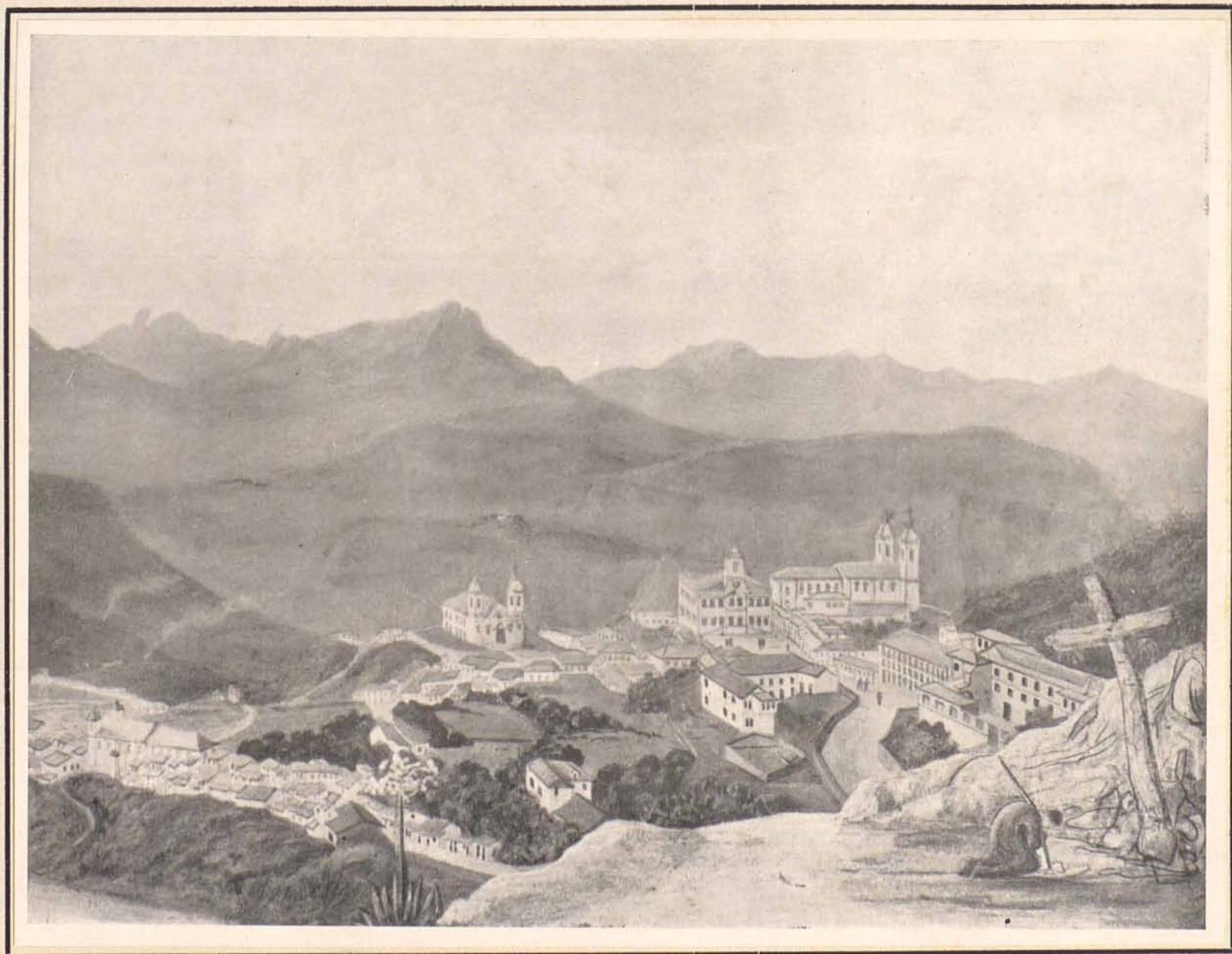
Contíguo fica o Morro do Castelo, no qual se acham os Telégrafos, os postes de sinalização, a Catedral ou Sé Velha e

o Hospital Militar (outrora Colégio de Jesuítas). A vista termina na Ponta do Calabouço.

O Calabouço, mais comumente Pelourinho, fica entre os edifícios perto da Ponta.

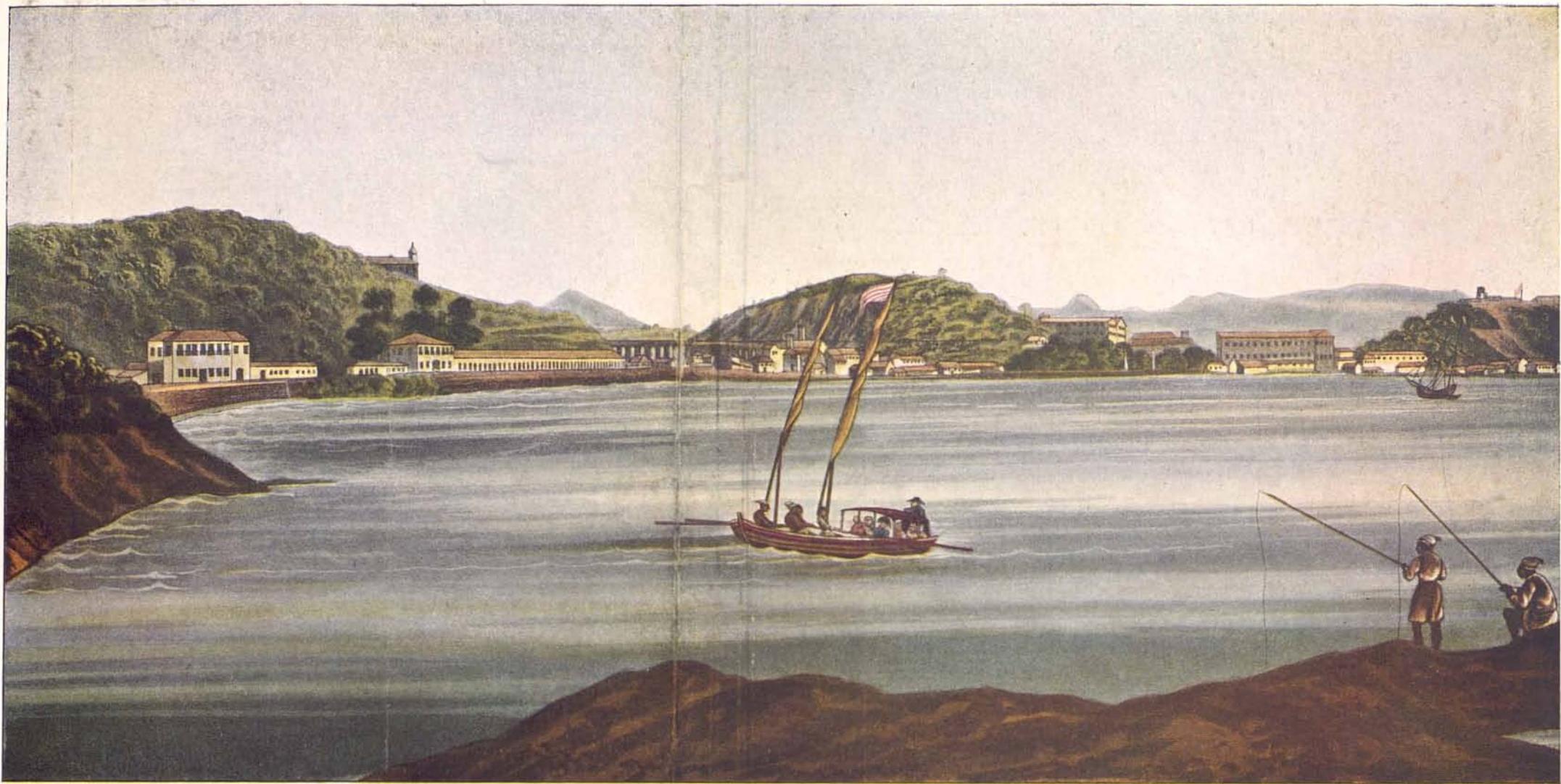
O Matadouro de gado (e há apenas um no Rio de Janeiro) está localizado perto do mar, um pouco à direita do convento da Ajuda. O mau cheiro que constantemente desprende é terrivelmente incômodo e torna as vizinhanças muito desagradáveis. Não há nada mais repugnante do que a maneira imunda com que a carne verde é transportada aos açougues da cidade.

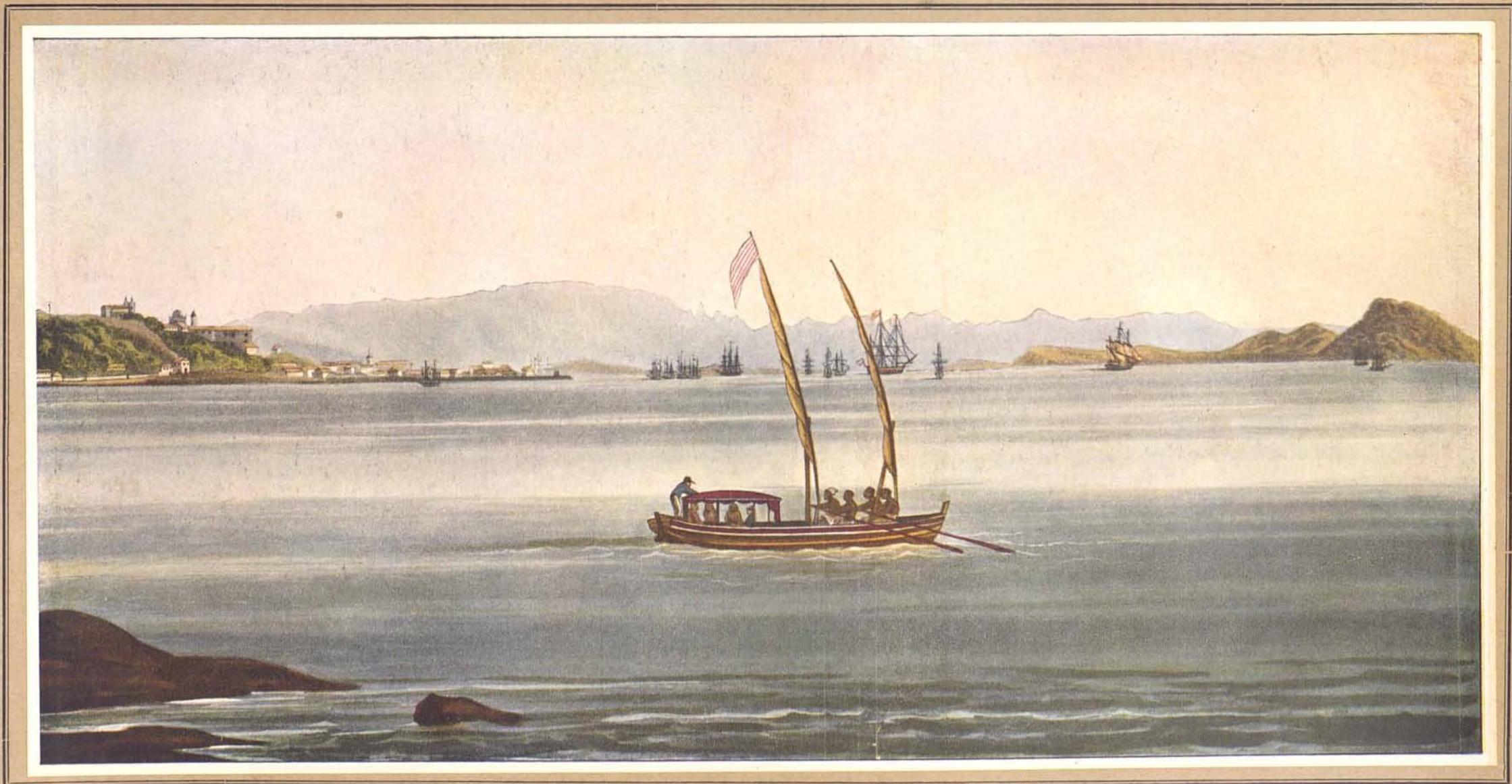




*Reprodução duma aquarela inédita de Ouro Preto feita pelo
tenente Chamberlain em 1819.*

(Coleção J. Sousa Leão, filho)





LT. CHAMBERLAIN, R. A.

PONTA DO CALABOUÇO, VISTA DA GLÓRIA

POINT OF THE CALABOUÇO, FROM THE GLORIA

VISTA DAS CERCANIAS DA BAÍA DE BOTAFOGO

Esta vista, tirada do caminho que da baía de Botafogo leva à lagoa de Freitas, dá uma idéia exata do panorama dos arredores da cidade do Rio de Janeiro, onde as matas ainda não desapareceram das montanhas.

Avançando até os próprios bordos dos impressionantes blocos de granito, descobertos e bronzeados pelas estações, crescem na maior exuberância árvores gigantescas, que são vistas em tôda parte coroando os mais altos cumes.

Imitando os seus ascendentes de Portugal, os brasileiros gostam de construir suas casas de campo ao longo das estradas para gozar o que chamam “a passagem”, isto é, apreciar o povo passando na estrada. Raramente demonstram gosto mais apurado que o do caso presente, em que se vê uma casa num lugar mais afastado, onde o proprietário, rodeado pelas belezas desta encantadora região, pode gozar o seu agradável retiro e as brisas refrescantes do mar.





L.T. CHAMBERLAIN, R. A.

VISTA DAS CERCANIAS DA BAÍA DE BOTAFOGO

VIEW NEAR BOTAFOGO BAY

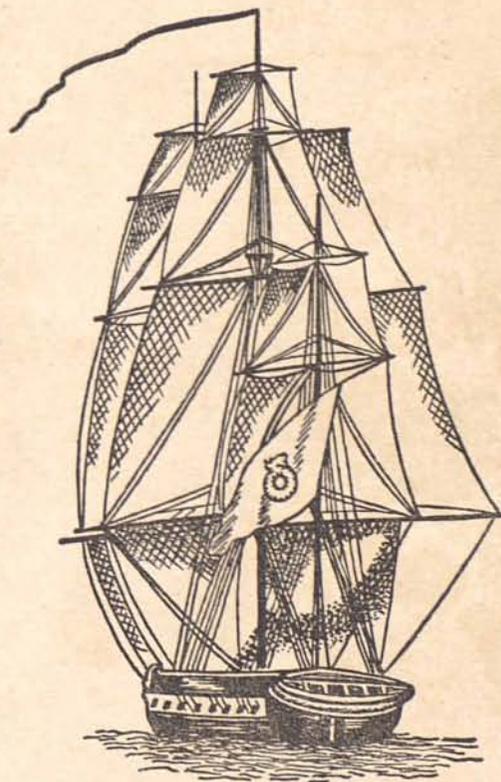
ÂNGULO SUDOESTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Esta vista foi tirada da residência do falecido Conde da Barca (M. de Araújo), perto do Rio Comprido.

Os morros, à esquerda, são os de São Diogo, onde os franceses desembarcaram, quando da invasão da cidade em 1711, comandados por Duguay-Trouin.

Um braço de mar da baía corre ao seu redor, quasi até à cidade, sendo navegável para barcos, em maré alta. Durante as inundações, as águas cobrem os baixios, dando a aparência que aqui se vê.

Uma excelente estrada foi aberta no Campo de Sant'Ana através d'este pântano, terminando numa resistente ponte de madeira sôbre o braço de mar, que serve às pessoas que visitam o Palácio de São Cristóvão e aos tropeiros que vão e vêm do interior.





LT. CHAMBERLAIN, R. A.

ÂNGULO SUDOESTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

S. W. VIEW OF THE CITY OF RIO DE JANEIRO



LT. CHAMBERLAIN, R. A.

MONTANHAS DA TIJUCA

TEJUCA MOUNTAINS (sic)

MONTANHAS DA TIJUCA

Cêrca de seis milhas ao Oeste da cidade está situada a aldeia de Andaraí, onde começa a subida às Montanhas da Tijuca por um caminho outrora áspero, cheio de rochas e penhascos, quasi intransitável durante a estação das chuvas, melhorado posteriormente, permitindo até a passagem de carruagens. Nesta aldeia vários comerciantes brasileiros ricos possuem vivendas campestres e foram estabelecidas uma fábrica de papel e uma tecelagem e estamperia de algodão, se bem que com pouco sucesso.

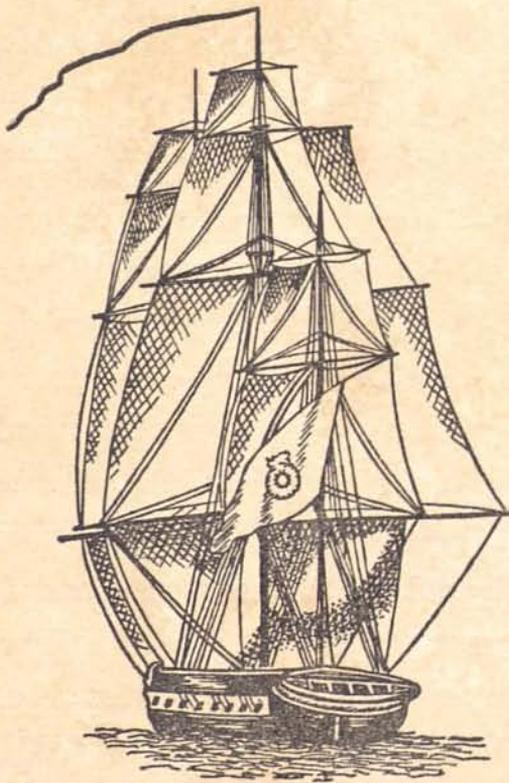
Esta vista, tirada de uma colina em Mata-Porcos, oferece uma vasta perspectiva sôbre o lindo vale do Engenho Velho, onde se distinguem a igreja paroquial de São Francisco Xavier da aldeia do Andaraí, o caminho já mencionado e os píncaros mais elevados das próprias Tijucas.

Uma grande parte desta região montanhosa é patrimônio do Visconde d'Asseca, que, entretanto, poucas vantagens auferia de suas vastas possessões, até que, há bem pouco tempo, vários lotes foram cultivados por emigrantes da Europa, franceses na maioria, que ali iniciaram consideráveis plantações de café, para o que o clima e o solo são particularmente apropriados. Enquanto os habitantes do Rio de Janeiro e das planícies circunvizinhas sofrem debaixo do calor opressivo de um sol tropical, os lavradores destas montanhas (que têm sido chamadas, com certa justiça, a Sintra do Brasil) gozam um clima delicioso, temperado por moderadas e refrescantes brisas. As noites são sempre frescas e o solo fértil, capaz de produzir muitas das frutas e a maioria das verduras da zona temperada.

Descendo estas montanhas pelo lado Ocidental, o caminho ainda não melhorado e, portanto, excessivamente íngreme e difícil, dando passagem somente a cavalos e burros, conduz à cascata da Tijuca, cuja vista se encontra numa gravura anterior.

Os dois negros, vistos no primeiro plano, cortam capim, uma graminea trazida de Angola e muito apreciada pelos equinos e bovinos; atinge a altura de vários pés e pode ser cortada cinco ou seis vezes por ano.

As plantas de largas folhas são bananeiras novas.





LT. CHAMBERLAIN, R. A

A FORTALEZA DE SANTA CRUZ

S. W. VIEW OF FORT SANTA CRUZ

A FORTALEZA DE SANTA CRUZ

E' esta a mais importante e a mais formidável fortaleza de tôdas as que constituem a defesa do pôrto do Rio de Janeiro, cuja entrada domina inteiramente. E' construída de pedra e fica na saliência baixa da rocha, quasi ao nível do mar, no lado Este, equipada com cêrca de 120 peças de artilharia. As baterias do lado Sul, olhando para o mar, são peças de 32 polegadas; as do lado Oeste, de 25; e as do Norte, de 18.

Separa-a do continente um valo largo e profundo, cortado de lado a lado, diretamente através do sólido granito que forma o morro. Atravessa êste fôssô uma pequena ponte, comunicando-se com o estreito caminho que, passando pelo lado do morro, sobe para a fortaleza do Pico, outro forte situado no cume, que daí se estende em direção à colina mais próxima. Na gravura aparece parte dêste forte, bem como o mastro da sua bandeira.

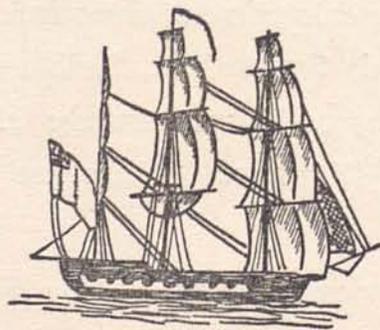
Na altura em que se acha, a fortaleza do Pico não poderia ser de grande eficiência opondo-se à aproximação de navios inimigos, porém, no caso de um ataque à fortaleza de Santa Cruz ou da sua evacuação, ofereceria à guarnição desta um lugar seguro para a retirada, de onde, então, castigaria terrivelmente o inimigo, colocado no plano inferior. Sua posição, diretamente acima da Santa Cruz, facilita ampla visibilidade. No outro lado do morro há um caminho chamado Saco, que vai do Pico à beira d'água, na baía, e que toma a direção de Leste.

Todos os navios que passam pela Fortaleza de Santa Cruz são chamados à fala. À noite, é-lhes apontado o lugar em que devem ancorar até a manhã seguinte. Dão-se sinais de tiros e de fogos de artifício, ao anoitecer, para informar os

oficiais do palácio na cidade se o navio é estrangeiro ou nacional, se é vaso de guerra ou navio mercante. De dia são as próprias bandeiras que indicam a nação a que pertencem.

Nem esta fortaleza, nem qualquer outra que defende o pôrto, encontrava-se em condições até a chegada, em 1819, da notícia de que uma expedição espanhola estaria prestes a zarpar de Cádiz contra Montevidéu. Só então é que se tornaram capazes de defender o pôrto.

As proximidades do pôrto são protegidas, do lado de fora, pelas baterias da Praia Vermelha, a Oeste. A barra é defendida a Leste pela Fortaleza de Santa Cruz; do outro lado pelas baterias de São João, São José e São Teodósio, ao pé do Pão de Açúcar; no meio do canal, pela Lage e pelas baterias de Boa Viagem, um pouco além de Santa Cruz. O interior do Pôrto, pelos fortes de Villegaignon e Gravatá; do lado oposto, por uma bateria do Morro do Castelo e pelas fortificações da Ilha das Cobras.



O LAZARETO

O Lazareto fica perto da água, por cima de uma colina, numa das extremidades da baía de São Cristóvão, cêrca de quatro milhas a Noroeste do Rio. Era antigamente uma casa de repouso, pertencente aos Jesuítas, depois aproveitada como hospital para os atacados de lepra. Desde que os doentes foram removidos para uma das pequenas ilhas da baía, isto há alguns anos, foi utilizada como quartel pelo Regimento Português de Caçadores, que teve papel tão proeminente nos últimos acontecimentos políticos.

A região intermediária, baixa e pantanosa, fica coberta de água nas enchentes da primavera.

Esta vista foi tirada de um morro, perto do Rio Comprido, na estrada da Tijuca.





LT. CHAMBERLAIN, R. A

O LAZARETO

THE LAZARETTO

DUAS VISTAS TOMADAS FORA DA BARRA NOS ARREDORES DO RIO DE JANEIRO

Esta gravura contém duas vistas da extraordinária configuração de montanhas, que circundam a entrada e os arredores da grandiosa baía do Rio de Janeiro.

A gravura superior mostra a região tal qual se oferece a quem se aproxime pelo Sudoeste. A entrada do pôrto fica a quatro ou cinco léguas de distância, em direção norte, quarto Nordeste.

A montanha com o pico chato, ou em forma de mesa, é chamada Gávea, têrmo portuguez que designa vela de mezena, donde se conclue o nome ter sido tirado em razão da semelhança. E' das mais altas montanhas dos arredores. As faldas perto do pico são muitíssimo escarpadas. Dizem que tôda a montanha fôra outrora o esconderijo predileto dos negros fujões. Mais a leste, vê-se o pico do Corcovado terminando em ponta, entre 1.500 a 1.600 pés acima do nível do mar. E' notável a variedade de aspectos que esta montanha apresenta, vista de diferentes pontos.

Com o tempo limpo, quando não envolto em nuvens, como acontece quasi sempre, ela serve de ponto de referência aos navios que demandam o pôrto, até que o Pão de Açúcar — um só bloco de granito de cêrca de 900 pés de altura e consideravelmente inclinado para Oeste — se levante do lado ocidental do oceano, indicando a entrada da barra.

A ilha Redonda, situada cêrca de duas léguas ao Sul do Pão de Açúcar, intercepta a vista do lado Este da entrada do pôrto.

A gravura inferior mostra a entrada do pôrto a uma distância de duas milhas. A Gávea ainda é visível na extremidade esquerda, um tanto separada do grupo geral. E os altos cumes das montanhas da Tijuca aparecem entre aquela e o Corcovado, aparentemente no meio, agora com aspecto muito mudado.

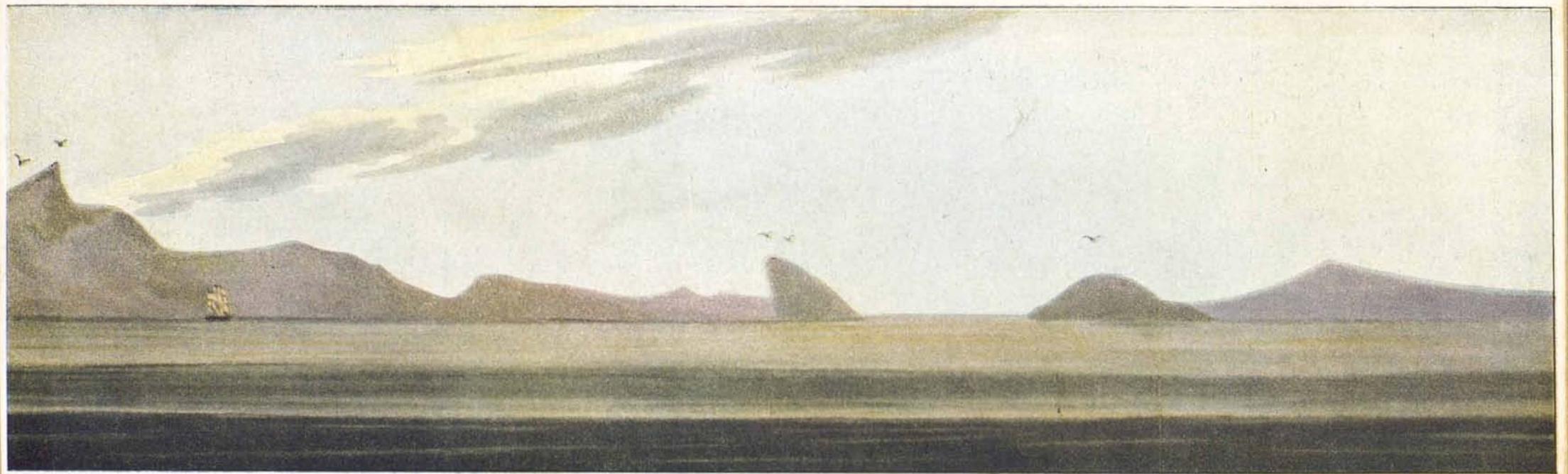
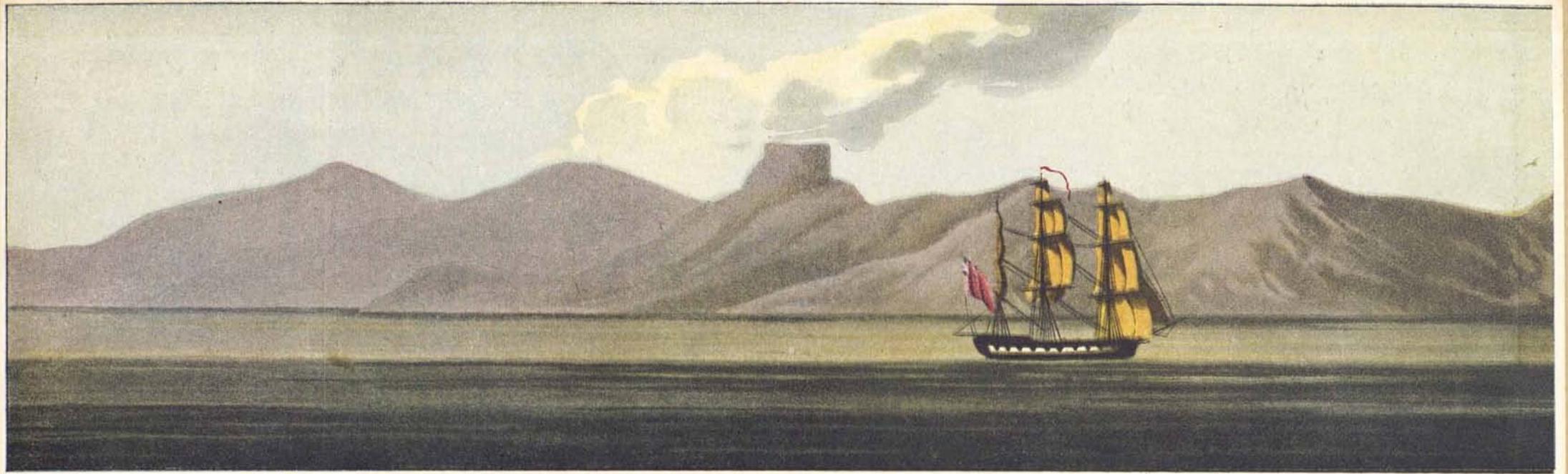
Quasi em frente, um tanto para dentro da entrada do pôrto, está a fortaleza da Lage, cujo nome deriva da lage granítica em que foi construída. Equipada com canhões de grosso calibre, graças a posição em que se encontra, deve ser bastante eficiente em tempo calmo.

Os franceses tentaram estabelecer-se aí antes de se apoderarem da ilha de Villegaignon (mais para dentro do pôrto) no ano de 1555, porém já foram expulsos pelo mar, que durante e após fortes rajadas de vento varre a fortaleza com grande impetuosidade.

Nestas ocasiões enquanto as ondas abrem grandes brechas em todo o forte, a guarnição fica em apuros, por ser muito perigosa a aproximação dos barcos e impossível oferecer qualquer auxílio. E' frequente o espetáculo de sinal de perigo fluando sôbre a fortaleza às vezes durante o dia inteiro.

Ao lado direito, ou seja, a leste fica a poderosa fortaleza de Santa Cruz, construída junto ao mar, atrás da qual se ergue um morro alto, quasi que inteiramente de granito, como aliás todos os demais naquelas redondezas. Calcula-se a distância entre a fortaleza de Santa Cruz e as baterias de São José e São Teodósio, bem em frente, em oitocentas e cinquenta braças portuguesas, isto é, quasi uma milha inglesa e um quarto.

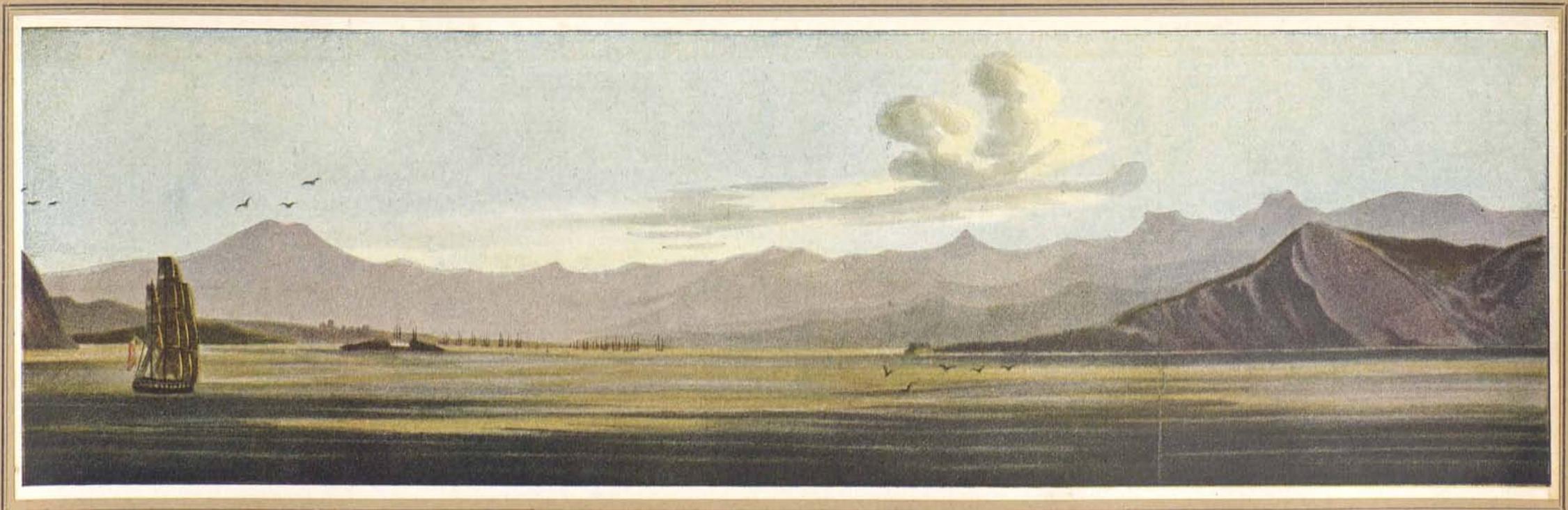
DUAS VISTAS TOMADAS FORA DA BARRANOS ARREDORES DO RIO DE JANEIRO
TWO EXTERIORS VIEWS OF THE LAND IN THE NEIGHBOURHOOD OF RIO DE JANEIRO



LT. CHAMBERLAIN, R. A.

ENTRADA DO RIO DE JANEIRO, DO LADO OCIDENTAL,
DO PÃO DE AÇÚCAR, A CÉRCA DE QUATRO
LÉGUAS DE DISTÂNCIA

APPROACH TO RIO DE JANEIRO FROM THE WESTWARD
SUGAR LOAF, ABOUT FOUR LEAGUES DISTANT



LT. CHAMBERLAIN, R. A.

ENTRADA DO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, A CÊRCA
DE DUAS MILHAS DE DISTÂNCIA.

ENTRANCE OF RIO DE JANEIRO, SUGAR LOAF ABOUT
TWO MILES DISTANT.

Na entrada da barra, a Oeste do Pão de Açúcar, acha-se outra fortaleza à beira-mar, chamada Praia Vermelha, que se estende entre as montanhas por todo o terreno plano.

Por cima da fortaleza da Lage, distinguem-se algumas das casas do morro que domina a cidade e, à direita, os navios ancorados.

As montanhas, mais ao longe, formam a parte da cordilheira que se denomina Serra dos Órgãos, com algumas cadeias intermediárias entre esta e a baía.





LT. CHAMBERLAIN, R. A.

O MERCADO DOS ESCRAVOS

THE SLAVE MARKET

MERCADO DE ESCRAVOS

Na parte Noroeste da cidade acha-se a rua chamada Valongo, ou seja Vale Comprido, onde se vendem escravos, pois, a bem dizer, não existe um mercado de escravos. Os baixos das casas são reservados a êsses seres infelizes, que se amontoam uns sôbre os outros, à espera do comprador. Um capataz faz a ronda para manter a ordem entre êles, o que não é difícil por serem de índole pacífica e até mesmo alegres. Convida os escravos a cantar, a se mostrarem contentes. Seja por gozar de maior liberdade, seja porque recebem melhor tratamento e melhor comida que a bordo dos navios, a atitude dêles indica poucos sinais de tristeza.

A noitinha, permitem-se-lhes sentar à porta, em frente da casa, para tomar a fresca. Os doentes são conduzidos a passeio e a verdade manda dizer que são tratados sem crueldade ou aspereza.

Quando uma pessoa deseja comprar algum, visita os diversos armazéns, indo de casa em casa, até achar um que lhe agrade, que é, então, chamado para fora e submetido à operação de ser apalpado e examinado em diversas partes do corpo e dos membros, exatamente como se faz com o gado no mercado. Obrigam-no a andar, a correr, a esticar violentamente braços e pernas, a falar, a mostrar língua e dentes, fatores considerados os mais seguros para descobrir a idade e avaliar a saúde.

A gravura mostra um brasileiro já maduro examinando os dentes de uma negra, antes de comprá-la, enquanto o negociante, um cigano, gasta veemente eloquência em louvor das perfeições de sua mercadoria. A mulher que assiste à transa-

ção é a criada do comprador, ouvida frequentemente em tais ocasiões.

O número de infelizes africanos, importados para o Rio de Janeiro, cada ano, do Congo, Angola, Benguela e Moçambique, pode ser computado numa média de 20.000, mais ou menos, nunca inferior a 18.000, raramente excedendo a 22.000. A renda que o Estado auferê d'êste tráfico deshumano pode ser avaliada em cêrca de 80.000 libras esterlinas por ano. O sofrimento d'êstes miseráveis cativos durante a viagem da África é indescritível.



PRETOS DE GANHO

Aquí vão reproduzidas as duas maneiras de transportar pipas de vinho e outros objetos pesados.

Na parte larga da rua Direita, perto da Alfândega, encontra-se grande número d'esses negros, empregados como carregadores de aluguel para transporte de cargas, munidos de grossas e compridas varas e de fortes cordas para carregar, ou com carretões baixos e toscos para arrastar as mercadorias de um lugar para outro.

Esses homens são, geralmente, talvez possa dizer-se invariavelmente, escravos que trabalham para os seus senhores, a quem entregam, tôdas as noites, de volta para casa, determinada importância, guardando para si apenas as sobras, si as houver; outras vezes, nos maus dias, repõem as diferenças do ganho.

Muitas famílias vivem exclusivamente do trabalho de escravos, acima descrito.

Quando o pêsó é demasiado para um só homem, a carga é levantada em uma vara e assim conduzida ao destino, por dois escravos. Para cargas ainda maiores são precisos quatro, seis ou mais, conforme o caso exigir. Em geral, um d'elles negocia por todos, assumindo o papel de chefe, ou capataz, como se usa dizer. Tudo acertado, erguem o pêsó vagarosamente, cada qual pondo a mão no ombro do vizinho, para apoiar-se, e só então começam a se locomover. Afim de manter a regularidade do passo, tão necessária para produzir uniformidade de esforço, o capataz canta umas palavras africanas às quais todos respondem em côro. E assim, cantando e marchando juntos, executam o trabalho contratado.

Os carregadores negros do Rio, ou não são tão fortes ou não são tão dispostos a fazer fôrça quanto os seus colegas, os galegos de Lisboa, onde quatro não têm dificuldade em carregar uma pipa de vinho, enquanto que dos primeiros, um grupo de oito não tentaria levantar tal pêsso.

O carretão, que deslisa sôbre quatro rodas pequenas e fortes, é um veículo dos mais difíceis de se manejar. Suas rodas são baixas e sólidas, fixadas nos próprios eixos, que também giram com elas; o estrado, colocado simplesmente sôbre os eixos (firmados a uma cavidade semi-circular, tôscamente executada), nada tem que o segure no lugar e por isso escapa constantemente, causando demoras além de grande esforço suplementar.

A carga é, em primeiro lugar, amarrada com firmeza; em seguida, arrasta-se o carretão, como se vê. O capataz sempre dá um jeito de ficar atrás, empurrando o pêsso para a frente, poupando-se assim à custa dos outros, em cujo proveito canta e dos quais recebe resposta em côro, como já ficou dito.

As casas, que aparecem na gravura, ficam na rua Direita, a grande via comercial; a travessa é a rua das Violas.





LT CHAMBERLAIN, R. A.

PRETOS DE GANHO

PRETOS DE GANHO

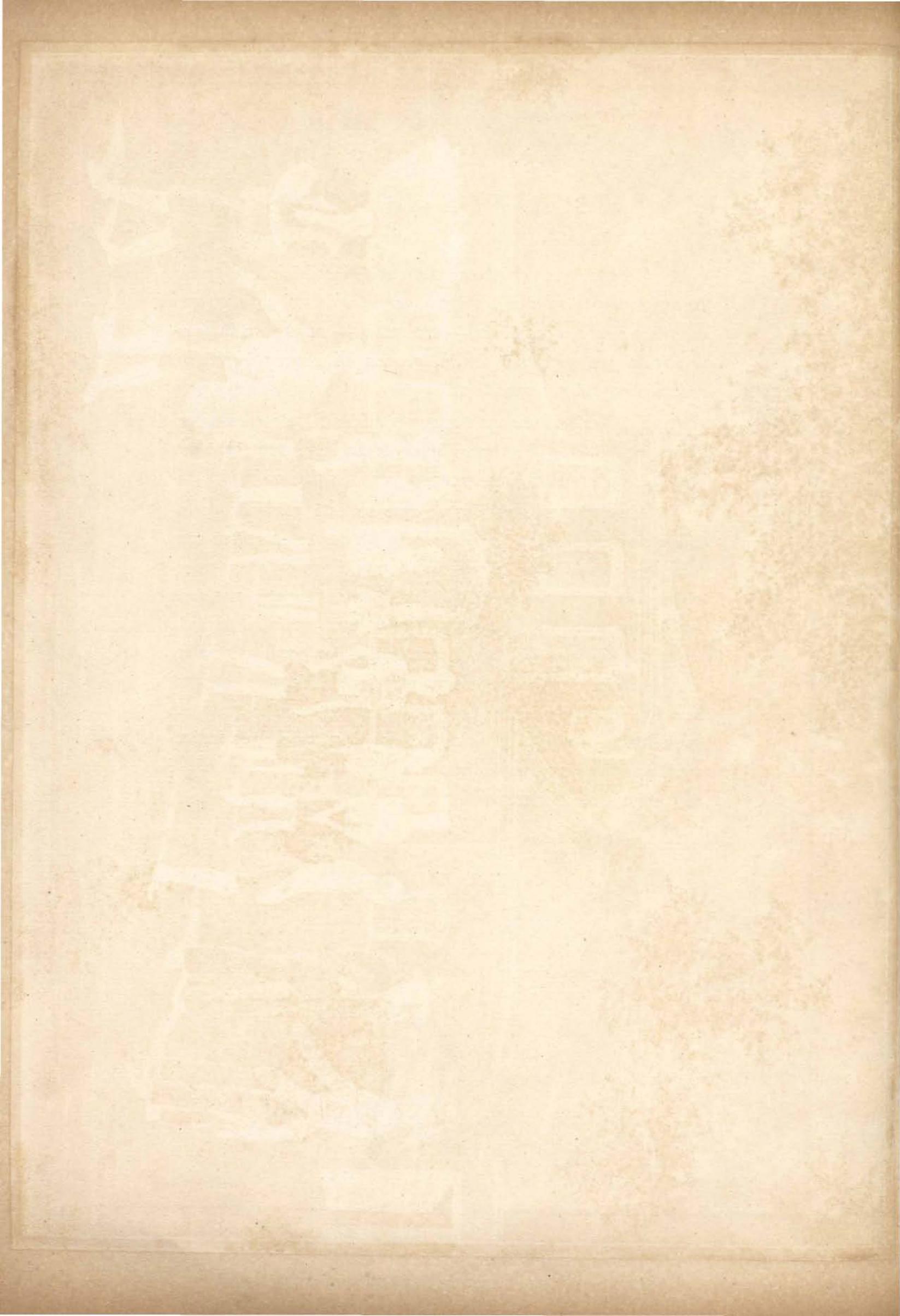
ESCRAVOS DOENTES

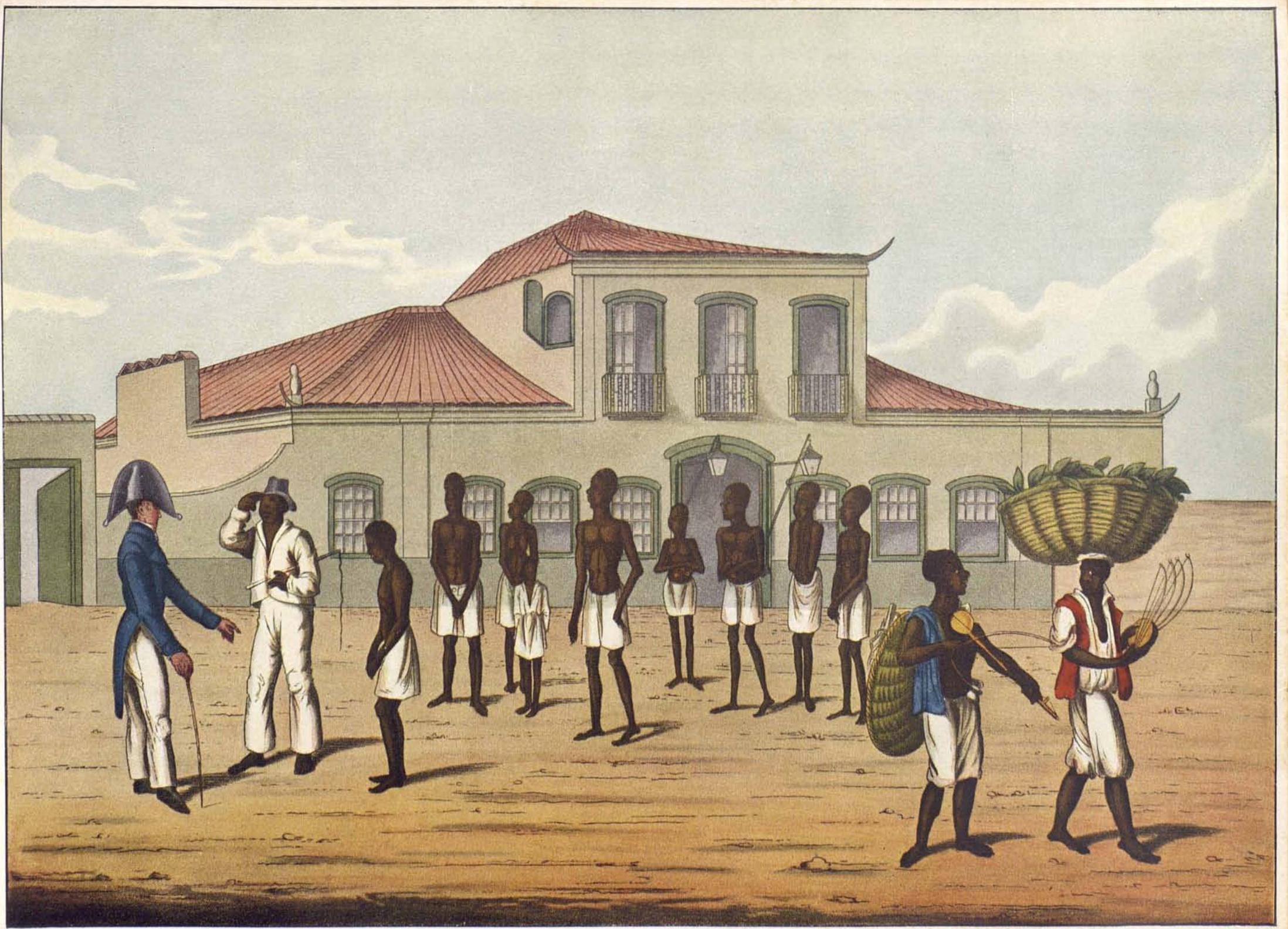
Vêem-se nos subúrbios, às vezes de manhãzinha ou mais frequentemente ao pôr do sol, sob as vistas de um capataz, que ostenta o símbolo do ofício, — um relho, — mais para impressionar do que para ser usado, grupos de negros inválidos, recém-importados, tomando ar.

Estas miseráveis criaturas, reduzidas a pele e osso, parecem espantalhos; é extraordinário como tais seres esgotados podem reunir suficientes energias para caminhar.

Absolutamente alheios ao que se está passando, prestando atenção somente à música, a que todos se entregam com a mesma paixão e fervor que às dansas e aos enfeites, caminham dois outros negros. Um deles, filho de Moçambique, toca um instrumento tôsko, trazido de sua terra natal, chamado madimba, espécie de violino com uma única corda. O outro, um negro do Congo, executa uma melodia diferente no sambee, um instrumento do seu país. Êles geralmente, preferem as melodias pátrias a tôdas as outras. E quando êstes instrumentos estão em mãos hábeis, a música que produzem não é de nenhum modo desagradável.









LT. CHAMBERLAIN, R. A.

ESCRAVOS CONDENADOS ÀS GALÉS

CONVICTS

ESCRAVOS CONDENADOS ÀS GALÉS

Entre os vários caracteres e hábitos vistos frequentemente nas ruas do Rio, há os forçados das galés ou, para falar mais corretamente, bandos de criminosos condenados, empregados sob a vigilância de um guarda, para transportar provisões e água aos outros prisioneiros, além de prover o Palácio, o Hospital, e alguns dos departamentos públicos com o último destes tão útil elemento.

Êstes homens, criminosos da pior espécie invariavelmente, poucos se salvando do horrível crime de homicídio, são acorrentados uns aos outros pelo pescoço, antes de deixarem a prisão e parecem não se dar conta nem do estado de aviltamento em que se acham nem do calor causticante a que estão expostos.

Andam a passo rápido, geralmente, carregando nas mãos vários objetos de osso, de pouco valor, fabricados por êles, cuja venda lhes é permitida.

A negra clara, igual às muitas que há no Rio, carrega cana de açúcar e cajús. Esta pobre gente é de um aspecto repugnante e, como as albinas da Europa, enxergam melhor à noite.

A Armação e um grupo de casas comerciais e de armazéns, ocupados pela companhia que contratou a pesca da baleia, perto de São Sebastião, formam o casario, que se vê ao longe, ao pé do morro mais alto da praia fronteira.





LT. CHAMBERLAIN, R. A.

CONDENADOS LEVANDO MANTIMENTOS PARA A PRISÃO

FOOD FOR CRIMINALS

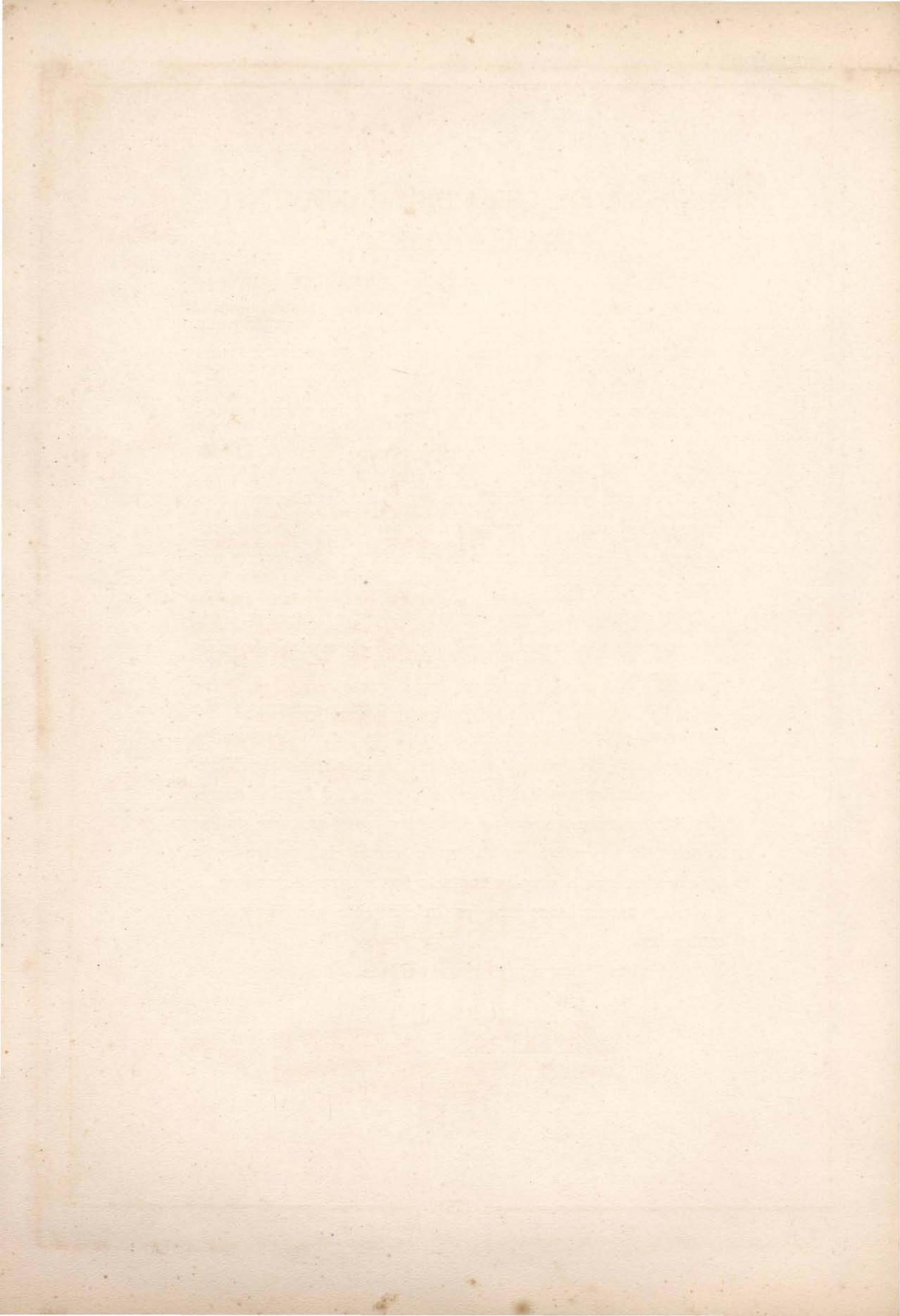
CONDENADOS LEVANDO MANTIMENTOS PARA A PRISÃO

Numa gravura anterior apareciam alguns criminosos acorrentados carregando água. Nesta, êles aparecem levando a ração diária, dada pelo Hospital de São José, para a subsistência de seus pobres irmãos na cadeia. A caixa sôbre a cabeça do primeiro contém pão ou bolacha; no caldeirão, que carregam, há sopa, carne e verdura. Em geral, êstes desventurados cometeram crimes tão atrozes que pouca comiseração merecem pela situação em que agora se encontram. Reconhecem-se os piores e os mais renitentes pelos ferros, que trazem nas pernas e no pescoço.

O Aljube ou cárcere comum, onde são trancados, é um lugar repugnante, verdadeira cloaca de tôda espécie de misérias e vícios.

Por ordem dos magistrados, os presos ocasionais são jogados às celas inferiores, entre os piores e mais desgraçados criminosos, a não ser que satisfaçam as exigências exorbitantes do carcereiro e sejam forçados a concordar com as somas que êste procura extorquir como preço para respirar um ar menos fétido e serem separados de miseráveis criaturas, tão desgraçadas, que o simples contacto basta para contaminar, o que só em pensar causa arrepios. Infelizmente, não há recursos contra isso.

A vista foi tomada dentro da cidade.



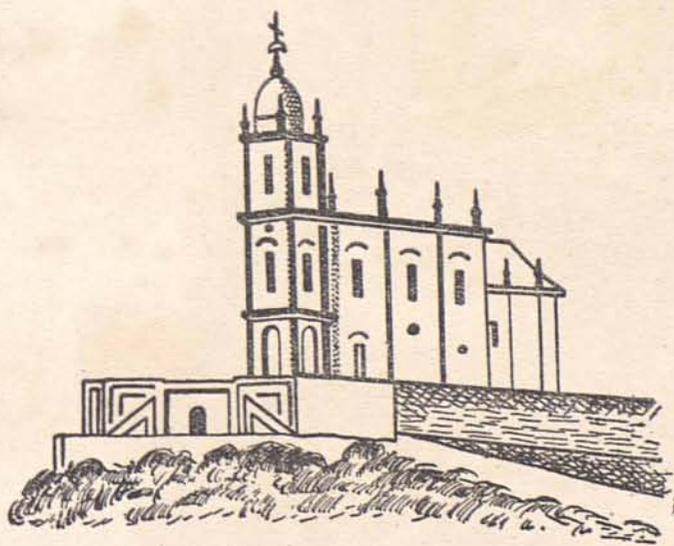
ENTÉRRO DE NEGRO

Esta gravura mostra a maneira pela qual os negros mortos são levados ao cemitério destinado ao seu enterramento — o cemitério da Misericórdia.

O cadáver é costurado dentro de um saco rude e depois colocado em uma rêde, pendurada por uma vara, e coberto com um cobertor velho. Assim é carregado para a fossa, por dois negros, sem cerimônia nem lágrimas. Murmura-se uma prece diante do cadáver. E a terra é jogada por um dos carregadores enquanto o outro, com os pés e um pedaço de pau, soca a terra sôbre o corpo. Isso feito, vão-se embora. Eis o entêrro simples de um negro.

O homem, a mulher e a criança, que vendem esteiras, são caboclos ou aborígenes: gente inofensiva, de conduta pacífica. São de estatura baixa e musculosa, côr de cobre, cabelos longos, pretos e lisos, altas maçãs do rosto; possuem, enfim, todos os traços bem conhecidos dos índios da América.

Na gravura aparece um trecho da praia, que fica em frente, visto do caminho entre a Lapa e a Glória.





LT. CHAMBERLAIN, R. A.

ENTÉRRO DE NEGRO

FUNERAL OF A NEGRO

LISTA DOS LOGRADOUROS

1819 - 1820

Fortaleza de S. Teodósio
Fortaleza de S. João
Fortaleza da Lage
Igreja de N. S. da Glória
Ponta da Glória
Bragança

Morro do Flamengo
Pedreira
Praia e Beira da Lapa

Jardim Público
Largo da Lapa
Pelourinho ou Ponta do Calabouço
Fortaleza de Villegaignon
Morro de S. Bento
Ilha das Cobras
Morro da Conceição
Morro de Santo Antônio
Aldeia do Catete
Vale das Laranjeiras
Largo da Lampadosa ou Rocio
Mata-Porcos
Campo de Sant'Ana
Rio Comprido
Vale do Engenho Velho
Baía de S. Cristovão

Palácio de S. Cristovão
Vale do Andaraí
Lazareto
Caminho do Jardim Botânico
Lagoa de Freitas
Morro do Corcovado
Morro da Gávea
Morro dos Dois Irmãos
Fortaleza de Santa Cruz
Morro da Jururuba
Saco ou Three-Fathom Bay
Forte de Gravatá
Aldeia de S. Domingos
Capela da Boa Viagem

Praia Grande ou Vila Real da Praia Grande
Ponta da Armação
Ilha Redonda

1943

Demolida
Fortaleza de S. João
Fortaleza da Lage
Igreja de N. S. da Glória
Angulo da rua Russell
Ilhota do litoral niteroiense, entre Armação e ponta de Areia
Presumivelmente o Morro da Viúva
Vertente do Morro da Nova Cintra
Parte da rua do Russell, largo da Glória e rua Augusto Severo

Passeio Público
Largo da Lapa
Aeródromo Santos Dumont
Escola Naval
Morro de S. Bento
Ilhas das Cobras
Morro da Conceição
Morro de Santo Antônio
Bairro do Catete
Bairro das Laranjeiras
Praça Tiradentes
Av. Salvador de Sá
Praça da República
Bairro do Rio Comprido
Vale da Tijuca
Enseada entre o Cais do Pôrto e a Praia de S. Cristovão

Museu Nacional
Bairro do Andaraí
Hospital dos Lazaros
Rua Jardim Botânico
Lagoa Rodrigo de Freitas
Morro do Corcovado
Morro da Gávea
Morro dos Dois Irmãos
Fortaleza de Santa Cruz
Forte Barão do Rio Branco
Saco de S. Francisco
Forte de Gragoatá (Museu)
Bairro de São Domingos
Capela de N. S. da Boa Viagem, na Ilha do mesmo nome
Parte central de Niterói

Ponta da Armação
Ilha Redonda

- A. Paço
B. Capela Real
C. Erário
D. Academia Real Militar
E. Arsenal do Exército
F. Arsenal de Marinha
G. Quartel do 1º Batalhão
H. Quartel do 2º Batalhão
I. Quartel do 3º Batalhão
J. Quartel de Artilharia
K. Quartel de Cavalaria
L. Hospital Militar
M. Hospital da Misericórdia
N. Castelo
O. Forte da Conceição
P. Alfândega
Q. Passeio Público
R. Teatro
S. Freguesia de S. José
T. Freguesia da Candelária
U. Freguesia de N. S. do Rosário
X. Freguesia de Sant'Ana
Y. Igreja de S. Pedro
Z. Igreja da Cruz.
- A. Igreja de N. S. do Parto
B. Igreja da Misericórdia
C. Igreja do Bom Jesus
D. Igreja da Lampadosa
E. Igreja do Senhor dos Passos
F. Igreja de S. Ifigênia
G. Igreja de S. Domingos
H. Igreja de S. Joaquim
I. Igreja de S. Jorge
J. Igreja de Santa Luzia
K. Igreja de S. Francisco de Paula
L. Igreja da Lapa dos Mercadores
M. Igreja de N. S. Mãe dos Homens
N. Convento da Ajuda
- Departam. dos Correios e Telégrafos
Catedral Metropolitana (Demolido)
Escola Nacional de Engenharia
(Demolido) Aeroporto Santos Dumont
Arsenal de Marinha (Demolido) Entrada do Mosteiro de S. Bento
Palácio da Guerra
Instituto Médico-Legal (Demolido) Aeroporto S. Dumont
Inspetoria Geral de Polícia
(Demolido) Esplanada do Castelo
Santa Casa da Misericórdia
(Demolido) Esplanada do Castelo
Serviço Geográfico e Histórico do Exército
Alfândega
Passeio Público
Teatro João Caetano
Igreja de São José
Igreja da Candelária
Igreja de N. S. do Rosário
(Demolido)
Em estudo o seu transporte
Igreja da S. Cruz dos Militares
Igreja de N. S. do Parto
Igreja da Misericórdia
Igreja do Bom Jesus do Calvário (prestes a ser demolida)
Igreja de N. S. da Lampadosa
Igreja de N. S. dos Passos
Igreja de S. Ifigênia (Demolido) Av. Getúlio Vargas
Colégio Pedro II (Demolido)
Igreja de Santa Luzia
Igreja de S. Francisco de Paula
Igreja de N. S. da Lapa dos Mercadores
Igreja de N. S. Mãe dos Homens
(Demolido) Cinelândia

- O. Convento de Santa Teresa
P. Convento do Carmo
Q. Convento de S. Antônio
R. Convento de S. Bento
S. Sé Velha
T. Capela dos Terceiros do Carmo
U. Capela de S. Francisco da Prainha
V. Capela de S. Antônio
X. Capela da Senhora do Livramento
Y. Capela da Conceição
Z. Capela da Saúde
- a. Hospício
b. Casa do Bispo
c. Seminário S. José
d. Rocío
e. Largo de S. Domingos
f. Largo do Capim
g. Largo da Carioca
h. Largo do Moura
i. Chafariz do Terreiro do Paço
j. Chafariz da Carioca
k. Chafariz das Marrecas
l. Largo do Campo
m. Praia dos Mineiros
n. Praia de D. Manuel
o. Praia de S. Luzia
p. Praia de N. S. da Glória
q. Prainha
r. Valonguinho
s. Vaiongo
t. Saco da Gamboa
u. Saco do Alferes
v. Ponta do Calabouço
1. Rua Direita
2. Rua da Misericórdia
3. Rua de São José
4. Rua da Cadeia
5. Rua do Piolho
6. Rua do Ouvidor
- Convento de S. Teresa
Convento do Carmo
Convento de S. Antônio
Convento de S. Bento (Demolido) Esplanada do Castelo
Igreja do Carmo
Capela de S. Francisco da Prainha
Capela de N. S. do Livramento
Capela de N. S. da Conceição e Boa Morte
Capela de N. S. da Saúde
Hospício
Antiga séde arquiépiscopal em ruínas
Praça Tiradentes
Avenida Getúlio Vargas
Avenida Getúlio Vargas
Largo da Carioca
Praça Marechal Ancora
Chafariz da Praça 15 de Novembro (Demolido)
(Demolido)
Praça da República
Cais dos Mineiros
Cais do Mercado Municipal
Rua de S. Luzia
Rua do Russell
Praça Mauá
Cruzamento Av. Barão de Tefé e Av. Venézuela
Porção marginal à altura da terminação da rua Sacadura Cabral, Praça da Harmonia e rua Silvino Montenegro, hoje aterrada.
Não se acha no mapa
Não se acha no mapa
Ponta do Calabouço
Rua 1º de Março
Rua da Misericórdia
Rua de S. José
Rua da Assembléia
Ruas da Carioca e Vis. do Rio Branco
Rua do Ouvidor

7. Rua do Rosário
8. Rua do Alecrim
9. Rua da Alfândega
10. Rua do Sabão
11. Rua de S. Pedro
12. Rua das Violas
13. Rua dos Pescadores
14. Rua da Candelária
15. Rua atrás do Carmo
16. Rua da Quitanda
17. Rua dos Ourives
18. Rua dos Latoeiros
19. Rua da Vala
20. Rua do Fogo
21. Rua da Pedreira
22. Rua dos Ciganos
23. Rua da Lampadosa
24. Rua Senhor dos Passos
25. Rua de S. Joaquim
26. Rua de trás do Aljube
27. Rua do Valonguinho
28. Rua dos Quarteis
29. Rua Nova de S. Bento
30. Rua da Ajuda
31. Rua do Cano
32. Rua da Guarda Velha
33. Rua dos Barbons
34. Rua das Marrecas
35. Rua dos Arcos
36. Rua do Lavradio
37. Rua das Mangueiras
38. Rua da Glória
39. Rua dos Inválidos
40. Rua de Mata Cavalos
41. Rua da Lagoa da Sentinela
42. Rua de trás de S. Joaquim
43. Rua da Batalha
44. Rua Nova do Ouvidor
45. Rua da Fidalga
46. Rua dos Maderiros
47. Travessa da Lampadosa
48. Travessa do Senhor dos Passos
49. Rua do Oratório
50. Rua dos Ciganos
51. Ladeira do Castelo
52. Beco dos Cachorros
53. Rua do Cotovelo
54. Beco da Boa Morte
55. Beco de S. José
56. Beco dos Ferreiros
- Rua do Rosário
Rua Buenos Aires
Rua da Alfândega
Av. Getúlio Vargas
Av. Getúlio Vargas
Rua Teófilo Otoni
Rua Visc. de Inhaúma
Rua da Candelária
Rua do Carmo
Rua da Quitanda
Ruas Miguel Couto e Rodrigo Silva
Rua Gonçalves Dias
Rua Uruguaiana
Rua dos Andradas
Rua da Conceição
Rua da Constituição
Avenida Passos
Rua Senhor dos Passos
Avenida Marechal Floriano
Rua Acre
Não se acha no mapa
Rua Conselheiro Saraiva
Rua de S. Bento
Rua Chile (somente um trecho)
Rua 7 de Setembro
Rua 13 de Maio
Rua Evaristo da Veiga
Rua das Marrecas
Rua dos Arcos
Rua do Lavradio
Rua Maranguape
Rua da Glória — Rua da Lapa
Rua dos Inválidos
Rua Riachuelo
Rua Frel Caneca
Rua Senador Pompeu
Passagem da rua da Misericórdia para a praça Marechal Anicora
Travessa do Ouvidor
Beco da Fidalga
Travessa do Paço
Rua Luiz de Camões
Rua Léo
Rua Regente Feijó
Av. Tomé de Sousa e rua do Núncio
Ladeira do Castelo
Travessa de S. Rita
Rua Vieira Fazenda
Rua Vieira Fazenda
Travessa Natividade
Beco dos Ferreiros

Planta
DA
CIDADE DE S. SEBASTIAO
DO
RIO DE JANEIRO.



PLANTA DA CIDADE DO
RIO DE JANEIRO
feita nos anos 1818-1820 por DEBRET
a qual nos mostra a situação de alguns
logradouros da época.

S U P L E M E N T O

TEXTO ORIGINAL INGLÊS
SEM QUALQUER MODIFICAÇÃO
OU EMENDA TIPOGRÁFICA

THE ORIGINAL ENGLISH TEXT
WITHOUT ANY MODIFICATIONS OR
TYPOGRAPHICAL CORRECTIONS

ADDRESS

THE beautiful Scenery of Rio de Janeiro, and the peculiarity of many of the Customs of that remarkably interesting Country, having excited the attention of the Public in general, and there being no Work of this description, the Publisher presents this Volume as illustrative of the most striking objects, taken on the spot, during a long residence there, by LIEUTENANT CHAMBERLAIN, whose opportunities and abilities for this undertaking renders the Work of peculiar value from the realiance which may be placed on the fidelity of the representations of his tasteful pencil, which has been correctly followed in the Engravings. The descriptive explanations will be found particularly interesting to all who are desirous of knowing the manners and customs of the inhabitants of this singular Country. The Publisher trusts the whole has been so executed as to warrant him the confident hope of obtaining that liberal patronage which it is his constant endeavour to deserve.

26, Haymarket,
1822.

VIEWS AND COSTUMES
OF THE
CITY AND NEIGHBOURHOOD
OF
RIO DE JANEIRO,
BRAZIL,

From Drawings

TAKEN BY

LIEUTENANT CHAMBERLAIN, ROYAL ARTILLERY,

During the Years 1819 and 1820,

WITH DESCRIPTIVE EXPLANATIONS.

LONDON:

PRINTED FOR THOMAS M'LEAN, No. 26, HAYMARKET,

BY HOWLETT AND BRIMMER,

Columbian Press,

No. 10, FRITH STREET, SOHO SQUARE.

1822.

REPRODUÇÃO EM "FAC-SIMILE" DA PÁGINA DE ROSTO DA EDIÇÃO ORIGINAL
FAC-SIMILE OF THE TITLE-PAGE OF THE ORIGINAL ENGLISH EDITION

N.^a S.^a DA GLORIA

(Plate on page 25)

THIS Church, dedicated to the Virgin, as Our Lady of Glory, "N.^a S.^a da Gloria", stands on an eminence at the Southern extremity of the Praia da Lapa, and forms a very picturesque object from the Shipping in the Bay. At Night it serves as a Beacon for Boats going to the shore South of the Town, the Beach close beside it being at all times a safe place of landing. In bad Weather, when a tremendous Surf breaks all along the other parts of the Coast, and even renders a landing in the City difficult, here there is no danger, and the Water is comparatively smooth.

The Houses on the point of Land Eastward of the Church are the property of an English Merchant, who having first built one of these for himself, found the situation so desirable, that he soon surrounded it by others, and the Point of Gloria is become, as it were, an English Village.

The eve of the Feast of the Assumption of the Virgin is celebrated in this Neighbourhood by great rejoicings, ringing of Bells, Bonfires, and Fireworks: and the Feast itself, which is numerously attended by the Citizens, decked out in their gayest attire, is kept in the Church. Cannon are fired, and quantities of Sky Rockets let off during the Ceremony. The Royal Family used to be present at the celebration of Mass on this day, in all the pomp of State; and the Prince and Princess Royal, previous to the birth of their eldest Daughter, came here every week to perform their devotions, and invoke the protection of the Virgin.

The numerous baptismal names of the Infant Princess da Beira, commence with that of "Maria da Gloria".

THE CITY OF RIO DE JANEIRO

VIEW TAKEN FROM THE ANCHORAGE

(Plate on pages 32/33)

ON the western side of the Bay, about four miles within the entrance of the harbour, stands the City of St. Sebastian; more generally known, however, by the name of Rio de Janeiro.

The old part is chiefly built on the low flat ground terminated by the hills of Conceição, and San Bento on the north, and those of the Castle and San Antonio to the south, and running back from the shore towards the west about three quarters of a mile. But since the arrival of the Royal Family from Portugal, in 1808, new buildings have started up along the water's edge, and indeed in all directions where the ground is favourable, so that the City now extends on every side much beyond the limits before mentioned.

The Population is not accurately known, but may perhaps be taken at about 120,000, including blacks.

The long low white buildings seen on the left, close to the water, resembling warehouses, are the Gun wharf and Repository; more to the right, where a number of boats are ranged, is the Praia, or beach, of Don Manoel, a vegetable and fruit market, in whose neighbourhood a numerous flock of large sea birds are constantly hovering, watching for the offal or dirt on which they feed. This Praia is the station for the passage boats plying between the City and the opposite shore of Praia Grande. Other boats are always waiting here to be hired.

The low square white building at the north extremity of the market is the repository for the State Carriages; and the long dark sheds adjoining them are the Royal Stables. Further to the right is a long building without a roof, having two

rows of seven windows each; this was the Opera house when the Royal Family arrived, and for some time afterwards, but a new theatre having been built in the Praça da Lampadosa, or Roçio, it has been neglected, and was to have been demolished. However, since this sketch was taken, repairs have been begun upon it with a view of fitting it up as a residence for the Queen, for whose convenience it is to be joined to the Palace, which is seen standing close beside it.

To the right of this is the Palace Square, an open space of about 450 feet from east to west, and 280 from north to south. The Palace occupies the south side. Of the west side the only buildings seen in the plate are the Chapel Royal, and the Church of the Terceiros do Carmo, with a front of brown stone. The north side consists of private houses, chiefly inhabited by persons employed in the service of the royal family.

The small dark isolated building with a conical top, close to the water, is the Chafariz, or fountain, for the supply of water to this part of the city, and the shipping.

The square is much frequented by the citizens in the cool of the evening after business is ended, to learn the news, and talk politics; and is at such hours, if any breeze be stirring, a very agreeable place of promenade.

Adjoining is seen a range of three low buildings where the Fish Market is held, and beyond, at a little distance, are the large dingy warehouses and quays of the Custom House.

Extending thence to the Arsenal is another market for fruit, poultry, vegetables, and generally all sorts of produce, it being the chief resort of the market boats from the upper and more distant parts of the Bay; and also the station of the passage boats to the Porto d'Estrella, the port where the principal part of the traffic between the City and Province of Minas Geraes is carried on.

At the extreme end, north of the City, stands the Convent of San Bento, built upon an eminence and commanding most extensive and noble views; the ascent to it from the principal street, called Rua Direita, is steep, but broad and well paved, with a wall about four feet high to prevent passengers from falling down the precipice near the sea. The Chapel was built about a hundred years ago, and is supposed to be one of the handsomest in Brazil. It has two turrets with clock and bells.

The Arsenal occupies the low flat ground on the northern and eastern sides of the hill directly under the convent; it is of small extent, and the whole establishment inconsiderable.

Opposite the Arsenal, about pistol shot distant, is the Ilha das Cobras, (Island of Snakes) of which the only part seen in the plate is the extreme end, close the town, on which stand warehouses, and a covered quay, occupied during the last war by the British agent victualler as a store house; it is now used for the reception of hides and sugar.

The channel between the island and main land is of considerable depth.

Portuguese men of war repairing or in ordinary, and merchant vessels of all descriptions, generally lie on the north side of the Island of Cobras and the convent of San Bento, unless when ready for sea, and then they move out into the fair way opposite the town.

The White Church on the hill over the gun wharf, with two black conical turrets, is the Cathedral, or Sé Velha, in front of which is placed the original stone bearing the arms of Portugal, set up as the mark of possession of the Country.

As the Sea breeze is felt in all its freshness at this part of the hill, which commands, besides, an extensive view of the Entrance of the harbour, and the Ocean beyond, it is much frequented as a look-out. The large long white building, with

a brown arch seen beyond and over its roof, was originally a college belonging to the Jesuits, but is now a Military Hospital. On the higher point of the hill is a signal staff with a red flag hoisted, denoting a ship in sight, and near it a telegraph communicating with Cape Frio, the mountain near the Sugar Loaf, and the Palace; both these stand in the Castle or Fort originally constructed to defend or awe the town, but now in ruins and entirely useless.

It is impossible to describe the Variety, the Beauty, or the Magnificence of the Prospects from almost every part of this Hill, which commands uninterrupted Views over the City and Shipping, the Bay and its numerous islands as far the Organ Mountains, the romantic Scenery of the opposite Eastern Shore, the Sea to the southward, and the Mountains and Forests to the westward. Nothing surely can exceed them! The eye is never satiated with beholding. And seen for the hundredth time they charm and delight as much as they did the first.

Nevertheless as this hill intercepts the sea breeze, and prevents its reviving influence from being felt by the Inhabitants of great part of the City, many a wish has been formed, and many an idle tale told of offers made, for its destruction; very few persons are to be found who do not believe that it contains vast quantities of Gold, and that a company of Miners from the Interior once proposed to remove it entirely, provided they were allowed to keep what they might find during the removal for their pains. It is gravely said that their plan was to wash it down.

In the early part of 1811, considerable portions of the earth which had been fully saturated with moisture during a fortnight's constant wet weather, were turned into very soft mud by a day of unceasing and excessive heavy rain resembling

a deluge. Towards the afternoon the mass began to move, and oozing or sliding downwards caused great mischief and destroyed much property. On the side next the town it overthrew several houses, passed over and filled up others, and many lives were lost.

The Church with the two towers over the south end of the old Opera House is that of San Francisco da Paula.

Over the north end of the fish market, at a distance, is the Church of the Cross, (da Cruz) near it the small one of the good Jesus, (Bom Jezus) next, but nearer, is seen the steeple of that of the Mother of Men, (Mãi dos Homens) and lastly that of Saint Peter, (San Pedro); the lofty towers seen over the Custom House Quays belong to the Church of the Candelaria, forming a striking object in the view, but disproportionally large when compared with the body of the church.

To the southward in the distance is the Corcovado Mountain, abruptly terminating towards the Sea.

In the middle of the plate, the Tijucas are seen at a distance of about eight miles from the City.

A BRAZILIAN FAMILY

(Plate on page 39)

IN the observance of all the outward forms of Religion, the Brazilians are as exact as their Portuguese progenitors, and on Sundays and Holidays are to be seen, particularly the Femals, proceeding to Mass decked out in all their finery. Here a small Family of the middling Class is supposed to be on its return from Church.

The Father takes the lead, closely followed by the two eldest Children, to whom succeed the Wife and Woman servant. The dress of the old gentleman is pretty much the same

as it was many years ago. Stockings with shoes and buckles, a powdered wig, a cocked hat with black cockade, and a gold headed cane, are the indispensables for his Sunday dress; the other parts of his apparel need not be very new or very clean — nor is it absolutely necessary that the operation of shaving should have been performed.

The Children and their Mother have been modernized by the arrival of the Court from Lisbon and the fashions then introduced; and their dress is very nearly the same as in the old World. The principal difference to be observed, is, the greater fondness of Brazilian ladies for a variety of colours, without much taste, and in their giving the preference to those of the gaudiest hues. The hair is uniformly done up in the manner here represented, with great care and neatness — a bunch of flowers usually completes the head dress — the earrings are large and long, generally of gold, or precious stones. A gold chain encircles the neck — a French or English shawl is thrown loosely over the shoulders — and a fan, but no gloves, concludes this part of the catalogue which need be no farther extended.

The old Aia, or confidential Mulatta servant, still adheres to her loose cotton gown and woollen capote, or cloack with long useless sleeves, which notwithstanding its weight and oppressive warmth, she infinitely prefers to any other covering; her hair is carelessly combed back under a gauze or muslin kerchief, lightly thrown over the head, and so disposed that the two front corners bear the appearance here shown: round the neck is suspended a small square bag, not often renewed and consequently seldom very sightly, containing a Bem-tinho, or a charm of some sort or other, generally a bone of some favourite saint or a (real) bit of the Holy Cross; in whose

powerful influence, as a preservative against evil great confidence is placed.

At a little distance behind follow their Negroe Domesticks, to whom the charge of the youngest child, the favourite dog, and the umbrella is intrusted.

From local circumstances or the influence of the climate, several unseemly complaints are prevalent at Rio, from some of which the old Gentleman appears not to be exempt.

The house here given is situated at Matta Cavallos and belongs to one of the Seniors Judges, who formerly held office of British Judge Conservator.

THE SEJE, OR CHEGE, AND CADEIRA

(Plate on page 41)

PREVIOUS to the Emigration in 1808, the Cadeira, or Chair, was the usual mode of conveyance for men as well as women, but, they have been superceded by the Portuguese Chégé or Chaise and few are now to be seen in the Streets.

The Cadeira consists of an arm chair, with a high back, firmly fixed upon a foot board, having an oblong wooden top from which hang curtains, generall of blue cloth with coloured border and lining, closely fastened before and behind; but opening at the sides and capable of being drawn back, or closed, at the pleasure of the person carried. Formerly, those used by the ladies were splendidly decorated according to the taste, the wealth, or rank of the owner. The tops were usually painted red or black, and adorned with carved flowers and other ornaments richly gilt. The bearers were chosen from the stoutest and best looking negroes in the family, and were dressed in gay liveries; sometimes wearing coloured feathers in their hats.

The Cadeira is still in great use at Bahia; carriages being rare upon account of the exceeding steepness of the hills on which the City is built.

The Chaise, or Chége, resembles in every respect those of Lisbon, except in being more clumsily made, and frequently more richly ornamented. The curtains in front are of leather and draw close to exclude the sun or rain; they are furnished with two small round glasses, enabling those inside to see, when they do not choose to be seen. This sort of Vehicle is very well suited to the badly paved and uneven streets and roads of Rio de Janeiro, and in it, as in all other carriages, ladies invariably take the right hand seat.

The House, with the King's Arms over the door, was for some years the residence of the British Mission.

LARGO DA GLORIA

(Plate on page 45)

The various Personages here depicted are supposed to be in a part of the Suburbs called the Largo da Gloria, one of the great Thouroughfares.

The Negro on the left, bearing a load of Wood, is amusing himself along the Road with his favourite Madimba de Btsché, a Congo Musical Instrument; formed of a number of narrow thin flat pieces of Iron, a little bent at the end where struck, securely fastened to a square piece of Board, on the under side of which is a Calabash, or Gourd, ornamented with a string of coloured Beads, or gaudy coloured Worsted. The pieces of Iron are of various lengths, and are played upon by both thumbs. The notes produced are agreeable and harmonious, and in the hands of some of the Performers the Musick is by no means despicable.

The Negress, next in the fore-ground, is a Quitandeira, or Femele Pedlar, vending a variety of Wares, such as Hats, Books, Trays, Cottons, Muslins, &c. &c. and her with the Pyramid of Baskets is selling Milho, or Indian Corn, with Feijão or Beans.

The Man in the fore-ground to the right, carries in a glass case, suspended round his neck, either a small figure of our Saviour, called a Bom Jezus, or of the Virgin, Nossa Senhora, — for the truly pious to kiss: and for which act of devotion he expects them to pay five or ten Reas, por Amor de Deos and his own advantage; though he generally pretends that he collects these Alms for more holy purposes.

The Negress near him whom he is persuading to bestow her charity and save her soul, is a seller of Sugar Cane, and of Liquor made of Rice, called Alhoá. The Figure behind is a Seller of Old Mats, Brooms, &c.

THE RÊDE OR NET

(Plate on page 51)

A SORT of Hammock, usually made of cotton net, dyed of various colours and fringed, in which Females, a little above the lower classes, are carried about by their Slaves; it is furnished with a pillow to lean upon, and across the bamboo, from which it is suspended, is thrown a covering or curtain fantastically striped. When the Lady wishes to stop, the Carriers plant their sticks in the ground, and support the ends of the bamboo, on the iron fork fixed at the end of each for that purpose, until their Mistress chooses to proceed. They are carried at the rate of four or five miles an hour.

The Rêde is now rarely seen in the City, but it is common in its Neighbourhood, and in the Country, being much in use amongst the Females of the Gipsey Tribe which is found in many parts of Brazil. This extraordinary race, called here Ci-

ganos, form, as in Europe, a class distinct from the other Inhabitants, have the same character as to habits, and preserve their peculiar customs and language; but they are much more respectable in point of property, dealing, many of them largely, in Slaves, Cattle, and Horses.

Their Females are generally very handsome, but inclined rather too much to 'en bon point', probably from want of exercise.

The negro is supposed to be returning to Town with a load of Capim or Guinea Grass, which for the greater convenience of carriage is fastened round a stout pole. These Grassmen go along in general at a very smart pace, a sort of trot, beguiling the road and their labour with a discordant noise, something between singing and grunting.

The Negress with a Child at her back is seling Pine Apples. The House in the back ground is situate on the road between the City and Botafogo; it was once occupied as a country habitation by His Majesty's Envoy Extraordinary and Minister Plenipotentiary, Lord Viscount Strangford, and latterly by the American Minister.

WESTERN SIDE OF THE HARBOUR OF RIO DE JANEIRO

(Plate on pages 56/57)

THE Plate exhibits a View of the Western Side of the Harbour of Rio de Janeiro, as it appears when seen from the Anchorage a little above Fort Santa Cruz.

From this point of View the eye commands at once the whole range of Mountains on the Western Side of the Bay, and the Spectator is enabled to form a much more correct notion of their appearance, than from any other spot.

On the left in the distance, at Sea, is seen the Ilha Redonda, or Round Island. On this side the Sugar Loaf is Fort Lagé; and beside it, on the Main Land, are the Forts of San Theodosio and San João.

It may not be amiss to state, in this place, that the People, of Rio had conceived it to be impossible to ascend the Sugar Loaf Mountain, although there was a sort of tradition current, that the Master of a Merchant Vessel had at some former period performed this feat.

Some of the young Noblemen belonging to the Suite of the Austrian Ambassador, Count Eltz, in the year 1818, determined to make the attempt, and, accompanied by two Officers and some Seamen from two Frigates (Austrian and English), at Anchor in the Bay, succeeded.

The Eastern side was chosen as the easiest of ascent, but it cost them two hours of dangerous and difficult exertion to reach the summit. Having deposited under some Stones a Bottle containing a Paper with the Names of the Parties, and set up a Staff bearing a large White Flag with a Red Cross, they descended; but, upon reaching the foot of the hill, were, to their great astonishment, arrested, and carried prisoners to the Guard-House.

In the meantime the Flag, having been observed from the City, created great consternation and alarm. Some supposed it to be the signal for an insurrection — others that an Enemy had landed — and few supposed it not quite impossible but that it might be the work of the Devil. Couriers were sent off to the King at Santa Cruz, with the wonderful news. Orders were given that the Flag should be taken down, and an adventurous and Loyal Captain, having volunteered his services for the purpose, was, it is said, immediately promoted to the rank of Major; so that the freak was of use to somebody.

A Telegraph may be seen on the Mountain, a little to the right of the Sugar Loaf; further on the Dous Irmãos, and then the Gavia in the distance. Casting the eye still further towards the right, the Corvocado distinctly shows itself, followed by the peak of the Lofty Tijucas; after which the Mountains trend away Westward, and are no longer visible.

In the fore-ground at the Water's edge, between the foot of the Telegraph Hill and a small green Mound, are seen the Buildings in the beautiful Bay of Botafogo. From the Mound (called Morro de Flamingo), the Praia de Flamingo extends to the Stone Quarry. The Beach itself is covered with Houses, and behind these stands the Village of Catete. On the left of the Aqueduct which supplies the City with Water, on the brow of a Hill, is the Convent of Santa Theresa, a long white building with a turret. Close to the end of the Aqueduct is the Lapa Church, and still further to the right the dingy-looking Convent of the Ajuda, where the late Queen's Corpse was deposited from the time of Her Majesty's death in 1817, until the King's return to Lisbon in the early part of the present year.

Adjoining is the Castle Hill, on whose top are seen the Telegraph, the Signal Flag Staff with a red Flag flying, and the Cathedral or Sé Velha.

The Fort of Vilgalhon is here seen directly in front of the Castle Hill; it is built on a small narrow Island almost level with the Sea, with a reef of Rocks extending to the S.W., and may be reckoned one of the strongest in the Bay. It is now apparently in a good state of repair, and mounts nearly fifty Guns of heavy calibre, besides carronades en barbette, upon an oblong superior Platform, on which is a Flag Staff. The Western side of the Fort presents a regular front, with Ravelin, Ditch, and Outworks; it is about one mile from the nearest Shore, and nearly two from the Palace Stairs in the City.

This Island is famous in the history of the place. It still retains the name of the French Officer, Vilgalhon, or Villegagnon, (for it is written both ways) who so gallantly maintained himself on it during two whole years, after his Countrymen had been driven from every other part of the Bay.

By the Regulations of the Port, all Merchant Ships entering the Harbour are to come to anchor, or lay too, off this Fort, until visited by the proper Government Boats, when they are permitted to proceed up to the common Anchorage; if they attempt to pass without attending to this Regulation, they are fired at, and compelled to pay for each shot.

ESPIRITO SANTO

(Plage on page 61)

THE Feast of Espirito Santo, — Witsuntide, — is celebrated in a particularly splendid manner at the Largo da Lapa.

Some time previous to these Holidays, a Youth, from 14 to 18 years of Age, is chosen Imperador, in commemoration of the Emperor Constantine, and being decked out in full Court Dress, with a Chapeau bras, and a Star on his Breast, perambulates the Streets, preceded by a party of Young Musicians, gaily habited, with Feathers in their Hats, and attended by two Men, one on each side, bearing red Flags, in whose centres are richly embroidered the Emblem of the Holy Ghost.

The Emperor takes no part in the Pageant beyond that of displaying his finery and mock dignity. He merely walks in the Procession; but his two Attendants industriously exert themselves to persuade those who pass to contribute something towards the celebration of the Espirito Santo; and the Salver and Bag they carry are for the reception of the trifles thus daily collected.

The charitable contributors are rewarded by being allowed to kiss the Holy Emblem on the Flag.

A large sum is thus obtained, and laid out in richly ornamenting the Interior of a Wooden Building, nearly opposite the Lapa Church, built for the purpose of this Feast, wherein the Emperor sits enthroned in great State, during the three Holidays; and on the Night of Whit-Monday, a great display of Fireworks takes place on the Green immediately opposite.

The View representants the Party on its way from the Lapa towards the Gloria, at the opening where the Entrance of the Harbour presents itself in an advantageous point of view.

THE PALACE

(Plate on page 67)

THIS Building is situate in the Great Square, close to the principal Landing Place.

Considerable alterations and additions were made to fit it for the accomodation of the Royal Family, after their arrival in 1808. A Convent and the common Goal were emptied of their Inhabitants; Corridors thrown over two Streets to connect them with the Palace; and Nobles, Courtiers, and Maids of Honour, took the places of Monks and Criminals.

The centre door-way is the grand Entrance; withinside is an open Court Yard; and the ground story consists of Offices, Kitchens, and Guard Rooms.

On the first floor are the Apartments of State, and the room above with three windows was used by the King as his Bed Chamber.

To the right are seen the Chapel Royal, and the Capella dos Terceiros, with a front of brown Stone. The Publick Library is behind the latter Building, and open every day for those who

choose to visit it, with every accomodation for reading, &c. gratis.

The heat experienced in the Square in Summer is excessive, and it is said that People have actually dropped down dead whilst attempting to cross it. Yet the Soldiers have sometimes been kept there on Court days for many hours, without any shelter from the ardent rays of the Sun.

In the foreground is part of the Wall of the Landing Place, where Boats belonging to the Governement and Men of War are alone allowed to come.

VIEW FROM THE LANDING-PLACE AT THE GLORIA

(Plate on page 71)

IN this View, which is taken from the Landing-Place near the Gloria, are seen the Buildings at the S.E. extremity of the City, called Punta de Calhabouço; the opposite Shore of the Armação; the grand Anchorage for Ships of War; and, in the distance, the lofty range of the Organ Mountains, so called from the fancied resemblance of two or three naked Peaks to the Pipes of that Instrument.

The Man with the Tin Can on his Head, is a Milkman: the Woman with the Pail, a Retailer of Water; the Iron round her Neck showing that she is given to absenting herself in the Woods. — And the other a Seller of Fruit.

The usual manner of Sawing Timber is here represented. When a Log is to be cut, which is generally done in the open Street, it is securely fastened at about two-thirds of its Length by a Chain, beneath the vertex of a Triangular Frame: upon the projecting third, one of the Negroes places himself, the other leisurely taking his seat below. Thus disposed, they

commence their Work with a short, narrow, powerless Saw, generally stopping for a few seconds after every third stroke; and thus they continue alternately sawing and stopping, perfectly indifferent to the progress they make, until the job is concluded. This may be taken as a sample of the rude way in which labour of every sort is generally performed in this Country; where it would almost seem that, provided the Slave be kept constantly employed, the quantity of Work done signifies little, on which point the Slave is perfectly agreed with his Master; and the example is not lost on the Free Workman, who is rarely better or more industrious than his sable Companions.

PLEASURING CARTS

(Plate on page 75)

CARTS of this description are not so common as formely, but they are nevertheless still now and then seen, conveying parties, usually of Females, from place to place in the Neighbourhood of the City: they generally belong to the Inhabitants of the Country, and those who cannot afford to keep a Chaise have recourse to this more homely mode of transport. They are furnished with a stout Covering over head as a protection against the Weather, and Curtains to keep off the Sun and conceal the Ladies from the impertinent gaze of Strangers; but who are somehow or other, notwithstanding, usually fortunate enough to obtain at least one sight of the fair Travellers.

This Plate represents one on its return from the City, at that part of the Road leading to the Botanical Gardens, near the Lagoa de Freitas, where the Sugar Loaf bears the appearance here given.

EASTERN SIDE OF THE HARBOUR OF RIO DE JANEIRO

(Plate on pages 80/81)

A VIEW of the Eastern side of the Harbour is here represented as it appears from Fort Vilgallon.

Fort Santa Cruz is seen on the right; from thence rises the Hill, between whose top and the one adjoining of a conical shape, stands the Fortaleza do Pico, (see Description of Fort Santa Cruz); on whose left is a small round-topped Hill, known by its aboriginal name, Jurujuba, and opposite the Island of Boa Viagem. These two points form the entrance to a small beautiful Bay, called the Sacco, but more commonly known by the English as Threefathom Bay, from the depth of Water found nearly all over it.

The first low long white Building close to the Water is the small square Fort of Gravatá, built of Stone, and mounting nine Guns. The Rock is cut away behind, to isolate it from the Main Land. At a short distance North-Eastward is the small pleasant Village of St. Domingos, and to its left the larger one of Praia Grande, elevated about two years ago to the rank of a Town, under the name of Villa Real da Praia Grande, or, Royal Town of Great Beach.

As the Roads from the Captainships of Espirito Santo and Porto Seguro, via Cape Frio, and all the Towns on the Eastern side of the Bay, meet at this place, it is necessarily one of great, and constantly increasing, thoroughfare. All sorts of produce are brought here from many parts of the Interior to be embarked for the City, and Passage Boats are constantly passing to and fro for the conveyance of Passangers at very moderate rates. The distance across is rather more than three miles, and

the fare for each person is only two Ventems, about two-pence halfpenny.

Ships ready for Sea are seen at the usual place of Anchorage when cleared out, immediately preparatory to their sailing.

TROPEROS OR MULETEERS

(Plate on page 85)

OWING to the badness of the Roads beyond the immediate Vicinity of the City, and to the mountainous face of the Country, Merchandize of every description is conveyed to and from the Interior on the backs of Mules. The Troops vary from twelve to twenty, or more, each carrying two hundred weight. The Goods being made up in small packages for the greater convenience of carriage, and the load being generally covered with pieces of untanned Hide to protect them against the Weather.

The Muleteers or Troperos are a very fine race of Men, and generally considered exceedingly trust-worthy.

Those represented in the Plate are Paulistas, or Inhabitants of the Province of St. Paul, who have been at all times celebrated in Brazilian History for their industry and courage. The outward Covering or Cloak of these People is called Ponxa; it is merely a large piece of Cloth of an oval shape, having a hole or slit in the middle. Being thrown over the Head it rests upon the Shoulders, leaving the Arms at liberty. It serves as a Garment by Day, as a Bed at Night, and is more or less expensive according to the means of the Owner, whose riches or rank are easily discoverable by the materials of which it is made, and the ornaments it bears. The mounted Paulista is of a rank superior to those on foot, as may be further known by the Trapping of his Horse, whose Bit and Stirrups are of solid Silver. One of those to whom he is speaking, holds in his

hand the Laço, or Noose, made of platted Hide, in the Use of which these People are extremely dexterous; scarcely ever failing to catch either the man or animal at whom it is thrown.

BOTAFOGO BAY (Plate 1.)

(Plate on page 89)

THIS beautiful Bay, whose surrounding Scenery surpasses that of all other in the Neighbourhood, is situated South of the City, and close to the Entrance of the Harbour on its Western Side.

The Corcovado Mountain, towering to the height of about 1,500 feet above the level of the Sea, one side covered with primeval Forests, the other a naked abrupt Precipice, nearly 1000 feet in depth, is seen here to great advantage, and impresses the mind with the conviction that at some period this particular spot must have been the scene of a wonderful Convulsion of Nature.

The Table Mountain of the Gavia, still more lofty than Corcovado, is seen in the distance.

BOTAFOGO BAY (Plate 2.)

(Plate on page 91)

THIS Plate is a Continuation of the preceding one, and shews that all the parts of the Bay are interesting and romantick.

The coolness of the Air, and the convenience of its situation as a retreat from the bustle of the City, have rendered this a favourite place of residence, and of fashionable resort after the heat of the day is over.

It was much frequented by the Royal Family whilst they were in Brazil, and numerous Parties are to be seen here taking the Air on Horseback and in Carriages every Evening.

A PEDLAR AND HIS SLAVE

(Plate on page 95)

PEDLARS are very common at Rio de Janeiro; going about from house to house, and visiting the Neighbourhood to the distance of several leagues, with Wares of various descriptions for sale.

They are rarely the Carriers of their Goods, but, furnished with an Umbrella to protect themselves from the rays of the Sun, walk their accustomed rounds, followed by a Slave bearing a Tray, and sometimes a Glass case, containing the various articles they have for sale.

Formerly the Tradesmen of this description were Brazilians, or Natives of the Northern Provinces of Portugal; but latterly French and Italians have taken up the calling, and being more industrious, have nearly engrossed the whole of the Trade.

The Figure in the back-ground, with a Pot on his Head, having an Iron round his neck, is known by this appendage to be in the habit of running away from his Owner and living in the Woods. This Instrument is not one of punishment, but of prevention, and is intended to render it difficult for him to make his way amongst the Bushes. The other Figure is afflicted with the Leprosy, a common disease of the country, and the leaf of the Banana being considered a good remedy for reducing the swelling, he has fastened one round the part affected.

HUMA HISTORIA — GOSSIPING

(Plate on page 101)

THE generality of Houses, more particularly those in the Outskirts of the City, are of one Story, with Doors and Windows of Lattice Work, called Rotolas, very convenient for the admission of Air and Dust, and for intercepting a great proport-

ion of the Rays of Light, which tends unquestionably to keep the apartments cool, whilst the Inhabitants can see all that is passing in the Street — no small gratification to Brazilians.

The Visits of Male Friends within-doors, whilst the Master of the House is absent, is considered indecorous by the Ladies of Rio; wherefore it is not uncommon for them to receive Visits, as it were, in the Street, in the manner represented in this Plate. Interviews of a tender nature are frequently carried on in this manner. Upon the near approach of a Passenger the Rotola drops, and the Female disappears until the risk of being seen by a Stranger no longer exists.

Of the Negroes here depicted the Woman is a Seller of Mi-lho — Maize; the Man of Gamellas — Wooden Bowls; some of which are of large size. They are made out of a single piece of wood, are low priced, but easily broken, and therefor dear. The other two Figures are a Lady and her Maid.

It appears strange that in a Climate so constantly hot, the heavy Cloak (Capote), of Portugal should be worn and preferred as an outward Garment; yet it is so by Females of the middling and lower ranks. Such is the force of habit!

A MARKET STALL

(Plate on page 105)

THE Praça da Lapa, whose Church and neighbouring buildings are seen in the back ground, is on the road leading towards the Gloria after passing the Public Gardens. In this Praça is held the feast of Whitsuntide.

The Market Stall here represented, is such as is generally found in open parts of the city. Its construction is exceedingly simple, the whole being set up in the morning and taken away at night, and consisting merely of four upright posts, with a

covering of the leaves of the banana tree and sugar cane to keep off the scorching rays of the sun.

These Stalls are usually the property of free Negresses who deal in poultry, vegetables, fruit, pulse, and Indian corn, sometimes also selling bread and fried fish. They are the resort of idle, gossiping blacks, of which several are seen indulging their natural inclination of listening to other folks business. Here a boy with a basket sent out by his master to seek employment, has got into a dispute with the stall woman, which attracts the attention of a negress carrying a tray with wine and caçahaça (a kind of bad rum, the common spirit of the country) for sale; of another vending milho or Indian corn; of a barber's boy who forgets that his master's customers are anxiously waiting for him; and of the owner of another stall which she has abandoned for the moment from an irresistible desire to become a party in the war of words.

The Negro with a loaded basket on his head, though arrested in his progress by what is going on, does not however cease playing upon his favourite madimba lungungo, an African musical instrument in the shape of a bow, with a wire instead of a string. At the end where the bow is held is fixed an empty calabash or wooden bowl, which being placed against the naked stomach enables the performer to feel as well as to hear the music he is making. The manner of playing is very simple. The wire being well stretched, is gently struck, producing a note, which is modulated by the fingers of the other hand pinching the wire in various places according to the fancy; its compass is very small, and the airs played upon it are few; they are generally accompanied by the performer with the voice, and consist of ditties of his native country sung in his native language.

The older owner of this stall entirely enveloped in the fumes and delights of her pipe, heeds not what is going on around her.

THE WATERFALL OF TIJUCA

(Plate on page 107)

THIS Fall and the surrounding picturesque Scenery are worthy the attention of all strangers visiting the Country, and though insignificant when compared with the mighty Cataracts of Northern Continent, will amply repay the fatigue of a day's excursion across the Mountain. After heavy Rains, when the Torrents are swollen, the Fall is very considerable.

Close beside, at the foot of the Stream, is an excavation in the Rock, having in front two stones bearing the appearance of Altars, and for which purpose they are said to have been used during one of the French invasions, but now they serve the less holy purpose of Tables for Refreshments which all Visitors thither are strongly recommended to take with them, as nothing eatable or drinkable is to be procured in the Neighbourhood, except water from the Stream.

The Road from the City lies through, and begins to ascend as soon as it has passed, the Valley of Indrahya, after which on either side are stupendous Mountains covered with Forests, and close on the right runs a Rivulet, whose murmurs and rippings are grateful to the parched Traveller suffering under the rays of a Tropical Sun. Whilst the Road ascends, it is excellent even for carriages; but when it descends, on the Western side, it becomes very rugged and bad, and is only passable for Horses and Mules. But it is exceedingly romantic and beautiful, affording occasionally glimpses of the neighbouring Mountains, whose Forests extend close down to the road-side, and by whose

numerous streams it is crossed and accompanied all the way down.

There is another smaller Cataract on the right of the highest part of the road over the Mountain, about a mile distant, but the fall is much greater than that in the Plate. It is well worth seeing.

LAGOA DE FREITAS

(Plate on page 111)

THIS View of the Lake called "Lagoa de Freitas", is taken on the Road to the Botanical Gardens, and Powder Mill, about five or six miles from Rio.

The Gavia Mountain, with the flat top, is here seen to great advantage. This Lake, which is about two miles across, is formed by numerous small streams from the neighbouring Mountains, which, collected in this Bason, are prevented from falling into the Sea by the Sand Bank forced up by the Ocean, and forming a Dam of about 300 yards long, close at the foot of the Conical Hill called the Dous Irmãos, or Two Brothers.

After heavy Rains, the Waters overflow the Road, and render it impassable. A cut is then made in the Sand Bank to let them off, and great quantities of Fish are caught. The operation is worth seeing.

The Road from Botafogo, particularly the latter part of it, is exceedingly pretty; and the Views from every side of the Lake are beautiful.

BOA VIAGEM

(Plate on page 117)

ABOUT a mile, or thereabout, within the entrance of the Harbour, on the Eastern side, stands the small Chapel of Na. Sa. da Boa Viagem, or, Our Lady of Good Voyage, on the top

of a small Island about a hundred feet high, where the crews of Portuguese Ships bound to India and China, or Europe, used, on the eve of their departure, to offer up their prayers to the Virgin for a prosperous voyage and safe return; whence its name.

This small island or rock is connected with the main land by a low sandy beach, and is accessible only by means of a range of wooden steps on the North side. It is clothed in most parts with trees and vegetation, but that fronting the Ocean is a heap of nearly perpendicular and broken masses of granite, against whose base the sea breaks with violence as soon as the breeze sets in; and advantage has been taken of the situation to form a Battery of heavy guns, admirably placed to rake any vessel attempting to enter, and capable of beginning to take effect even before she reaches Santa Cruz.

The views from the Terrace round the Chapel are enchantingly beautiful, and the sea breeze is felt in all its luxury; wherefore it is frequently visited by parties on days of recreation.

The low Buildings detached from the Chapel are inhabited by the Sacristan, and the Soldiers belonging to the Battery; to which there is a pathway winding round the rock amongst the trees.

BRAGANÇA

(Plate on page 121)

ACROSS the Harbour, in a N. E. direction from the Palace Square, and about four miles therefrom, (a little beyond the Point of the Armação) lies the Estate granted to Sir Sidney Smith by the King of Portugal, shortly after his arrival from Europe in 1808, and named by that Officer "Bragança", out of compliment to the Royal Donor.

The House is small but convenient, and the View from the spacious Verandah in front is peculiarly interesting and romantick. As one part of the Inlet is frequented by the Market Boats belonging to the Eastern parts of the Bay, the Scene is greatly enlivened by their continual passage. In early morning they are seen sluggishly proceeding towards the City, propelled by the light land wind and ponderous oar — in the afternoon, flying homewards before the fresh Sea breeze. When the S. W. winds set in violently, as is sometimes the case in Winter, they take shelter close to the small white House on the Beach, where, protected by the high land, they await the return of fine Weather. It is kept by an industrious Genoese Seaman, many years the favourite Coxswain of Sir Sidney, with whom he came to Brazil. It is a place of considerable resort for Boatmen. The Mountain is a mass of Granite, covered with a stratum of Earth, in some places of considerable depth. The greater part of the Soil is bad, but Coffee and many of the Tropical Fruits are produced in abundance.

The Inlet abounds with Shrimps of very large size; and during the season, that is to say from March to June, vast quantities of excellent Mullet (*Tainha*), are caught in their passage towards the Sea.

THE CARRO, OR STONE CART

(Plate on page 125)

THE Carro of Portugal has been transferred with all its defects to Brazil, and, notwithstanding its destruction of the Roads and Pavements, bids fair to continue as permanently in use there, as it is in the Mother Country.

The noise produced by the friction of the loaded Cart on the axle, which being firmly joined to the wheels, turns with them, is deafening; and as the Drivers are convinced (most

unaccountably!) that without it the Oxen would not draw, there is no chance of its cessation.

All heavy loads are conveyed on vehicles of this description, and the annoyance is consequently incessant.

They are generally drawn by four Oxen, (the number being increased when necessary), conducted by two Men, one of whom generally walks before them.

The Men in uniform are Postillions, (Bolieiros) belonging to the Royal Family.

The house represented was occupied by the Marquis of Lavradio, and is situate on the Beira da Lapa, near the Gloria.

POINT OF THE CALHABOUÇO, FROM THE GLORIA

(Plate on pages 130/131.)

THE present View was taken from the Rocks near the Sea on Point Gloria, and shows the Road from Botafogo leading towards the City; supported on the Shore by a Wall, over which the Sea breaks violently in bad Weather. The Scite is called the Beira da Lapa.

Upon an eminence is seen the Convent of Santa Theresa, the ascent to which is steep, but well paved.

The Aqueduct, conveying Water from the Corcovado for the supply of the City, passes close by this Building, and crosses the Valley beneath, over a double row of Arches; and delivering part of the Water at the Fountain in the Rua dos Barbos, thence continues round the side of the Hill to the open space under the Convent of Santo Antonio, where it finally supplies the great Fountain called the Chafariz da Carioca.

The Aqueducto is about three miles in length, first receiving the Waters where they descend from the Mountains, near

the Corcovado, at the head of the Laranjeiras Valley; and conveying them thence along the sides of the Hills, in a trough of Granite about 10 inches wide, the whole arched over, with openings left at convenient distances for the admission of light and of Workmen.

Amidst the Houses to the right of the Aqueduct are seen the Towers of the Lapa Church; the Publick Gardens, with their two white triangular Pillars; and, beyond, the Convent of Santo Antonio. The large dark Building more to the right is the Convent of the Ajuda.

The Castle Hill adjoins; where are the Telegraph, the Signal Staffs, the Cathedral, or Sé Velha, and the Military Hospital, (once a Jesuit's College,) the whole terminated by the Point of the Calhabouço.

The Calhabouço, or common Whipping Post, is amongs the Buildings close to the Point.

The Slaughter-House for Cattle (there is but one in Rio de Janeiro), is situate close to the Sea, a little to the right of the Ajuda Convent. The Stench that constantly exhales from it is exceedingly offensive, and renders the immediate Vicinity very disagreeable. Nothing can be more disgusting than the filthy mode in which the Carcasses are conveyed to the retail Cutting Houses in the City.

VIEW NEAR BOTAFOGO BAY

(Plate on page 135)

THIS View, taken on the Road leading from the Bay of Botafogo to the Lake of Rodrigo Freitas, offers a fair specimen of the general Scenery in the Vicinity of the City of Rio de Janeiro, where the Woods have not yet disappeared from the Mountains.

Close to the very edges of stupendous blocks of naked Granite, browned by the Seasons, Trees of immense size grow in the greatest luxuriance, and in general are seen to crown the loftiest summits.

The Brazilians, like their Progenitors from Portugal, are much disposed to build their Country Houses close to the Roadside, for the purpose of enjoying what is called the "Passagem"; that is, of seeing People pass. But, occasionally, a better taste displays itself, and, as in the present case, a Building is seen in a more retired spot, where the Owner, surrounded by the beauties of this charming Country, can enjoy at his ease retirement, and the refreshing Breezes from the Sea.

S. W. VIEW OF THE CITY OF RIO DE JANEIRO

(Plate on page 139)

THIS View of the City was taken from the Residence of the late Condé da Barca, (M. de Araujo) near the Rio Comprido.

The Hills on the left are those of San Diogo, where the French landed in their Invasion of the City, under Duguay Trouin, in 1711. An Inlet from the Bay runs round them quite up to the City, being at high-water navigable for Barges, and at Spring Tides overflowing the low grounds giving the appearance here represented.

An excellent Road has been made across this Marsh, from the Campo de St. Anna, terminated by a substantial Wooden Bridge over the Inlet, for the convenience of persons visiting the Palace of San Christovão, and of the Troperos to and from the Interior.

TIJUCA MOUNTAINS

(Plate on page 141)

ABOUT six miles west of the City is situated the Village of Indrahy, where you begin to ascend the Mountains of Tijuca by a road which was once rocky and rugged, and in the rainy season almost impracticable, but which has been lately rendered excellent and passable even for carriages. In this village, where several of the opulent Brazilian merchants have country seats, a paper mill and a cotton printing mill have been established, but with little success.

This view was taken from a hill at Matta Porcos, commanding an extensive prospect over the beautiful valley of Ingenho Velho, where is seen the Parish Church of St. Francisco Xavier; of the village of Indrahy, the road before mentioned, and the loftiest peaks of the Tijucas themselves.

A great part of this mountainous district is the patrimony of the viscount d'Asseca, who, however, derived little advantage from his extensive possessions until lately, when various portions have been brought into cultivation by emigrants from Europe, particularly by the French, who have set on foot considerable plantations of coffee, for which the soil and climate are considered to be peculiarly adapted. Whilst the Inhabitants of Rio de Janeiro and the surrounding plains are suffering under the oppressive heat of a tropical sun, the planters in these Mountains (which have sometimes, not unaptly, been called the Cintra of Brazil), are in the full enjoyment of a delightful climate, tempered by moderate and refreshing breezes. The nights are always cool, and the fruitful soil is capable of producing very many of the fruits and most of the vegetables of the temperate Zone.

Descending these Mountains on the western side, the road, as yet not improved, and therefore exceedingly steep and

difficult, passable only for horses and mules, leads to the Waterfall of Tijuca, a view of which will be given in a future plate.

The two Negroes seen in the foreground are cutting capim, a sort of guinea grass, brought from Angola, of which horses and cattle are exceedingly fond; it grows several feet high, and may be cut five or six times a year.

The Plants with large leaves are young Banana trees.

FORT SANTA CRUZ

(Plate on page 145)

THIS is the most important and the most formidable of all the Forts forming the defence of the Harbour of Rio de Janeiro, of which it entirely commands the entrance. It is built of stone, and stands on the low projecting point of rock nearly level with the Sea, on the Eastern side, presenting three faces, whereon are mounted about 120 pieces of Cannon. Those on the South or Sea Face are 32-pounders; on the West 24-pounders; on the North 18-pounders.

It is separated from the main land by a wide and deep ditch, cut from side to side, quite through the solid granite of which the Mountain is formed, over which a small Bridge communicates with a narrow winding path leading along the side of the rock up to the Fortaleza do Pico, another Fort situated on the summit, and extending thence directly across to the nearest Hill; a small part of which, and the Flag Staff, are seen in the Plate.

The Fort of Pico, from its very great height, could not be of much use in opposing the approach of Enemy's Ships, but, in the event of Santa Cruz being stormed or evacuated, would afford the Garrison a secure place of retreat from whence they might terribly annoy the enemy below; its position being

directly above and looking into it. There is a path on the other side of the Hill from Pico down to the water side in the Bay branching to the Eastward, called the Sacco.

All ships passing Fort Santa Cruz are hailed, and in the night directed where to anchor till the morning. Signals, consisting of guns and false fires, are made after dark to announce to the Officers at the Palace in the City whether the vessel entering is foreign or national, a ship of war or merchantman; in the day time, flags distinguish the nation to which she belongs.

Neither this Fort, nor any of those defending the Harbour, were in an efficient state until the arrival of intelligence in 1819, that a Spanish Expedition was about to sail from Cadiz against Montevideo, when they were put into a complete state of defence.

The approach to the Harbour is defended on the outside by the Batteries of Praia Vermelha on the West; the immediate entrance by Fort Santa Cruz on the East, opposite by the Batteries of San João and San Joze, and San Theodosio adjoining the Sugar Loaf; by the Lagé in the Mid Channel; and by the Battery of Boa Viagem a little within Santa Cruz. The inside of the Harbour by the Fort of Vilgalhon and that of Gravatá opposite; by a Battery on the Castle Hill and the Fortifications on the Ilha das Cobras.

THE LAZARETTO

(Plate on page 151)

THE Lazaretto stands on the brow of a small Hill, close to the Water, forming one extremity of the Bay of St. Christoval, about four miles N. W. from Rio. It was formerly a House of Recreation belonging to the Jesuits, and subsequently used as an Hospital for those afflicted with Leprosy. But these

having been removed to one of the small Islands in the Bay, it has for some years back been used as a Barrack by the Regiment of Portuguese Caçadores, who have borne so prominent a part in the late political changes.

The intermediate Land is low and swampy, and at spring tides is partly covered with Water.

The View is taken from a small Hill near Rio Comprido, on the Road towards Tijuca.

TWO EXTERIOR VIEWS OF THE LAND IN THE NEIGHBOURHOOD OF RIO DE JANEIRO

(Plate on pages 156/157)

THIS Plate contains two Views of the extraordinary configuration of the mountains about the Entrance, and in the Neighbourhood, of the magnificent Bay of Rio de Janeiro.

In the upper one is represented the land as it appears when approached from the south west. The mouth of the harbour being distant between four and five leagues, and bearing about north-north-east.

The Mountain with a flat or table top is called the Gavia, the Portuguese word for topsail, to which it is presumed therefore it must originally have been conceived to bear resemblance. It is one of the highest in the neighbourhood; the sides near the top are exceedingly steep. The whole mountain is said to be the favourite resort of runaway negroes. Further eastward is seen the Corcovado, whose summit, rising to a point, is between 1500 and 1600 feet above the level of the sea. This mountain is remarkable for its great variety of appearance according as it is seen from different points of view.

In clear weather, when not capped with clouds, which however is most usually the case, it serves as a beacon for ships

destined for the harbour, until the Pão d'Assucar, or Sugar Loaf, a single block of granite about 900 feet in height and inclining considerably towards the west, rises from the ocean and points out the Entrance, of which it forms the western side.

Ilha Redonda, or Round Island, situate about two leagues south of the Sugar Loaf intercepts the view of the east point of the harbour's mouth.

The lower View shows the entrance as it appears when about two miles distant. The Gavia is still seen on the extreme left, somewhat detached from the general group; and the lofty summits of the Tijuca mountains are seen apparently midway between it and the Corcovado, which is now become considerably altered in appearance.

Nearly in front and somewhat within the Entrance is Fort Lagé, whose name is derived from the reef of rocks whereon it is built. It is furnished with very heavy cannon, and capable from its situation of doing great execution in moderate weather.

The French attempted to establish themselves on this spot before they took possession of the island of Vilgalhon (farther up the harbour) in the year 1555, but were actually driven from it by the sea, which, during and after gales of wind, breaks over it with great violence.

At such times whilst the waves are making a fair breach over the whole of the fort, the garrison is reduced to great distress; it being then too dangerous for boats to approach, and impossible to render any assistance. The signal of distress is frequently seen flying, and sometimes even during a whole day.

On the right or eastern side of the Entrance is the strong fort of Santa Cruz, built upon the point close to the sea,

immediately behind which rises a high hill, composed, like all the others in the neighbourhood, almost entirely of granite. The distance across from Fort Santa Cruz to the batteries of San José and San Theodoso immediately opposite, is estimated at 850 Portuguese braças, or nearly an English mile and a quarter.

In the opening west of the Sugar Loaf close to the sea is another low fort called Praia Vermelha, or Red Beach, extending entirely across the flat ground between the mountains.

Over Fort Lagé are seen some of the buildings on the hill which commands the town, and to the right the shipping at anchor.

The mountains in the distance are a part of the chain called Serra dos Orgãos, or Organ Mountains, with some intermediate ranges between them and the bay.

THE SLAVE MARKET

(Plate on page 161)

IN the North-West part of the City is the Street called Vallongo, or Long Valley, where Slaves are sold; for, properly speaking, there is no Slave Market. The lower parts of the houses are allotted for these unhappy Beings, who sit huddled together in rows, one behind the other, waiting to be purchased. A Keeper constantly walks about to keep order amongst them, which is not difficult, as their demeanour is very peaceable, and frequently gay. They are encouraged to sing and be merry, and whether from their enjoying greater liberty, and having better food and kinder treatment than on board ship, their countenances bear few signs of sadness.

In the evenings they are allowed to sit at the door, and in front of the house, for the benefit of the air. Those that are

indisposed are taken out to walk, and truth requires it to be added that they are neither cruelly nor harshly treated.

When a person is desirous of making a purchase, he visits the different Depôts, going from one house to another, until he sees such as please him, who, upon being called out, undergo the operations of being felt and handled in various parts of the body and limbs, precisely after the manner of Cattle in a Market. They are made to walk, to run, to stretch their arms and legs violently, to speak, and to show their tongue and teeth; which latter are considered as the surest marks whereby to discover their age and judge of their health.

The Plate represents an elderly Brazilian examining the Teeth of a Negress previous to purchase, whilst the Dealer, a Cigano, is vehemently exercising his oratory in praise of her perfections. The Woman looking on is the Purchaser's Servant Maid, who is most frequently consulted on such occasions.

The number of wretched Africans imported into Rio de Janeiro every year from Congo, Angola, Benguella, or Moçambique may be computed to average about 20,000; rarely falling short of 18,000, and as rarely exceeding 22,000. The revenue the State derives from this inhuman traffick may be estimated at about 80,000 sterling, per Annum. The sufferings of the miserable Captives during the voyage from Africa are not to be described.

PRETOS DE GANHO OR BLACK PORTERS

(Plate on page 167)

THE two modes by which wine and other heavy articles are conveyed, are here represented.

The Negroes who are employed as hired porters to carry burthens, are always to be found in considerable numbers, in the wide part of the Rua Direita, near the Custom House, with

ponderous poles and strong ropes for carrying, or with low, badly contrived trucks for dragging merchandize from place to place.

These men are generally, perhaps it may be said invariably, Slaves working for their masters, to whom they pay a fixed sum every evening upon their return home, keeping for themselves the overplus, if any, of what they may have earned; and at other times, after a bad day, making up the deficiency.

Many families are entirely supported by Slaves of this description.

When the burthen is too great for one man, it is slung to one of these poles, and thus carried by two to its place of destination; with still heavier loads, four, six, or even more, are called in, as the case may require; one of them generally bargains for the whole, and acts as their leader, or as he is called, Capataz. When all is ready they gently raise the burthen, and, each putting his hand on his neighbour's shoulder for support, begin to move; to maintain the regularity of step, so necessary to produce uniformity of effort, the Capataz chants a few African words, at the close of which the whole body join in chorus, and thus singing, and stepping together, they perform the service undertaken.

The Negroe Porters of Rio are however, either not so powerful, or not so willing to exert their power, as their fellow labourers the Gallegos at Lisbon, where four make no difficulty in carrying a pipe of wine, whilst at the former, less than eight will not attempt to lift one.

The truck is a most inconvenient unmanageable machine, with low solid wheels fixed to the axle-trees, which therefore turn round with them; and the bed, being merely laid upon the axles, (which are received in a semicircular concavity, rudely formed, having nothing to secure them in their

position,) is constantly slipping from its place, causing delay, besides great additional labour.

The load to be carried is first firmly fixed, and then the truck is dragged along in the manner represented. The Capataz generally contrives to get behind, and push the load forward, saving himself, at the expense of his people, to whom he sings, and by whom he is answered in chorus, as before described.

The houses seen are in the Rua Direita, the great street of commercial traffic; the street branching off is Rua das Violas.

SICK NEGROES

(Plate on page 171)

IN early Morning, but more usually about Sun-set, Parties of newly-imported invalid Negroes are seen taking the Air, in the Suburbs, under the care of a Capataz, or Keeper, who generally bears the Badge of his Office — a Whip — more for show than use.

These miserable Creatures, actually reduced to Skin and Bone, have the appearance of Scarecrows, and it is sometimes extraordinary how such emaciated Beings can muster sufficient strength to walk about.

The other two Negroes, totally unconcerned at the passing scene, and inattentive to every thing but their Musick, to which, as well as to Dancing and Finery, they are all passionately given, are pursuing their way. One a Native of Moçambique, playing upon the rude Instrument of his Country, called the Madimba, a sort of Violin with a single Wire; whilst the other, a Congo Negro, is performing a different tune upon the Sambee, an Instrument of his Country. Native Airs are generally preferred by them to all others, and when these Instruments are in the hands of Proficients, the Musick they are made to produce is by no means unpleasing.

GALLEY SLAVES

(Plate on page 173)

AMONGST the various Characters and Costumes to be met with in the Streets of Rio, are the Galley Slaves or, more properly speaking, the gangs of Condemned Felons, employed under the superintendance of a Guard to fetch Provisions and Water for their fellow Prisoners, besides furnishing the Palace, Hospital, and some of the Publick Departaments with the latter useful article.

These Men, who are invariably Culprits of the worst description, few of them free from the horrid crime of Murder, are securely chained together by the neck, before they leave the Prison, and appear to feel neither their degraded state, nor the broiling heat of the Sun to which they are exposed.

They generally walk at a smart pace, and carry in their hands various trifling Utensils of Bone of their own manufacture, which they are permitted to sell.

A White Negress, of which there are several in Rio, is seen carrying Sugar Cane and Caju Apples. These poor people are disgusting objects, and like the Albinas of Europe, see best at twilight.

The Buildings seen in the distance at the foot of the highest Hill on the opposite Shore are the Armacão; a set of Offices and Warehouses occupied by the Contractors for the Whale Fishery near St. Sebastian's.

FOOD FOR CRIMINALS

(Plate on page 177)

In a former Plate some Criminals were represented chained together, carrying Water. In the present one they appear employed in carrying the daily pittance given by the Hospital

of San José for the subsistence of their miserable brethren in the Gaol. The Box on the Head of the foremost contains Bread or Biscuit — the suspended Iron Pot, the Soup, Meat, and Vegetables.

These Wretches have, in general, committed such atrocious crimes, that little commiseration is felt for their situation: the worst and most hardened are distinguished by Irons round the Leg, in addition to those on the Neck.

The Aljube, or common Gaol, where they are confined, is a most noisome place, and the sink of every kind of wretchedness and vice.

Persons occasionally confined by order of the Magistrates, are put down into the lowest Cells, amongst the worst and most desperate Outcasts, unless they comply with all the exorbitant demands of the Gaoler, and thus forced to consent to whatever sums he chooses to extort as the price of breathing a less fetid air, and of release from Wretches so abandoned that their bare touch is a contamination, the thought of which makes one shudder. Unfortunately no redress is to be obtained for such practices.

The View is in the City.

FUNERAL OF A NEGRO

(Plate on page 183)

THIS Plate represents the mode in which dead Negroes are carried to the Burial Ground allotted for their Interment — the Cemetery of the Misericordia.

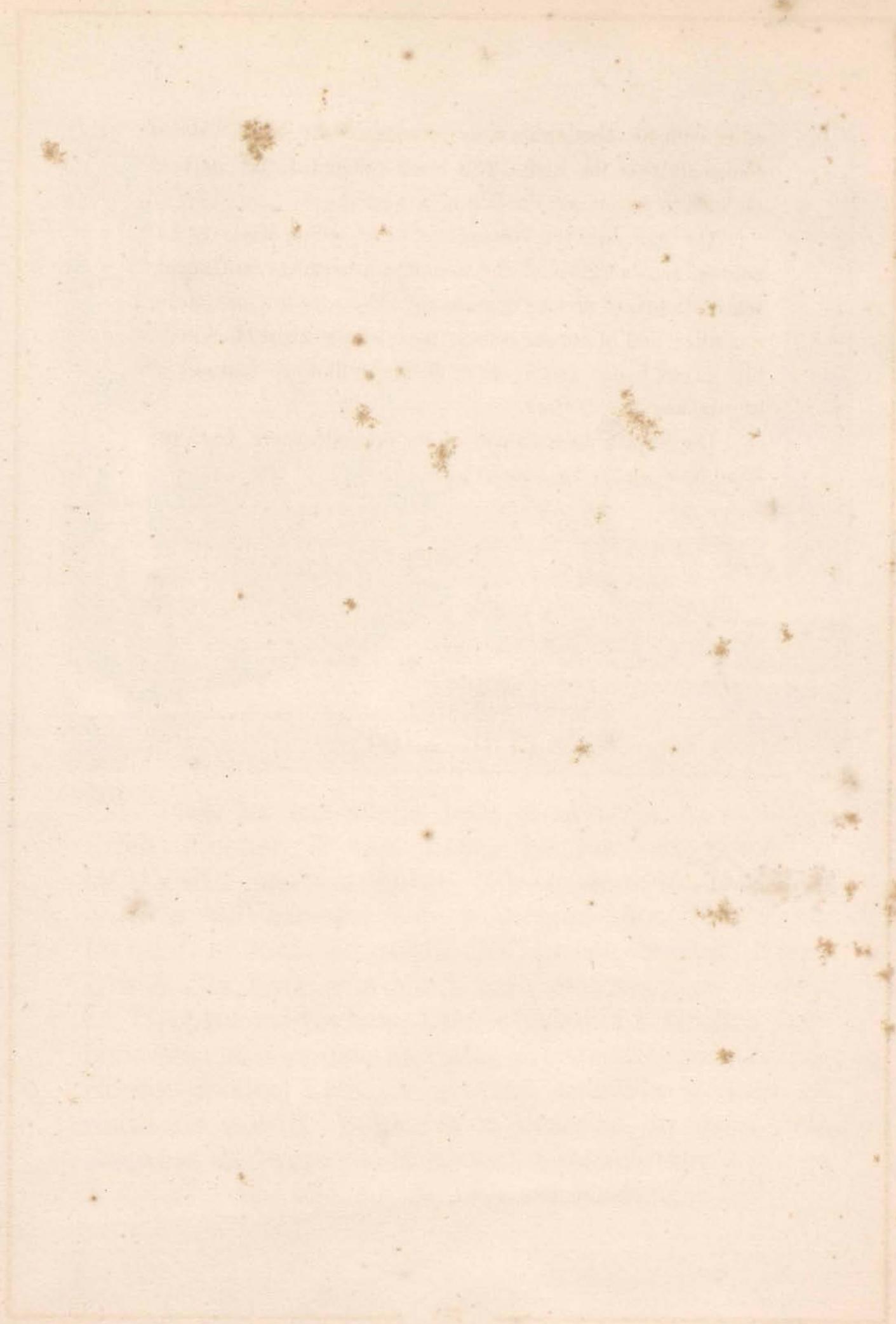
The Corpse is sewn up in a coarse Bag, put into a Hammock slung to a Pole, and an old Blanket flung over all. It is thus carried to the Grave by two Negroes, without ceremony or Mourners; a short Prayer is then muttered over the Body, and the Earth is thrown in by one of the Polebearers, whilst the

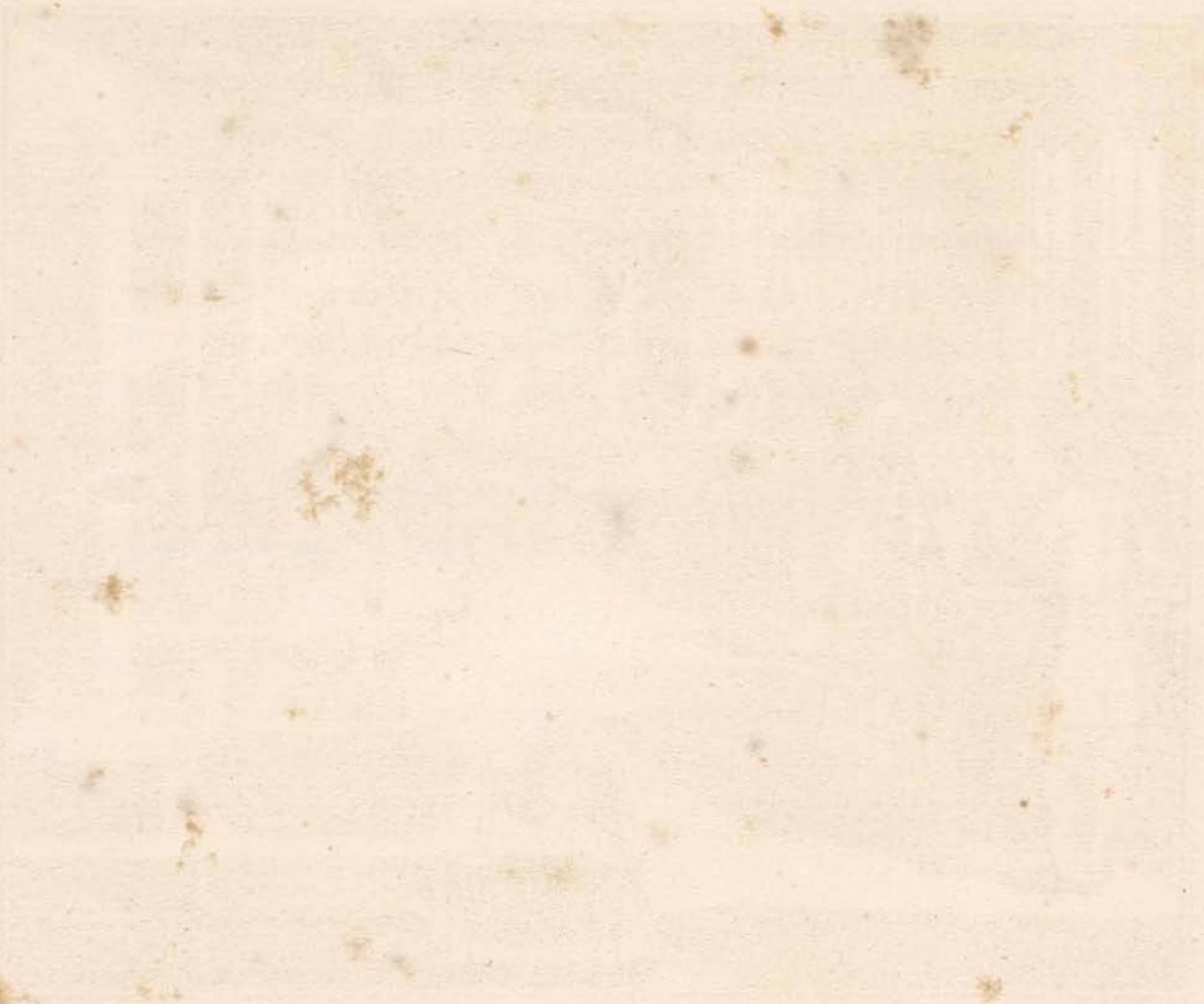
other with his Feet and a heavy wooden Stake, beats it down compactly over the Body. This being concluded, they depart. — Such is the simple Funeral of a Negro!

The Man, with the Woman and Child selling Mats, are Caboucos, or Aborigines of the Country; a harmless inoffensive set of People, of serious deportment. They are low in stature, muscular, and of copper colour; have long straight black hair, high cheek bones, and in short, all the wellknown features of the Indians of America.

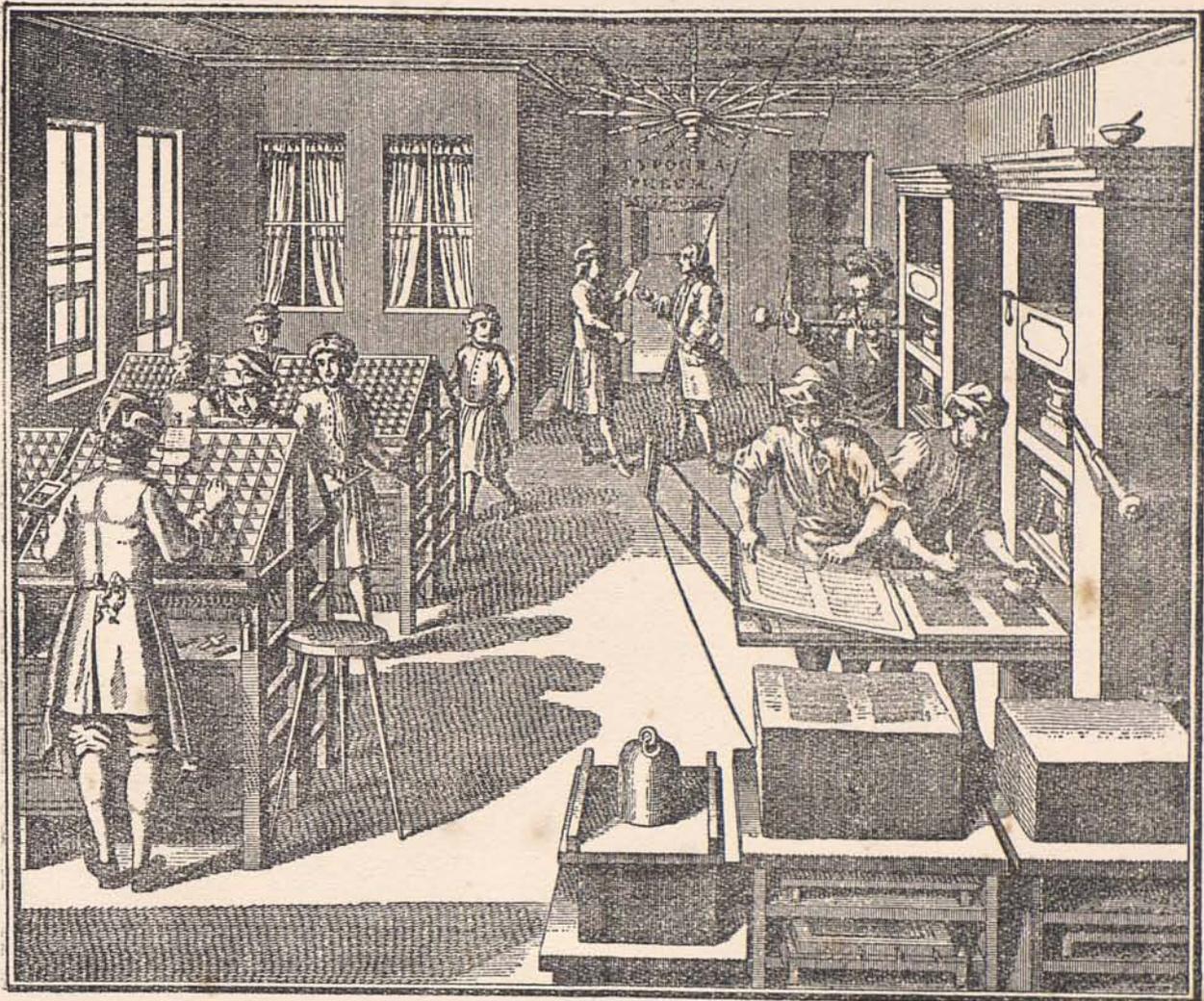
The View represents part of the opposite Shore, from the Road between the Lapa and Gloria.

(THE END)





Faint, illegible text or markings located in the lower half of the page, appearing as light grey or brownish smudges and ghosting of characters.



Esta obra foi executada para a Livraria Kosmos de Erich Eichner & Cia. Ltda., no ano da graça de MCMXLIII, na mui nobre cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, sob a direção dos Srs. Erich Eichner e José Bernstein. As firmas Irmãos Brum, Latt & Cia. Ltda. e Ateliers Esto gravaram os clichés, as Tipografias: Carioca, Irmãos Barthel e Gráfica Barbero imprimiram com as tintas preparadas por Ch. Lorilleux & Cia. Ltda. A gravura colorida a mão foi realizada por F. Moldan e o desenho da capa pela Empresa de Propaganda Época. A encadernação fêz-se nas oficinas da Livraria Kosmos.